



ANTROPOLOGIA

Antropologia Social e Cultural • Arqueologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

COLEGIADO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

Bacharelado em Antropologia

Pelotas, junho de 2023

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

Bacharelado em Antropologia

REDATORES/AS DO PROJETO

Adriane Luisa Rodolpho (Coordenação)

Claudia Turra Magni

Cláudio Baptista Carle

Flavia Maria Silva Rieth

Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Jaime Mujica Sallés

Lori Altmann

Louise Prado Alfonso

Renata Menasche

Rogério Réus Gonçalves da Rosa

Rosane Aparecida Rubert

Pelotas, junho de 2023.

SUMÁRIO

I - PROPOSTA PEDAGÓGICA1111

1. CONTEXTUALIZAÇÃO1111

1.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS1111

1.1.1. Dados de Identificação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel1111

QUADRO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPel1111

1.1.2. Histórico e Contexto da Universidade Federal de Pelotas1112

1.2. CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA1117

1.2.1. Dados de Identificação do Curso1117

1.2.2. Histórico e Contexto do Curso de Bacharelado em Antropologia1118

1.2.3. Legislação considerada no PPC1119

2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA1123

2.1. OBJETIVOS DO CURSO1124

2.2. PERFIL DO EGRESSO1125

2.3. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES1126

3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR1126

3.1. ESTRUTURA CURRICULAR1136

3.2. TABELA SÍNTESE – ESTRUTURA CURRICULAR1136

TABELA 1: TABELA SÍNTESE PARA A INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR1136

3.3. MATRIZ CURRICULAR1137

QUADRO 3: MATRIZ CURRICULAR1137

3.4. FLUXOGRAMA DO CURSO1141

3.5. COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS1143

QUADRO 4: QUADRO DE COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS1143

3.6. ESTÁGIO SUPERVISIONADO (NÃO-OBRIGATÓRIO)1148

3.7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)1152

3.8. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR1153

QUADRO 5: ATRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES1154

3.9. FORMAÇÃO EM EXTENSÃO1155

TABELA 2: TABELA SÍNTESE DA FORMAÇÃO EM EXTENSÃO1156

3.10. REGRAS DE TRANSIÇÃO – EQUIVALÊNCIA ENTRE OS COMPONENTES CURRICULARES1156

3.11. CARACTERIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS (ementário e bibliografia)1158

QUADRO 7: CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES1158

4. SISTEMA DE AVALIAÇÃO E GESTÃO DO CURSO1351

4.1 Sistema de avaliação do processo de ensino aprendizagem e apoio ao/à estudante1353

5. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO1357

6. INTEGRAÇÃO COM OUTROS CURSOS E COM A PÓS-GRADUAÇÃO1357

7. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM1358

8. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)1359

II - QUADRO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO1360

III - INFRAESTRUTURA1363

REFERÊNCIAS1370

I - PROPOSTA PEDAGÓGICA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

1.1.1. Dados de Identificação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

QUADRO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL

Mantenedora: Ministério da Educação		
IES: Universidade Federal de Pelotas – UFPel		
Natureza Jurídica: Fundação de Direito Público - Federal	CNPJ/MF: 92.242080/0001-00	
Endereço: Rua Gomes Carneiro, 1 – Centro, CEP 96010-610, Pelotas, RS – Brasil	Fone: +55 53 3921.1024	
	Site: www.ufpel.edu.br e-mail: reitor@ufpel.edu.br	
Ato Regulatório: Credenciamento/ Decreto Nº documento: 49529 Data de Publicação: 13/12/1960	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Recredenciamento Decreto Nº documento: 484 Data de Publicação: 22/05/2018	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Credenciamento EAD Portaria Nº documento: 1.265 Data de Publicação: 29/09/2017	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
CI – Conceito Institucional:	4	2017
CI – EAD - Conceito Institucional EAD:	3	2013
IGC – índice Geral de Cursos:	4	2021
IGC Contínuo:	3, 5813	2021
Reitor: Isabela Fernandes Andrade	Gestão 2021-2024	

1.1.2. Histórico e Contexto da Universidade Federal de Pelotas

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi criada pelo Decreto-Lei nº 750, de 8 de agosto de 1969 e a sua natureza social foi anunciada em Estatuto. Sua história remonta à Universidade Rural do Sul (URS) que foi federalizada em 1967, pelo decreto nº 60.731. Nesta ocasião a Universidade foi transferida para o Ministério da Educação e Cultura e passou a denominar-se Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul (UFRRS). Em 8 de agosto de 1969, foi assinado o decreto que transformou a Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul em Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Segundo seu Estatuto, trata-se de uma Fundação de Direito Público, dotada de personalidade jurídica como órgão da Administração Federal Indireta, com autonomia financeira, administrativa, didático-científica e disciplinar, de duração ilimitada, com sede e foro jurídico no município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, regendo-se pela legislação federal do ensino, pelas demais leis que lhe forem atinentes, pelo Estatuto da Fundação e pelo Regimento Geral.

Em 1991, a comunidade universitária, formada por estudantes, professores/as e técnico-administrativos/as em educação, produziu o primeiro Projeto Pedagógico da UFPel. Este foi atualizado em 2003 e está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://wp.ufpel.edu.br/pdi/ppi-projeto-pedagogico-institucional/>. A partir do PPI, em 2015, foi constituído o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI da UFPEL. O PDI explicita os compromissos coletivos e os esforços a serem feitos para, continuamente, aproximar a Universidade existente daquela prevista em seu Projeto Pedagógico (PDI 2015). Os grandes eixos de seu programa de gestão são: qualidade acadêmica, compromisso social, desenvolvimento de pessoas e democracia institucional, estes internalizados em todos os órgãos da instituição.

A UFPel tem como missão: promover a formação integral e permanente do/a profissional, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos/as com os valores da vida com a construção e o progresso da sociedade. Sua visão institucional prevê ser

reconhecida como Universidade de referência pelo comprometimento com a formação inovadora e empreendedora capaz de prestar para a sociedade serviços de qualidade, com dinamismo e criatividade.

A missão da Universidade será cumprida mediante o desenvolvimento simultâneo e indissociável das atividades de ensino, pesquisa e extensão, com qualidade socialmente referenciada. A UFPel ainda segundo seu Estatuto (1969), tem como objetivo fundamental, a educação, o ensino, a pesquisa, a extensão e a formação profissional e pós-graduada em nível universitário, assim como o desenvolvimento científico, tecnológico, filosófico e artístico e a busca de inovação tecnológica, estruturando-se de modo a manter a sua natureza orgânica, social e comunitária:

- "a) Como instituição orgânica, assegurando perfeita integração e intercomunicação de seus elementos constitutivos;
- b) Como instituição social, pondo-se a serviço do desenvolvimento e das aspirações coletivas;
- c) Como instituição comunitária, contribuindo para o estabelecimento de condições de convivência, segundo os princípios de liberdade, justiça e respeito aos direitos e demais valores humanos." (UFPEL, 1969)

O órgão máximo da Universidade, com funções normativa, consultiva e deliberativa, é o Conselho Universitário; as deliberações sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão são da competência do COCEPE, com funções consultiva, normativa e deliberativa; e o órgão fiscalizador da gestão econômica financeira é o Conselho Diretor da Fundação.

Sua estrutura organizacional também envolve as seguintes Pró-Reitorias: Pró-Reitoria de Ensino, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Pró-Reitoria de Gestão da Informação Comunicação, Pró-Reitoria Administrativa, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento. Assim como as seguintes comissões: Comissão de Ética (CE), Comissão Própria de Avaliação (CPA), Comissão

Permanente de Pessoal Docente (CPPD), Comissão Permanente de Processos Administrativos Disciplinares (CPPAD) e CIS – Comissão Interna de Supervisão da Carreira dos/as Servidores/as Técnico Administrativos/as (CIS).

As atividades que acontecem durante o ano letivo são apresentadas anualmente pelo calendário acadêmico da Instituição.

Existem diferentes Modalidades de ingresso UFPel:

- Pelo Sistema Informatizado (SISU) do Ministério da Educação, por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos/as participantes do Enem;

- Na UFPel o Vestibular é a forma de ingresso nos cursos à distância, que são vinculados à (CPED);

- Pelo Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação, constituindo-se em um processo gradual e sistemático, que acontece ao longo do Ensino Médio (E. M.), alicerçado na integração entre a educação básica e a superior, visando à melhoria da qualidade do ensino. Cabe destacar que, a partir de 2017, a fixação do número de vagas para o PAVE é de até 20% do total disponível em cada curso oferecido pela UFPel.

Além disso, a a Resolução nº 42/2017, aprovada pelo Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) da UFPel criou dez vagas especiais, voltadas para estudantes provenientes de comunidades indígenas e quilombolas. A criação de vagas específicas para quilombolas e indígenas está amparada pela lei 12.711 e pelo decreto 7824, ambos de 2012, que permitem e incentivam os novos espaços de acesso para grupos cuja possibilidade de ingresso na universidade é dificultada por diversas condições sociais e culturais.

O Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão – COCEPE, através da Resolução 05/2016, estabeleceu critérios e procedimentos de seleção para

ingresso em cursos de graduação da UFPel nas modalidades Reopção, Reingresso, Transferência e Portador de Diploma de Ensino Superior.

Atualmente, a UFPel oferece 98 cursos presenciais de graduação e 41 programas de pós-graduação. Além dos cursos presenciais, a UFPel participa do programa do governo federal “Universidade Aberta do Brasil (UAB)”, promovendo a modalidade de ensino de educação à distância, o que possibilita o acesso à educação superior a um público ainda maior.

A comunidade universitária é formada por 1313 docentes e 1364 técnicos/as administrativos/as, o que contribuiu para que sejam atendidos mais de 18.000 alunos/as, formados/as 350 grupos de pesquisas certificados pelo CNPq, 5.037 projetos de pesquisa e 585 bolsistas cadastrados na instituição.

Pelotas trata-se da maior cidade da Região Sul do Rio Grande do Sul - RS, e da terceira do estado do RS em termos populacionais. A mencionada região é composta por 23 municípios, sendo estes: Aceguá, Amaral Ferrador, Arroio do Padre, Arroio Grande, Candiota, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul e Turuçu. De acordo com o Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria - ITEPA (2014) essa região também possui aproximadamente 900.000 habitantes.

A Região Sul é banhada pelo Oceano Atlântico e por rios e lagoas. Tem clima temperado e faz parte do bioma pampa, caracterizado por campos e planícies. Pelotas situa-se às margens do Canal São Gonçalo que faz a ligação entre a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim. Está a 260 km de Porto Alegre, capital do estado e a 620 km de Montevideu, capital da República Oriental do Uruguai. Conforme o plano diretor vigente no município (2008), a área urbana de Pelotas está dividida em sete regiões administrativas urbanas e nove distritos rurais.

Segundo a Emater, na região de Pelotas predomina a cultura do arroz irrigado, seguido da pecuária de corte, leite, ovinocultura, fruticultura atividade pesqueira e

hortigranjeiros. Também se destacam as culturas de milho, feijão, fumo, a industrialização das frutas e a atuação das cooperativas de laticínios. Cerca de 90% da área de pomares do estado estão situados na região, com destaque para a produção de pêssego destinado à indústria. Na produção agrícola, além do arroz, o fumo e a cebola constituem produtos importantes. Na produção animal, a região se distingue com o rebanho de bovinos, equinos, ovinos e caprinos. A região também produz 14% da lã do Estado.

Na indústria encontram-se aquelas ligadas ao setor de agronegócios, têxtil, curtimento de couro, panificação, vestuário, moveleiro e calçadista. Reflorestamento para produção de papel e celulose apresenta-se como uma atividade econômica emergente na região. Ademais, o município é grande centro comercial.

Na área da educação, o município conta com cinco instituições de ensino superior (universidades): Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Anhanguera Educacional e Faculdade de Tecnologia Senac-RS. Também possui três escolas técnicas: Escola Técnica Estadual João XXIII, Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello e o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG), chamado de Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Visconde da Graça, vinculado ao IFSUL (antigo CEFET-RS).

Segundo dados do IBGE, em 2015 eram 12.208 alunas e alunos matriculadas/os no ensino médio em Pelotas. Em todo o estado do Rio Grande do Sul são mais de 384.939 matrículas no ensino médio. Para além deste potencial de alunos/as que concluem o ensino médio na cidade ou no estado do Rio Grande do Sul, potenciais candidatos/as a ingressar nos diferentes cursos da UPel, salienta-se que esse universo é bem maior, pois a universidade recebe alunos/as de todo país e também do exterior, devido à amplitude das modalidades de ingresso na Instituição.

1.2. CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

1.2.1. Dados de Identificação do Curso

Quadro 2 – Dados de identificação do Bacharelado em Antropologia – UFPel

Curso: Bacharelado em Antropologia	
Código: 113575	
Unidade: Instituto de Ciências Humanas ICH – UFPel	
Endereço: R. Cel. Alberto Rosa, 154 - Centro, Pelotas - RS, 96010-770	Fone: + 55 53 3284.5525
	Site: e-mail: ich@ufpel.edu.br
Diretor da Unidade: Prof. Dr. Sebastião Peres	Gestão: 2022-2026
Coordenadora do Colegiado: Profa. Dra. Adriane Luisa Rodolpho	Gestão: 2023-2025
Tempo de exercício na IES: 14 anos	Tempo neste cargo de coordenação: 1 mês
Número de Vagas do Curso: 27	Modalidade: presencial
Regime Acadêmico: semestral por sistema de créditos	Carga Horária Total: 2.550 horas (60 minutos)
Turno de Funcionamento: integral (vespertino e noturno)	Tempo de Integralização: Mínimo: 08 semestres Máximo: 14 semestres
Titulação Conferida: Bacharel em Antropologia	
Ato de autorização do curso: Parecer favorável do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) (processo UFPEL nº 23110. 003054/2008-41).	
Reconhecimento do Curso: Portaria número 45 de 22 de janeiro de 2015. Publicada no Diário Oficial da União dia 23 de janeiro de 2015.	
Resultado do Enade no último triênio: não se aplica	
Conceito de Curso (CC): (avaliação <i>in loco</i> em 27 de agosto de 2014) disponível em http://emec.mec.gov.br)	

Formas de ingresso: SISU e PAVE
Relação de convênios vigentes do curso com outras instituições: Não existem.

1.2.2. Histórico e Contexto do Curso de Bacharelado em Antropologia

O curso de graduação em Antropologia, criado em 2008, faz parte do Departamento de Antropologia e Arqueologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Esteve inserido em um movimento de (re) aproximação estratégica, oportuna e inovadora entre a Antropologia Social e Cultural e a Arqueologia no país.

A aprovação do projeto pedagógico do curso Bacharelado em Antropologia pelo Conselho Coordenador do Ensino (COCEPE), conforme Processo nº 23110.003054/2008-41, introduziu um novo marco na história da Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Durante seus 10 primeiros anos de existência manteve-se a aproximação entre Antropologia e Arqueologia a qual se ancora nas tradições norte-americana e latino-americana. Na maioria dos países de língua espanhola do continente americano, por exemplo, México, Peru, Bolívia, Argentina, Uruguai, Paraguai, atuam, nos cursos de Antropologia, tanto antropólogos/as como arqueólogos/as. O mesmo é verdade nos Estados Unidos e Canadá.

Fomenta-se, também, a aproximação com outros campos do conhecimento, como a Sociologia, a Política, a História, a Etnomusicologia, as Letras. Tendo em vista a interface entre ensino, pesquisas e extensão com a abertura para a Antropologia Visual, a Antropologia Política, os Estudos Rurais e Urbanos e outros campos da Antropologia.

No Brasil, essa proposta de Curso foi inserida no espírito de renovação acadêmica em voga no país. Há cursos de graduação em Antropologia, atualmente, na Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC), na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Federal de Roraima (UFRR), na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

A originalidade da UFPEL foi o bacharelado em Antropologia com Linha de Formação em Antropologia Social e Cultural e Linha de Formação em Arqueologia, mas que agora se altera pela nova lei de profissionalização, mas que mantém o mesmo perfil interdisciplinar na formação dos antropólogos/as.

Este projeto que hora se apresenta tem por finalidade se adequar a separação das duas linhas de formação, com a formação do Bacharelado em Arqueologia motivada pela regulamentação da profissão de Arqueólogo - Lei de Arqueologia (Lei nº 13.653, de 18 de abril de 2018 - Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências).

A proposta de bacharelado continua voltada para uma formação holística, de caráter inter, multi e transdisciplinar, aliando saberes técnico-científicos com compromissos éticos e sociais. Esta perspectiva profissional também vai ao encontro de demandas da sociedade e do mundo de trabalho: prefeituras municipais, governos estaduais, FUNAI, INCRA, MPF, empresas de consultoria científica, ONGs, educação superior etc.

Para tanto, a graduação conta com técnicos capacitados e com um corpo docente experiente e qualificado nas melhores universidades do país e do exterior. Também funciona com o apoio de laboratórios, grupos de pesquisa e núcleos de estudo, nos quais são desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa e extensão, orientadas pela busca de um equilíbrio entre teoria e prática.

1.2.3. Legislação considerada no PPC

BRASIL, Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica,

e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

BRASIL, Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL, Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.

BRASIL. CN. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

BRASIL. CNE, Resolução Nº 1 de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. CNE. Parecer Nº 492 de 03 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 1 de 23 de janeiro de 2012. Dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 1 de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 17 de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 2 de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 2 de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

BRASIL. Congresso Federal. Lei n 9.795 – de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental. Institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Constituição 1988. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 2003.

BRASIL. Decreto nº 49.529 de 12 de Dezembro de 1960. Cria Universidade Rural do Sul e dá outras providências.

BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Versa sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais.

BRASIL. Decreto Nº 6.944 de 21 de agosto de 2009. Estabelece medidas organizacionais para o aprimoramento da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, dispõe sobre normas gerais relativas a concursos públicos, organiza sob a forma de sistema as atividades de organização e inovação institucional do Governo Federal, e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 60.731, de 19 de Maio de 1967. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 7.824 de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 750 de 8 de agosto de 1969. Provê sobre a transformação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e dá outras providências.

BRASIL. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008. 6 p.

BRASIL. Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria nº 1.134 de 10 de outubro de 2016. Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Normativa nº 18 de 11 de outubro de 2012. Dispõe sobre a implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino de que tratam a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012.

BRASIL. Orientação Normativa Nº 2, de 24 de junho de 2016. Estabelece orientação sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional.

CONVENÇÃO, N. 169 sobre povos indígenas e tribais. Resolução referente à ação da OIT/Organização Internacional do Trabalho. Brasília: OIT, 2011.

Estágios obrigatórios e não obrigatórios por alunos da UFPel Universidade Federal de Pelotas.

INSTITUTO TÉCNICO DE PESQUISA E ASSESSORIA. Banco de Dados Zona Sul. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2014.

Parecer CNE/CES nº 1.363/2001.

Parecer CNE/CES nº 224/2004.

Prefeitura Municipal de Pelotas. 2008. III Plano Diretor de Pelotas. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/arquivos/lei_5502.pdf>. Acesso em: 10/10/2017.

UFPEL. Projeto Pedagógico Institucional. 2003.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 02 de 01 de fevereiro de 2006. Regulamenta o Tempo de Permanência dos acadêmicos na Universidade Federal de Pelotas.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 03 de 08 de junho de 2009. Dispõe sobre os Estágios obrigatórios e não obrigatórios, concedidos pela Universidade Federal de Pelotas.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 04 de 08 de junho de 2009. Dispõe sobre a realização de

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 22 de 19 de julho de 2018. Dispõe sobre as diretrizes de funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 27 de 14 de setembro de 2017. Aprova indicadores de qualidade para os projetos, programas e atividades de ensino a distância.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 29 de 13 de setembro de 2018. Dispõe sobre o Regulamento do Ensino de Graduação na UFPel.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 42 de 16 de novembro de 2017. Dispõe sobre a abertura de vagas específicas em curso de graduação da UFPel (Estudantes indígenas e quilombolas).

UFPEL. ESTATUTO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. 1969.

UFPEL. Resolução nº 13 de 10 de novembro de 2015. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPel.

UNESCO. Convenção de 14 de dezembro de 1960. Convenção relativa à Luta contra a Discriminação no campo do Ensino.

2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

As propostas deste Projeto Pedagógico também estão alinhadas ao Projeto Pedagógico Institucional (PPI - elaborado em 1991 e atualizado em 2003) e ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI – elaborado em 2015) da Universidade Federal de Pelotas, que indicam o compromisso com a formação de profissionais críticos, criativos, autônomos, transformadores e responsáveis, assim como a indissociabilidade entre Ensino, Extensão e Pesquisa que promove a permanente atenção aos interesses da coletividade e da Região. Este Projeto está comprometido com um ENSINO que favoreça uma formação ampla e que garanta uma educação comprometida com a transformação social, a valorização do meio ambiente, a responsabilidade ética e o pensamento crítico; com atividades de PESQUISA que garantam um ensino atualizado, associado ao desenvolvimento da prática profissional e a produção do conhecimento; e com uma prática da EXTENSÃO que garanta o compromisso social da atividade universitária,

promovendo a integração transformadora com a sociedade de modo a contribuir com os interesses e desafios coletivos.

A aprovação do projeto pedagógico do curso Bacharelado em Antropologia pelo Conselho Coordenador do Ensino (COCEPE), conforme Processo nº 23110.003054/2008-41, introduziu um novo marco na história da Antropologia e da Arqueologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Quanto à concepção do curso, a aproximação entre Antropologia e Arqueologia ancorou-se nas tradições norte-americana e latino-americana. Conforme descrito anteriormente, a regulamentação da profissão de arqueólogo/a acarreta na necessidade da formação do Bacharelado em Arqueologia. O curso continua prezando pela aproximação entre as Áreas.

Com relação ao mercado de trabalho para antropólogas/os, observa-se que, a partir dos anos 1990, ambas as áreas apresentaram uma grande expansão no Brasil. O incremento acontece devido à diversificação do mundo de trabalho em instituições de ensino superior (públicas e privadas), em projetos realizados pelo Estado, museus, organizações não-governamentais e setor privado. Por exemplo, a emissão de relatórios territoriais para coletivos humanos, o levantamento do patrimônio material e imaterial, a musealização e a turistificação são demandas promissoras tanto para a/o futura/o antropóloga/o no mundo local e globalizado.

2.1. OBJETIVOS DO CURSO

Objetivo geral:

- Formar profissionais aptos a desenvolver estudos e atividades relacionadas à Antropologia.

Objetivos específicos:

- Proporcionar estudos de processos sociais em contextos rurais e urbanos diversos, considerando-se as múltiplas diversidades étnico-sociais;

- Estudar as relações sociais e as diferentes manifestações culturais. Nessa linha, pesquisar as diversas formas de apropriação dos espaços, em sentido sincrônico e diacrônico, por múltiplos grupos étnicos e sociais;
- Caracterizar os contextos antropológicos e as formas de interação entre diferentes grupos nos diversos aspectos que os constituem;
- Identificar os limites e permeabilidades entre os grupos étnicos e sociais refletidos nas culturas e artefatos, isto é, na cultura material;
- Realizar pesquisas antropológicas;
- Realizar relatórios, laudos, pareceres e outros documentos nos contextos da investigação antropológica, sempre atendendo aos interesses públicos e das comunidades. A realização dessas atividades deverá sempre ser aprovada pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia, pelo Conselho Departamental do ICH e pelo COCEPE.

2.2. PERFIL DO EGRESSO

O perfil do egresso expressa as competências a serem desenvolvidas pelo discente e as articula com necessidades locais e regionais, sendo ampliado em função de novas demandas apresentadas pelo mundo do trabalho. De acordo com as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política, Sociologia), avalia-se que o/a graduado/a no Bacharelado em Antropologia deva ser:

- Pesquisador/a, seja na área acadêmica ou não acadêmica;
- Profissional que atue em planejamento, consultoria, formação e assessoria junto a empresas públicas, privadas, organizações não-governamentais, movimentos sociais, partidos políticos, museus, entre outros.

O/a egresso/a do Bacharelado em Antropologia pode dar continuidade a seus estudos nos diversos programas de pós-graduação na UFPel.

2.3. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

O curso de Bacharelado em Antropologia objetiva proporcionar ao/a discente, no decorrer de sua formação, os seguintes aportes:

- Domínio da bibliografia teórica e metodológica;
- Destreza na comunicação escrita e oral, através de expressão clara, argumentação lógica e coerente;
- Competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social;
- Capacidade analítica;
- Autonomia intelectual;
- Capacidade de diálogo e ação interdisciplinares;
- Iniciativa para a participação de acordos, parcerias e intercâmbios com entidades e instituições de ensino e pesquisa nacionais e estrangeiras;
- Compromisso social;
- Habilidade para interagir com coletividades sociais, visando ao seu reconhecimento, promoção e desenvolvimento sustentável;
- Competência na utilização da informática.

3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Ao analisar o desenho curricular do curso Bacharelado em Antropologia observa-se a noção de currículo como uma unidade de disciplinas, princípios, atividades, experiências e epistemologias que integram o processo de formação do/a futuro/a profissional.

O pressuposto básico é que a/o discente terá formação teórica e metodológica contínuas, sem uma separação rígida dos fenômenos sociais que atravessam os coletivos que habitam em territórios urbanos, rurais, tradicionais, nacionais, internacionais.

Considerando esta perspectiva, o desenho curricular pressupõe três eixos que as/os discentes deverão percorrer durante a sua formação, quais sejam:

– Eixo 1 - teórico e metodológico: aborda a fundamentação epistemológica e metodológica clássica da Antropologia, a partir das escolas americanas, inglesa, francesa, brasileira, entre outras; disciplinas: 1) núcleo específico: Introdução à Antropologia, Fundamentos da História, Sociologia I, Introdução à Arqueologia, História do Pensamento Arqueológico, Teoria Antropológica I, Teoria Antropológica II, Arqueologia Histórica I, Etnologia Ameríndia I, Teoria Arqueológica I, Prática de Campo I, Etnologia Afro-americana I, Pré-História Brasileira I, Teoria Antropológica III, Teoria Antropológica IV, Metodologia de Pesquisa Qualitativa; para dar continuidade ao eixo sugere-se que as/os educandas/os optem pelas seguintes disciplinas da formação livre: Leituras Etnográficas I, Leituras Etnográficas II; Seminário de Antropologia I, Seminário de Antropologia II, Seminário de Antropologia III; Seminário de Antropologia IV; Seminário de Antropologia V

– Eixo 2 – temático: aborda a fundamentação epistemológica e metodológica da Antropologia, aprofundando determinados temas tendo em vista a especificidade da formação discente. Eis as disciplinas do núcleo específico: Patrimônio Cultural, Família e Parentesco, Ciência Política I, Mitologia e Ritual, Antropologia Rural, Antropologia Urbana, Arqueologia Pública, Antropologia da Saúde, Pesquisa Etnográfica I, Antropologia da Religião I, Antropologia do Direito, Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I, Antropologia em Contextos de Conflito, Antropologia e Meio Ambiente. Para dar continuidade ao eixo sugere-se que as/os educandas/os optem pelas seguintes disciplinas da formação livre: Antropologia da Alimentação, Antropologia da Religião II, Antropologia Audiovisual e da Imagem, Antropologia do Consumo, Antropologia Biológica,

Antropologia do Direito, Etnomusicologia: Introdução e Método, Etnomusicologia Brasileira, Etnomusicologia: Culturas Musicais do Mundo, Etnomusicologia Latino-Americana, Família e Parentesco II, Imaginário e Memória, Oficina de Imagem e Som em Antropologia.

– Eixo 3 - etnológico, rural, tradicional: possibilitará fundamentação epistemológica e metodológica da Antropologia, aprofundando o viés étnico, rural e tradicional, considerando-se, também, as características da região fronteiriça onde a UFPEL está situada, além da sua responsabilidade social e ambiental. Eis as disciplinas: núcleo específico: Etnologia Ameríndia I, Etnologia Afro-Americana I e Antropologia Rural. Para dar continuidade ao eixo sugere-se que as/os educandas/os optem pelas seguintes disciplinas da formação livre: Estudos Rurais I, Estudos Rurais II, Estudos Rurais III, Estudos Rurais IV, Etnologia Afro-Americana II, Etnologia Afro-Americana III, Etnologia Afro-Americana IV, Etnologia Ameríndia II, Etnologia Ameríndia III, Seminário de Etnologia Ameríndia I, Seminário de Etnologia Ameríndia II de Seminário de Etnologia Ameríndia III.

Em resumo, enquanto no eixo teórico e metodológico há um predomínio de disciplinas de formação específica, nos eixos temático e etnológico, rural e tradicional há um maior número de disciplinas optativas específicas para o discente realizar.

A estruturação desses eixos visa a capacitar o/a bacharelado/a em Antropologia para a realização de pesquisas que articulem a teoria com a metodologia de campo, de modo a superar substantivações e reducionismos empíricos.

A dinâmica do curso é presencial em sua grande maioria sendo permitido, conforme a legislação vigente, desenvolver 20% de suas atividades de formação e avaliação à distância, através de sistemas oferecidos pela instituição para tanto.

O curso de Bacharelado em Antropologia, está alicerçado no suporte dado pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), pelo Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA),

pelo Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), pelo Laboratório de Pesquisa e Ensino em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura Material (LEICMA), pelo Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN) e pelo Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA) é mais uma ação a ser mencionada. Destaca-se, nesse passo, a utilização, por parte do corpo docente e discente, dos acervos antropológico, arqueológico, imagético e sonoro como recurso didático e/ou desdobramento das pesquisas para a realização de trabalhos de conclusão de curso. Destacamos que o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis e as atividades nestes núcleos e laboratórios são apoiadores na formação complementar, continuada e interdisciplinar das/os estudantes do curso.

História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena; Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental

A-

(...)

Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdo, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004. (Grifo nosso) **Resolução nº 01/2004 - CNE/CP (...)**

PPC atende o arcabouço normativo apresentado na seguinte perspectiva:

(...)

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem

observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.

§ 2º O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento. (Grifo nosso)
RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004.

Com base na Convenção da UNESCO de 1960, na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na Constituição Federal de 1988, na Lei nº 11.645 (de 10 de março de 2008), na Lei nº 10.639/03-MEC, na Lei nº 12.711 (de 29 de agosto de 2012), no Decreto nº 7.824 (de 11 de outubro de 2012), na Portaria Normativa MEC nº 18 (de 11 de outubro de 2012), no Decreto Nº 6.944 (de 21 de agosto de 2009), no Decreto nº 6.040/2007 (que versa da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais), em consonância com os esforços empreendidos para se efetivar a condição de um Estado democrático de direito com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, o curso de Bacharelado em Antropologia visa a contribuir na construção e na formação da sociedade brasileira e latino-americana.

De um modo, fará isso estabelecendo diretrizes teóricas e metodológicas para confrontar posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação às pessoas afro-descendentes, negras, indígenas e de coletivos tradicionais, que, historicamente, enfrentaram e enfrentam dificuldades para o acesso aos direitos básicos (saúde, educação, trabalho e moradia) na sociedade nacional. De outro, valorizará,

divulgará e respeitará os processos históricos de resistência negra e indígena, desencadeados contemporaneamente por pessoas negras e descendentes de africanos/as escravizados/as no Brasil e por indígenas e descendentes, ambos coletivos desterritorializados individualmente e coletivamente de seus territórios.

A partir dessa diretriz geral, o Bacharelado em Antropologia estimulará a formação de valores, hábitos e comportamentos em seus/suas estudantes que respeitem as diferenças e as características próprias desses coletivos e minorias, bem como, as relações dessas pessoas com a ordem não humana (por exemplo, animais, vegetais, minerais), sobre-humana (espiritualidade, divindade, seres celestiais) e agências do Estado-nação. Por fim, o corpo docente, discente e técnico se empenhará no esforço a ser empreendido pelo Estado para a adoção de políticas públicas justas, combate ao racismo, promoção da igualdade de oportunidades entre os diferentes grupos étnicos, política de ações afirmativas, valorização do patrimônio histórico-cultural afro-ameríndio e promoção da cidadania. Estas temáticas perpassam muitas disciplinas do curso, porém existem algumas disciplinas específicas sobre as temáticas, sendo estas: disciplinas obrigatórias - Etnologia Ameríndia I, Etnologia Afro-Americana I, Mitologia e Ritual. Disciplinas optativas- Etnologia Afro-Americana II, Etnologia Afro-Americana III, Etnologia Afro-Americana IV, Etnologia Ameríndia II, Etnologia Ameríndia III, Etnomusicologia Brasileira e Etnomusicologia Latino-Americana.

B-

Art. 6º A Educação em Direitos Humanos, **de modo transversal**, deverá ser considerada na construção dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP); dos Regimentos Escolares; dos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI); dos Programas Pedagógicos de Curso (PPC) das Instituições de Educação Superior; dos materiais didáticos e pedagógicos; do modelo de ensino, pesquisa e extensão; de gestão, bem como dos diferentes processos de avaliação.

Art. 7º A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação em Direitos Humanos na organização dos currículos da Educação Básica e da Educação Superior poderá ocorrer das seguintes formas:

I - pela transversalidade, por meio de temas relacionados aos Direitos Humanos e tratados interdisciplinarmente;

II - como um conteúdo específico de uma das disciplinas já existentes no currículo escolar;

III - de maneira mista, ou seja, combinando transversalidade e disciplinaridade. Parágrafo único. Outras formas de inserção da Educação em Direitos Humanos poderão ainda ser admitidas na organização curricular das instituições educativas desde que observadas as especificidades dos níveis e modalidades da Educação Nacional. (Grifos nosso) Resolução nº 01/2012 - CNE/CP

O tema de direitos humanos perpassa o Projeto Pedagógico do Curso, sendo transversal a várias disciplinas. Está presente, por exemplo, nas disciplinas de Etnologia Ameríndia e Etnologia Afro-Americana, por abordarem diretamente a presença, na nossa sociedade, de alteridades historicamente excluídas dos projetos hegemônicos de nação. Está presente ainda, nas discussões sobre patrimônio cultural, uma vez que os direitos culturais também constituem o sistema internacional de direitos humanos, discussões estas que são contempladas, dentre outras, na disciplina de Patrimônio Cultural. As discussões sobre as responsabilidades éticas do exercício profissional, articuladas diretamente à atuação com vistas à garantia de direitos coletivos, estão contempladas nas disciplinas de Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I e Arqueologia Pública. Por fim, a temática de direitos humanos estará sendo abordada diretamente na disciplina Antropologia do Direito, por meio de textos que problematizam a estigmatização de

minorias, o pluralismo jurídico, as possibilidades e condições para o estabelecimento de um diálogo intercultural no processo de construção de normatividades globais, a tensão entre particularismos e universalismo inerente aos processos de definição e aplicabilidade de direitos, etc.

C-

(...)

Art. 16. A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação Ambiental nos currículos da Educação Básica e da Educação Superior pode ocorrer:

I - pela transversalidade, mediante temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental;

II - como conteúdo dos componentes já constantes do currículo;

III - pela combinação de transversalidade e de tratamento nos componentes curriculares.

Parágrafo único. Outras formas de inserção podem ser admitidas na organização curricular da Educação Superior e na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, considerando a natureza dos cursos. (Grifos nosso) Resolução nº 02/2012 - CNE/CP

A Constituição Brasileira (1988), no Capítulo VI – Do Meio Ambiente, Artigo 225, refere que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.” Para assegurar o cumprimento desse direito, no referido Artigo, inciso VI,

explicita: “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.”

É a partir desse momento, que a temática específica da Educação ambiental no Brasil começa a ter seu espaço próprio. Em 25 de junho de 2002, através do Decreto Nº 4.281 é regulamentada a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei Federal No 9.795 de 27 de abril de 1999. A mesma estabelece no seu Art. 2 que “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. Já no Artigo 10 refere que “A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.” No mesmo Artigo destaca que “A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”.

A Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012 do Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental no sistema educativo no Brasil. O referido documento, no seu Artigo 15 determina que: “O planejamento dos currículos deve considerar os níveis dos cursos, as idades e especificidades das fases, etapas, modalidades e da diversidade sociocultural dos estudantes, bem como de suas comunidades de vida, dos biomas e dos territórios em que se situam as instituições educacionais”. Também expressa que: “O tratamento pedagógico do currículo deve ser diversificado, permitindo reconhecer e valorizar a pluralidade e as diferenças individuais, sociais, étnicas e culturais dos estudantes, promovendo valores de cooperação, de relações solidárias e de respeito ao meio ambiente”. Por outra parte no seu Artigo 16 descreve as distintas modalidades de inclusão da Educação Ambiental nas instituições educativas, a saber: “A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação Ambiental nos currículos da Educação Básica e da Educação Superior pode ocorrer: I - pela transversalidade, mediante temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental; II - como conteúdo dos componentes já constantes do currículo; III - pela combinação de transversalidade e de tratamento nos componentes curriculares. O Curso de Antropologia contempla a inserção da Educação ambiental, mediante as três estratégias propostas pela referida Resolução. Em concordância com o

Artigo 10 da Política de Educação Ambiental, no que se refere a não incorporação de uma disciplina específica de Educação Ambiental, o Curso de Antropologia não contempla a referida disciplina.

São diversas as disciplinas do Curso que dialogam de forma transversal com as temáticas ambientais e o desenvolvimento socioambiental e as disciplinas que contemplam especificamente estes aspectos. A continuação é apresentado o conjunto das disciplinas que apresentam no seu Plano de Ensino temáticas pertencentes ao universo da Educação Ambiental. As seguintes disciplinas obrigatórias: Mitologia e Ritual, Antropologia Rural, Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I, e Antropologia e Meio Ambiente. Esta última disciplina tem como objetivos: expor algumas das perspectivas teóricas por meio das quais o debate sobre a relação sociedade-natureza se apresenta para as ciências sociais; refletir sobre as distintas formas de percepção e apropriação da natureza, de acordo com a multiplicidade de lógicas culturais; debater sobre o campo ambiental na sociedade contemporânea e seus conflitos a partir de uma perspectiva antropológica; discutir sobre a relação entre saberes tradicionais, biodiversidade e sociedade de risco. Os quais são atingidos através da seguinte Ementa: relações sociedade-natureza; a diversidade de perspectivas preservacionistas; o campo ambiental, suas problemáticas e conflitos; a relação entre novas tecnologias e saberes tradicionais; problemática ambiental e sociedade de risco. As seguintes disciplinas optativas: Antropologia do Consumo e Estudos Rurais (I, II, III e IV) apresentam também temáticas vinculadas com a Educação Ambiental.

Estão contempladas também, no âmbito da Pesquisa e da Extensão, atividades relacionadas com as problemáticas socioambientais e o desenvolvimento sustentável, em concordância com a conceituação da Educação Ambiental expressa na Política Nacional de Educação Ambiental, a saber: "Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade." (Lei nº 9795/1999, Art 1º).

Uma das estratégias empregada é através das atividades de trabalho de campo das distintas disciplinas, onde tanto as pessoas como os recursos naturais são tratados como elementos de fundamental protagonismo, na busca da melhoria de vida das populações sem comprometer a sustentabilidade dos distintos ambientes naturais. Outras atividades, como podem ser as de pesquisa, ensino e extensão nos distintos laboratórios contemplarem também aspectos socioambientais nas suas práxis do dia a dia.

3.1. ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura do currículo do Bacharelado em Antropologia foi pensada em núcleos de disciplinas específicas, específicas optativas e formação complementar. Nos três primeiros semestres do curso a/o estudante obterá fundamentos teóricos e metodológicos nos campos de conhecimento da Antropologia, da Arqueologia, da História e da Sociologia.

3.2. TABELA SÍNTESE – ESTRUTURA CURRICULAR

TABELA 1: TABELA SÍNTESE PARA A INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

FORMAÇÃO	Créditos	Horas	Horas/Aula
A) Formação específica (estudos de formação geral e de aprofundamento e diversificação das áreas específicas e interdisciplinares)			
Disciplinas obrigatórias	112	1680	2016
Disciplinas optativas	28	420	504
TCC	8	120	144
Soma	148	2220	2664
B) Formação complementar (ou estudos integradores, para cursos de licenciatura)			
Atividades complementares de ensino, pesquisa e extensão	22	330	396
C) Formação em Extensão (exceto as já computadas nas formações anteriores realizadas por todos/as os/as alunos/as)			

Atividades Curriculares em Extensão (ACE)

TOTAL	170	2550	3060
--------------	------------	-------------	-------------

3.3. MATRIZ CURRICULAR

QUADRO 3: MATRIZ CURRICULAR

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA											
Carga horária total do Curso: 2550											
Carga horária de Formação específica: 2220											
Carga horária de Formação complementar: 330											

1º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
06560020	DESP	Sociologia I	4	4					60	
10900047	DH	Fundamentos da História	4	4					60	
10910014	DAA	Introdução à Antropologia	4	4					60	
10910016	DAA	Introdução à Arqueologia	4	4					60	
10910081	DAA	História do Pensamento Arqueológico	4	4					60	
Total			20						300	

2º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910130	DAA	Etnologia Ameríndia I	4	3				1	60	
10910019	DAA	Teoria Antropológica I	4	4					60	10910014
10910020	DAA	Teoria Antropológica II	4	4					60	10910014
10910022	DAA	Teoria Arqueológica I	4	4					60	10910016

10910036	DAA	Arqueologia Histórica I	4	4					60	
10910037	DAA	Prática de Campo I	4	4					60	
Total			24						360	

3º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910131	DAA	Etnologia Afro-Americana I	4	3				1	60	
10910004	DAA	Metodologia da Pesquisa Qualitativa	4	4					60	
10910017	DAA	Pré-história Brasileira I	4	4					60	
10910021	DAA	Teoria Antropológica III	4	4					60	10910014
10910023	DAA	Teoria Antropológica IV	4	4					60	10910014
Total			20						300	

4º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
06560021	DESP	Ciência Política I	4	4					60	
10910018	DAA	Família e Parentesco	4	4					60	
10910132	DAA	Patrimônio Cultural	4	3				1	60	
10910028	DAA	Mitologia e Ritual	4	4					60	
10910133	DAA	Antropologia Rural	4	3				1	60	
Total			20						300	

5º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910029	DAA	Antropologia da Religião I	4	4					60	

10910134	DAA	Pesquisa Etnográfica I	4	3				1	60	
10910034	DAA	Arqueologia Pública	4	4					60	
10910041	DAA	Antropologia da Saúde	4	4					60	
10910111	DAA	Antropologia do Direito	4	4					60	
Total			20						300	

6º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910042	DAA	Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I	4	4					60	
10910135	DAA	Antropologia e Meio Ambiente	4	3				1	60	
Total			8						120	

7º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910136	DAA	TCC I	4	2		2			60	
Total									60	

8º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10910137	DAA	TCC II	4	2		2			60	
Total									60	

DISCIPLINAS OPTATIVAS

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
		Disciplina optativa 1	4						60	
		Disciplina optativa 2	4						60	

		Disciplina optativa 3	4						60	
		Disciplina optativa 4	4						60	
		Disciplina optativa 5	4						60	
		Disciplina optativa 6	4						60	
		Disciplina optativa 7	4						60	
Total			28						420	

Atividades Complementares	330 h- 22 cr
Realizada durante todo o curso e integralizada no último semestre	

3.4. FLUXOGRAMA DO CURSO

FLUXOGRAMA DO CURSO																							
1º Semestre (300h 20cr)			2º Semestre (360h 24cr)			3º Semestre (300h 20cr)			4º Semestre (300h 20cr)			5º Semestre (300h 20cr)			6º Semestre (300h 20cr)			7º Semestre (300h 20cr)			8º Semestre (60h 4cr)		
11	10910014	4	16	10910019	4	22	10910021	4	27	10910132	4	32	10910034	4	37		4	42	10910136	4	47	10910137	4
Introdução à Antropologia			Teoria Antropológica I			Teoria Antropológica III			Patrimônio Cultural			Arqueologia Pública			Optativa I			TCC I			TCC II		
			11			11																	
12	10900047	4	17	10910020	4	23	10910023	4	28	10910018	4	33	10910041	4	38		4	43		4			
Fundamentos da História			Teoria Antropológica II			Teoria Antropológica IV			Família e Parentesco			Antropologia da Saúde			Optativa II			Optativa IV					
			11			11																	
13	06560020	4	18	10910036	4	24	10910004	4	29	06560021	4	34	10910134	4	39		4	44		4			
Sociologia I			Arqueologia Histórica I			Metodologia da Pesquisa Qualitativa			Ciência Política I			Pesquisa Etnográfica I			Optativa III			Optativa V					
14	10910016	4	19	10910130	4	25	10910131	4	30	10910028	4	35	10910029	4	40	10910042	4	45		4			
Introdução à Arqueologia			Etnologia Ameríndia I			Etnologia Afro-Americana I			Mitologia e Ritual			Antropologia da Religião I			Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I			Optativa VI					
15	10910081	4	20	10910022	4	26	10910017	4	31	10910133	4	36	10910111	4	41	10910135	4	46		4			
História do Pensamento Arqueológico			Teoria Arqueológica I			Pré-História Brasileira I			Antropologia Rural			Antropologia do Direito			Antropologia e Meio Ambiente			Optativa VII					
			14																				
			21	10910037	4																		
			Prática de Campo I																				
OPTATIVAS (Optativa I, Optativa II, Optativa III...); 420 Horas - 28 Créditos																							
FORMAÇÃO ESPECÍFICA: 1680 HORAS – 112 CRÉDITOS																		TCC: 120 HORAS – 8 CRÉDITOS					
ATIVIDADES COMPLEMENTARES - 330 HORAS - 22 CRÉDITOS																							

Legenda		
A	B	C
Disciplina		
Pré-requisito		
A - Posição na tabela		
B - Código		
C - Créditos		

3.5 COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

QUADRO 4: QUADRO DE COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

Código	Deptº ou Unidade	Componente	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (horas)	Pré-Requis
10910033	DAA	Teoria Arqueológica II	4	4					60	-
10060117	DEGEO	Cartografia e Geoprocessamento	4			4			60	-
10910030	DAA	Pré-História Brasileira II	4	4					60	-
10910054	DAA	Etnoarqueologia	4	4					60	-
10910045	DAA	Prática de Campo II	4	4					60	-
10910035	DAA	Prática de Laboratório I	4			4			60	-
10910049	DAA	Prática de Laboratório II	4			4			60	-
10910050	DAA	Arqueologia Histórica II	4	4					60	-
10910013	DAA	Antropologia Audiovisual e da Imagem	4	2		2			60	-
10910027	DAA	Antropologia da Alimentação	4	4					60	-
10910058	DAA	Antropologia da Religião II	4	4					60	-
10910038	DAA	Antropologia do Consumo	4	4					60	-

10910138	DAA	Antropologia em Contexto de Conflito	4	4					60	-
10910025	DAA	Antropologia Política	4	4					60	-
10910104	DAA	Antropologia Urbana	4	4					60	-
10910077	DAA	Arqueologia Clássica	4	4					60	-
10910079	DAA	Arqueologia Pré-Colombiana	4	4					60	-
10910093	DAA	Conservação de Materiais Arqueológicos	4	4					60	-
10910046	DAA	Educação Patrimonial	4	4					60	-
10910052	DAA	Estudos Antropológicos de Gênero e Teorias Feministas	4	4					60	-
10910024	DAA	Estudos Rurais I	4	4					60	-
10910061	DAA	Estudos Rurais II	4	4					60	-
10910062	DAA	Estudos Rurais III	4	4					60	-
10910063	DAA	Estudos Rurais IV	4	4					60	-
10910032	DAA	Etnologia Afro-Americana II	4	4					60	-
10910064	DAA	Etnologia Afro-Americana III	4	4					60	-
10910065	DAA	Etnologia Afro-Americana IV	4	4					60	-
10910066	DAA	Etnologia Ameríndia II	4	4					60	-

10910067	DAA	Etnologia Ameríndia III	4	4					60	-
05000541	CA	Etnomusicologia: Introdução e Método	3	3					45	-
05000546	CA	Etnomusicologia Brasileira	3	3					45	-
05000544	CA	Etnomusicologia Latino-Americana	3	3					45	-
05000549	CA	Etnomusicologia: Culturas Musicais do Mundo	3	3					45	-
10910055	DAA	Família e Parentesco II	4	4					60	-
10910068	DAA	Imaginário e Memória	4	4					60	-
10910044	DAA	Geologia	4	4					60	-
10910080	DAA	Gestão de Acervos Arqueológicos	4	4					60	-
20000165	CLC	Introdução à Linguística	4	4					60	-
10910069	DAA	Leituras Etnográficas I	4	4					60	-
10910070	DAA	Leituras Etnográficas II	4	4					60	-
20000084	CLC	Língua Brasileira de Sinais I (LIBRAS I)	4	4					60	-
10910048	DAA	Musealização da Arqueologia e Antropologia	4	4					60	-
10910053	DAA	Oficina de Imagem e Som em Antropologia	4			4			60	-

10910083	DAA	Pré-História do Rio Grande do Sul	4	4					60	-
10910012	DAA	Pré-História Geral I	4	4					60	-
10910071	DAA	Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias II	4	4					60	-
10910074	DAA	Seminário de Antropologia I	4	4					60	-
10910075	DAA	Seminário de Antropologia II	4	4					60	-
10910076	DAA	Seminário de Antropologia III	4	4					60	-
10910106	DAA	Seminário de Antropologia IV	4	4					60	-
10910107	DAA	Seminário de Antropologia V	4	4					60	-
10910084	DAA	Seminário de Arqueologia I	4	4					60	-
10910085	DAA	Seminário de Arqueologia II	4	4					60	-
10910086	DAA	Seminário de Arqueologia III	4	4					60	-
10910108	DAA	Seminário de Arqueologia IV	4	4					60	-
10910109	DAA	Seminário de Arqueologia V	4	4					60	-
10910072	DAA	Seminário de Etnologia Ameríndia I	4	4					60	-
10910073	DAA	Seminário de Etnologia Ameríndia II	4	4					60	-

10910110	DAA	Seminário de Etnologia Ameríndia III	4	4					60	-
10910047	DAA	Zooarqueologia	4	4					60	-

3.6. ESTÁGIO SUPERVISIONADO (NÃO-OBRIGATÓRIO)

As disposições da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, confirmam a necessidade de ordenação do sistema de Estágios nas Instituições de Ensino Superior (IES). O Estágio é um vínculo educativo-profissionalizante, supervisionado e desenvolvido como parte do PPC do Curso e parte importante da formação do profissional em Antropologia.

A formação específica tem como objetivo preparar um/a profissional e assegurar garantias de cidadania e democracia no ambiente de trabalho. O processo neste sistema se dá por uma formalização de compromisso entre o/a estagiário/a, a instituição de ensino e a empresa, considerando um plano de atividade que dá materialidade ao que foi desenvolvido no currículo de formação.

O estágio supervisionado não caracteriza vínculo de emprego de qualquer natureza, desde que observados os requisitos legais, não sendo devidos encargos sociais, trabalhistas e previdenciários. (arts. 3º e 15 da Lei nº 11.788/2008).

O Estágio, conforme a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, é um “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante”. Nesse sentido, o Estágio do curso de Bacharelado em Antropologia caracteriza-se por ser não-obrigatório, como uma “atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória” (§ 2º do art. 2º da Lei nº 11.788/2008).

Os estágios não-obrigatórios a serem desenvolvidos no curso de Antropologia devem ser sempre orientados por um/a professor/a responsável que disponibilizará horas semanais para tanto.

Os estágios não-obrigatórios poderão ser desenvolvidos, conforme a lei, em entidades como: pessoas jurídicas de direito privado e órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios. Também os/as profissionais liberais

de nível superior, devidamente registrados/as em seus respectivos conselhos, podem oferecer estágio.

A realização do estágio (conf. art. 3º da Lei nº 11.788/2008) é possível aos/as estudantes com matrícula e frequência regular no curso, mediante celebração de termo de compromisso entre o/a educando/a, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino; observando-se a compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e a proposta pedagógica do curso prevista no termo de compromisso.

Estudantes estrangeiros/as regularmente matriculados/as em cursos superiores no Brasil, autorizados ou reconhecidos, podem se candidatar ao estágio, desde que o prazo do visto temporário de estudante seja compatível com o período previsto para o desenvolvimento das atividades. (art.4º da Lei nº 11.788/2008).

O curso de Bacharelado em Antropologia se compromete: a indicar professor/a orientador/a da área a ser desenvolvida no estágio com o/a responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do/a estagiário/a; a exigir do/a educando/a a apresentação periódica, em prazo não superior a seis meses, de relatório das atividades, do qual deverá constar visto do/a orientador/a da instituição de ensino e do/a supervisor/a da parte concedente (conf. § 1º do art. 3º da Lei nº 11.788, de 2008); a zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando/a o/a estagiário/a para outro local, em caso de descumprimento de suas normas; a elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus/suas educandos/as; a comunicar, à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações acadêmicas (conf. Art .7º da Lei nº 11.788/2008).

Por sua vez, ficam obrigados/as os/as concedentes do estágio: a celebrar Termo de Compromisso com a instituição de ensino e o/a educando/a, zelando por seu cumprimento; a ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao/a educando/a atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, observando o estabelecido na legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho (conf.art.14

da Lei nº 11.788/2008); a indicar funcionário/a do quadro de pessoal para orientar e supervisionar o estágio; contratarem em favor do/s estagiário/s seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no termo de compromisso; por ocasião do desligamento do/a estagiário/a, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho; manter à disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio; a enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de seis meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao/à estagiário/a (conf. art. 9º da Lei nº 11.788/2008).

A jornada do/a estagiário/a será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, aparte concedente (a empresa) e o/a estudante ou seu representante legal (em caso de menores de 18 anos) e deverá constar do Termo de Compromisso de Estágio. A mesma, deverá ser compatível com as atividades escolares e respeitar às seis horas diárias e trinta horas semanais (conf. art. 10 da Lei nº 11.788/2008).

O descanso dos/as estagiários/as deve seguir de comum acordo, conforme estipulado no Termo de Compromisso de Estágio, sendo observado período suficiente à preservação da higidez física e mental do/a estagiário/a e respeito aos padrões de horário de alimentação (lanches, almoço e jantar). O período de intervalo não é computado na jornada.

O Termo de Compromisso de Estágio deve indicar que as horas de estágio do/a estudante serão reduzidas a metade no período previsto de provas regulares de final de semestre e exames, sendo que o Curso de Bacharelado em Antropologia se compromete a informar regularmente à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações acadêmicas (conf. § 2º do art. 10 da Lei nº 11.788/2008).

Os estágios não-obrigatórios podem ser regularmente através de bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, bem como a concessão do auxílio-transporte (conf. art. 12 da Lei nº 11.788/2008).

Os valores destes benefícios serão definidos pela concedente e estarão explicitados no termo de compromisso de estágio. A empresa poderá voluntariamente conceder ao/a estagiário/a outros benefícios, como: alimentação, acesso a plano de saúde, dentre outros, sem descaracterizar a natureza do estágio (conf. § 1º do art. 12 da Lei nº 11.788, de 2008).

O estágio poderá ter duração de até 24 meses, e no caso de pessoa com deficiência não há limite legal estabelecido, entende-se que dentro de cada período de 12 meses o/a estagiário/a deverá ter um recesso de 30 dias, que poderá ser concedido em período contínuo ou fracionado, conforme estabelecido no Termo de Compromisso. O recesso será concedido, preferencialmente, durante o período de férias escolares e de forma proporcional em contratos com duração inferior a 12 meses. (conf. art. 13 da Lei nº 11.788/2008) O recesso será remunerado sempre que o estagiário receber bolsa ou outra forma de contraprestação (conf. § 1º do art. 13 da Lei nº 11.788/2008).

O Termo de Compromisso de Estágio (TCE) pode ser rescindido unilateralmente pelas partes e a qualquer momento. O/a estagiário/a tem direito ao seguro contra acidentes pessoais ocorridos com o/a estudante durante o período de vigência do estágio, 24 horas/dia, no território nacional. Cobre morte ou invalidez permanente, total ou parcial, provocadas por acidente. O valor da indenização deve constar do Certificado Individual de Seguro de Acidentes Pessoais e deve ser compatível com os valores de mercado.

Os documentos de comprovação de Estágios são os seguintes: o TCE devidamente assinado pela empresa concedente, pela instituição de ensino e pelo/a estudante; o certificado individual de seguro de acidentes pessoais; comprovação da regularidade da situação escolar do/a estudante; comprovante de pagamento da bolsa ou equivalente e do auxílio-transporte; e verificação da compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no TCE.

Os descumprimentos dos TEC's e da Lei nº 11.788/2008 pelas concedentes já estão previstos na Lei nº 11.788/2008. O/a Supervisor/a de estágios não-

obrigatórios ficará atento/a para os cuidados necessários para a promoção da saúde e prevenção de doenças e acidentes, considerando, principalmente, os riscos decorrentes de fatores relacionados aos ambientes, condições e formas de organização do trabalho. Será observada a seguinte Legislação: Orientação Normativa Nº 2, de 24 de junho de 2016; Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

3.7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Nos 7º e 8º semestres do Bacharelado em Antropologia, as/os estudantes realizarão o Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia I e II.

Esse componente curricular prevê que a/o discente produza um texto acadêmico inédito, através do qual exercitará as relações entre teorias e métodos de investigação apreendidos no decorrer do Bacharelado em Antropologia. Esse trabalho será orientado por um/a professor/a do curso ou, desde que aprovado pelo Colegiado do Bacharelado em Antropologia, por professoras/es de quaisquer outros cursos da UFPel. Poderá, também, ser co-orientado/a por pesquisador/a de outro curso da UFPEL ou outra instituição.

O uso de plágio ou transcrição indevida, isto é, cópia de frases de outros/as autores/as sem a devida e correta citação de cada obra e publicação utilizada, devem ser coibidas. A utilização de textos de outros/as autores/as sem a indicação de referência da citação conforme normas, configura plágio. Todas as referências do trabalho devem ser obrigatória e estritamente, indicadas conforme estabelecem as normas para realização de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFPel. O/a professor/a orientador/a deverá coibir o uso do plágio nos trabalhos, deixando claro ao/a discente o quanto é grave este procedimento. Discente e orientador/a deverão estar conscientes da reprovação em banca e procedimentos legais caso seja detectado plágio.

O TCC I será avaliado pelo/a docente orientador/a a partir da entrega do projeto de pesquisa. O TCC II será avaliado por uma banca constituída por até três membros, à escolha e decisão do/a orientador/a e do/a orientando/a. O primeiro membro da banca será o/a orientador/a; enquanto que o/a segundo/a e demais membros da banca serão os/as avaliadores/as do trabalho, sendo que ao menos um/a desses/as deverá estar vinculado/a ao curso. A avaliação se dará mediante defesa pública do TCC com apresentação oral. Nessa oportunidade, o trabalho será considerado pela banca como “aprovado” ou “não aprovado”, a aprovação está condicionada a uma nota mínima de sete. Para este componente curricular não está prevista a realização de exame.

3.8. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

A formação complementar é destinada às seguintes atividades acadêmicas: seminários, congressos, jornadas, oficinas, grupos de estudos, projetos de pesquisa, ensino e extensão. O processo de formação complementar prevê várias atividades anuais envolvendo os/as estudantes, ligando-se à formação continuada e à interação com outros campos, na implementação de uma interdisciplinaridade. Cabe ressaltar que nesta ampliação da formação a pesquisa no âmbito do curso se desenvolve por projetos financiados ou não, junto aos núcleos e laboratórios diretamente ligados ao curso, ou de outras unidades ou instituições de ensino superior. Também vem cumprir a legislação específica voltada para a integralização da extensão.

As Atividades Complementares de Graduação compreendem as atividades acadêmico-científico-culturais e perfazem um total de 330 horas, conforme pontuações abaixo. Tais atividades integram a estrutura curricular, devendo ser realizadas ao longo do curso.

QUADRO 5: ATRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Atividades	Total de horas
ENSINO	80
Monitoria	
Bolsista em Projeto de Ensino	
Participação em Projeto de Ensino	
Disciplinas optativas (usar até duas disciplinas)	
Cursos de Língua Estrangeira (contar até 40 horas cada)	
Semana Acadêmica	
Participação em cursos e oficinas	
Participação em eventos organizados pelo DAA	
EXTENSÃO	170
Participação em Atividades de Extensão (programas, projetos e ações) como membro da equipe, realizadas ou não na UFPel (organização de seminários, semanas acadêmicas, congressos, jornadas, colóquios, simpósios)	
Participação em eventos	
Apresentação de trabalhos, pôster e comunicações (cada apresentação contar 20h)	
Realização de cursos e oficinas	
PESQUISA	80

Participação em Projetos de Pesquisa (bolsa CNPq, CAPES, FAPERGS, Desempenho Acadêmico)	
Publicação de artigos em revistas indexadas (contar 30 horas cada)	
Publicações em jornais e revistas não acadêmicas (contar 10 horas cada)	
OUTROS/AS (ESPECIFICAR)	
TOTAL FINAL	

3.9. FORMAÇÃO EM EXTENSÃO

As Atividades Curriculares em Extensão (ACE) contemplam a participação discente em atividades de extensão conforme definidas na Resolução do COCEPE/UFPel nº6 de 10 de dezembro de 2020. A participação do discente deve estar certificada e evidenciar que o estudante atuou como membro da equipe. Em participações ocorridas em atividades promovidas por outras instituições, a certificação ou documento equivalente deve informar a condição ativa do estudante, bem como deve identificar que a ação tem natureza extensionista, além de contemplar as expectativas do curso no atendimento ao exercício de conteúdos que lhe são atinentes. A participação nas atividades deve ser necessariamente ativa, e vinculada com a área de atuação da Antropologia. Na integralização da atividade serão consideradas 170 horas de atividades complementares conforme tabela descrita acima e 90 horas em disciplinas extensionistas obrigatórias, sendo estas: Etnologia Ameríndia I, Etnologia Afro-americana I, Patrimônio Cultural, Antropologia Rural, Pesquisa Etnográfica I e Antropologia e Meio Ambiente. Todas vinculadas ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia.

TABELA 2: TABELA SÍNTESE DA FORMAÇÃO EM EXTENSÃO

Possibilidades da Formação em Extensão	Créditos	Horas
Disciplinas obrigatórias (registro em EXT)	6	90h
Disciplinas optativas (registro em EXT)		
Estágio curricular obrigatório (registro em EXT)		
Prática como componente curricular (registro em EXT. Para licenciaturas)		
ACE (registro através da comprovação por certificação)		170h
Total ofertado pelo curso		260h

3.10. REGRAS DE TRANSIÇÃO – EQUIVALÊNCIA ENTRE OS COMPONENTES CURRICULARES

A presente atualização busca atender, primeiramente, a Resolução 29/2018 – COCEPE e a Integralização da Extensão. Todos/as estudantes que optarem ou optaram pela linha de formação em Antropologia migrarão para o novo currículo. Aqueles/as que optarem ou já optaram pela linha de formação em arqueologia permanecerão na grade atual. Os/as ingressantes em 2020 já ingressarão na grade nova.

Quanto à Integralização da Extensão, considerando a imediata aplicação deste Projeto Pedagógico do Curso, as disciplinas deverão ser aproveitadas conforme segue:

Tabela de Equivalências 1			
Disciplinas Antigas		Disciplinas Novo Currículo	
Etnologia Ameríndia I	10910011	Etnologia Ameríndia I	10910130
Etnologia Afro-americana I	10910003	Etnologia Afro-americana I	10910131
Patrimônio Cultural	10910026	Patrimônio Cultural	10910132
Antropologia Rural	10910040	Antropologia Rural	10910133
Pesquisa Etnográfica I	10910031	Pesquisa Etnográfica I	10910134
Antropologia e Meio Ambiente	10910059	Antropologia e Meio Ambiente	10910135

Todos/as deverão cumprir as 170 horas de atividades de extensão complementares conforme item apresentado anteriormente neste PPC.

Quanto às alterações necessárias após a regulamentação da Profissão de Arqueólogo/a, que impossibilitaram a existência da linha de formação em arqueologia no Bacharelado, para disciplinas propostas pelo Bacharelado em Arqueologia comuns ao Bacharelado em Antropologia, considera-se a seguinte tabela de equivalências:

Tabela de Equivalências			
Disciplinas Antigas		Disciplinas Novo Currículo	
História do Pensamento Arqueológico	10910081	Teoria Arqueológica I	10910022
Teoria Arqueológica I	10910022	Teoria Arqueológica II	10910033
Teoria Arqueológica II	10910033	Teoria Arqueológica III	10910116
Pré-História Brasileira I	10910017	Arqueologia Indígena Brasileira I	10910117
Pré-História Brasileira II	10910030	Arqueologia Indígena Brasileira II	10910127
Arqueologia Pública	10910034	Arqueologia, Comunidades e etnografias	10910121
Arqueologia Histórica II	10910050	Arqueologia da Diáspora Africana	10910123

Pré-História Geral I	10910012	Origens e evolução humana	10910126
----------------------	----------	---------------------------	----------

Casos omissos serão analisados pelo NDE e deliberados por órgão superior, de acordo com a competência dos mesmos.

3.11. CARACTERIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS (ementário e bibliografia)

A estrutura do currículo do Bacharelado em Antropologia foi pensada em núcleos de disciplinas específicas, específicas optativas e formação complementar. Nos três primeiros semestres do curso a/o estudante obterá fundamentos teóricos e metodológicos nos campos de conhecimento da Antropologia, da Arqueologia, da história e da Sociologia.

QUADRO 7: CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 1º semestre
DISCIPLINA	Introdução à Antropologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910014
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Introduzir aspectos da história da Antropologia, sua emergência e constituição como uma área de conhecimento e um campo disciplinar. Específicos: - Apresentar os debates teóricos em torno de seus conceitos básicos e métodos próprios de pesquisa; - Refletir sobre a contribuição da Antropologia para a compreensão das relações sociais no transcorrer da história e no mundo contemporâneo; - Efetuar a leitura de textos etnográficos.
EMENTA	Surgimento e desenvolvimento da Antropologia no contexto das Ciências Humanas, com ênfase nas principais correntes teóricas, nos princípios metodológicos e nos conceitos elementares.

PROGRAMA	- Cultura: um conceito antropológico; - Trabalho de campo; - Etnocentrismo/ relativismo; - Leituras etnográficas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DA MATTA, R. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1984. LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1993. LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CASTRO, C. (Org.) Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. CUCHE, D. A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: Edusc, 2002. MALINOWSKI, B. K. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: DURHAM, E. R. (Org.). Malinowski. São Paulo: Abril Cultural, 1984. ROCHA, E. O que é Etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1991. VELHO, G. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 1º semestre
DISCIPLINA	Fundamentos da História
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10900047
DEPARTAMENTO	História
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adhemar Lourenço da Silva Junior, Elisabeth Leal, Rejane Jardim.
OBJETIVOS	Geral: - Introduzir o estudante nas metodologias de pesquisa histórica, por meio da análise das principais correntes teóricas, das discussões sobre o que é História e sua cientificidade e suas relações com a antropologia e a arqueologia. Específicos: - Os diferentes sentidos da palavra "História"; - A institucionalização da História na Academia; - História e mercado de trabalho.
EMENTA	Disciplina que introduz os discentes nas teorias e metodologias da história, nos debates sobre as categorias de fontes e das relações entre história e antropologia.

PROGRAMA	- O desenvolvimento do saber histórico; - As Fontes Históricas; - História, Antropologia e Arqueologia.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOURDÉ, G, MARTIN, H. As escolas históricas. Mira-Sintra: Europa-América, 1990. FONTANA, J. História: análise do passado e projeto social. São Paulo: Edusc, 1998. GUAZZELLI, C. A. B.; PETERSEN, S. R. F.; SCHMIDT, B. B.; XAVIER, R. C, L. (Org.). Questões de teoria e metodologia de História. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BESSELAAR, J. V. D. Introdução aos estudos históricos. São Paulo: EPU, 1979. BLOCH, M. Apologia da História: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BRAUDEL, F. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 1992. DIEHL, A. A. Do Método Histórico. Passo Fundo: Ediupf, 1997. FONTANA, J. Introdução ao estudo da História Geral. Bauru: Edusc, 2000.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 1º Semestre
DISCIPLINA	Sociologia I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	06560020
DEPARTAMENTO	Departamento de Sociologia e Política
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES RESPONSÁVEIS	Romério Jair Kunrath
OBJETIVOS	Geral: - Discutir o papel que a sociologia desempenha na compreensão das sociedades modernas, desde seu surgimento, no contexto das transformações econômicas, políticas e sociais promovidas pela emergência das sociedades capitalistas industriais da virada do século XVIII e XIX até os dias atuais. Específicos: - Explicar o contexto histórico do surgimento da sociologia; Apresentar o pensamento sociológico clássico de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber; - Apresentar a discussão sobre modernidade e pós-modernidade; Discutir a centralidade do trabalho nas sociedades modernas; Discutir as questões sociais e políticas da época atual.

EMENTA	A disciplina visa a discutir o papel que a sociologia desempenha na compreensão das sociedades modernas, desde seu surgimento, no contexto das transformações econômicas, políticas e sociais promovidas pela emergência das sociedades capitalistas industriais da virada do século XVIII e XIX até os dias atuais. Para tal serão abordados os seguintes pontos: o contexto histórico do aparecimento da sociologia e o positivismo de Augusto Comte; o materialismo histórico e dialético de Karl Marx; o funcionalismo de Émile Durkheim; a sociologia compreensiva de Max Weber; tradição, modernidade e pós-modernidade; a centralidade do trabalho nas sociedades modernas; o social e o político na época atual.
PROGRAMA	- O contexto histórico do aparecimento da sociologia; - O materialismo histórico-dialético de Karl Marx; - A formalização da teoria sociológica: o funcionalismo de Émile Durkheim; - A formalização da teoria sociológica: a sociologia compreensiva de Max Weber; - Tradição, modernidade e pós-modernidade; - A centralidade do trabalho nas sociedades modernas; - O social e o político na época atual: políticas da igualdade e políticas de identidade;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BAUMAN, Zygmunt. Trabalho. In: _____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. CASTRO, A. M.; DIAS, E. F. Introdução ao pensamento sociológico. São Paulo: Moraes, 1992. GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ARON, R. Etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1982. HARVEY, D. Condição pós-moderna. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. QUINTEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. M. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2009. SANTOS, B. de S. A construção multicultural da igualdade e da diferença. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 4 a 6 de setembro de 1995. SELL, C. E.. Sociologia clássica. Marx, Durkheim e Weber. 5. ed Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 1º semestre
DISCIPLINA	Introdução à Arqueologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910016
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Prática
PROFESSORES/A RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar uma caracterização geral da arqueologia no universo da ciência como uma forma de fazer Antropologia. Específicos: - Investigar a formação e dispersão da disciplina; - Analisar o desenvolvimento do pensamento sobre a Arqueologia; - Fundamentar conceitos sobre Arqueologia; - Estudar a História da Arqueologia; - Discutir a história da arqueologia no Brasil, Rio Grande do Sul e a região de Pelotas.
EMENTA	A disciplina visa a fazer uma apresentação geral da Arqueologia como Antropologia, caracterizando os seus históricos, objetos, objetivos e metodologias, bem como introduzir algumas questões teóricas e práticas fundamentais para ambas as disciplinas.

PROGRAMA	- Arqueologia como Antropologia; - Conceito de Arqueologia; - História do pensamento arqueológico; - O profissional em Arqueologia; - Teorias e métodos; - Divisões da disciplina; - Arqueologia pré-histórica. - Arqueologia Histórica; - Etnoarqueologia; - Arqueologia no mundo; - Arqueologia americana; - Arqueologia brasileira; - Arqueologia no Rio Grande do Sul.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FUNARI, P. P. A. Arqueologia. São Paulo: Editora Ática, 1988. GAMBLE, C. Arqueología Básica. Barcelona: Editorial Ariel, 2002. CHILDE, G. Introdução à Arqueologia. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BINFORD, L. En Busca del Pasado. Barcelona: Crítica, 1988. BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. Revista de Arqueologia, v. 21, n. 2. Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2009. Disponível em: http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ra/issue/current. HODDER, I. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994. RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueologia: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007. TRIGGER, B. G. Historia del pensamiento arqueológico. Barcelona: Crítica, 1992.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 1º Semestre
DISCIPLINA	História do Pensamento Arqueológico
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910081
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/A RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Analisar a História Social e Cultural da Arqueologia, com ênfase para a América. Específicos: - Apresentar Historiografia da arqueologia; - Introduzir os pioneiros da arqueologia mundial e americana; - Debater a Arqueologia Amadora; - Refletir sobre Arqueologia Científica;
EMENTA	A disciplina analisará a História Social e Cultural da Arqueologia, enfatizando os critérios de institucionalização da disciplina na América, Europa e Estados Unidos.

PROGRAMA	- Historiografia da arqueologia; - Os pioneiros da arqueologia mundial e americana; - Arqueologia Amadora; - Arqueologia Científica; - Processos teóricos da arqueologia nos contextos históricos; - História pensamento Arqueológico na América; - História pensamento Arqueológico no Brasil; - História do pensamento Arqueológico no Rio Grande do Sul.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FERREIRA, L. M. Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 13, n. 2. Rio de Janeiro, 2006. FUNARI, P. P. A.; ORSER JR, C.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identities, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. TRIGGER, B. G. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DANIEL, G. História de la Arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe. Madrid: Alianza Editorial, 1986. FERREIRA, L. M. (Org.). Arqueologia Amazônica: História e Identidades. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v.4, n. 1. Belém, 2009. FUNARI, P. P. A. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003. HODDER, I. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994. JOHNSON, M. Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º semestre
DISCIPLINA	Teoria Antropológica I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Antropologia
CÓDIGO	10910019
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar os clássicos do pensamento antropológico norte-americano. Específico: - Apresentar o sentido e a formulação dos seus principais problemas e a presença atual das perspectivas da Escola.
EMENTA	Estudo das relações entre teorias, conceitos e métodos de investigação, tal como desenvolvido no pensamento antropológico norte americano.

PROGRAMA	- Panorama: da pré-história da antropologia ao século XIX; - Evolucionismo versus particularismo histórico – Morgan; - Os limites do método comparativo em antropologia - Franz Boas; - O conceito de superorgânico – Alfred Kroeber; - O conceito de padrões de cultura – Ruth Benedict; - Cultura e personalidade – Margareth Mead; - O interacionismo simbólico – Erving Goffman; - O interacionismo de Howard Becker; - A antropologia interpretativa e o conceito semiótico de cultura - Clifford Geertz; - A etnografia como descrição densa - Clifford Geertz; - Cultura e razão prática – Marshall Sahlins; - Etnografia e teoria literária – James Clifford; - A Invenção da cultura - Roy Wagner;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOAS, F. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BENEDICT, R. O Crisântemo e a Espada. São Paulo: Perspectiva, 2006. GOFFMAN, E. Estigma e identidade social. In: Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. MEAD, M. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1988. SAHLINS, M. D. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 WAGNER, R. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º semestre
DISCIPLINA	Teoria Antropológica II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Antropologia
CÓDIGO	10910020
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flávia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar a contribuição dos autores clássicos do pensamento antropológico britânico. Específicos: - Evidenciar a formulação de seus principais problemas e estimulando a reflexão a respeito da atualidade de suas perspectivas.
EMENTA	Estudo das relações entre teorias, conceitos e métodos de investigação, tal como desenvolvido no pensamento antropológico britânico.

PROGRAMA	- A ruptura funcionalista: a ênfase na sincronia; - O que é Antropologia Social?; - A teoria funcionalista da cultura; - Os conceitos de “função” e “estrutura social”; - A etnografia enquanto método; - Da função à estrutura política; - Da função à estrutura simbólica; - Rito e organização social;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1993. KUPER, A. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CASTRO, C. (Org.). Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. DOUGLAS, M. Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. São Paulo: Perspectiva, 1976. LEACH, E. R. Sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1995. MELATTI, J. C. (Org.). Radcliffe-Brown. São Paulo: Ática, 1995. (Coleção Grandes Cientistas Sociais: Antropologia). TURNER, V. O processo ritual. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º semestre
DISCIPLINA	Arqueologia Histórica I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910036
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/A RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Compreender como a arqueologia histórica se constitui como disciplina arqueológica. Específicos: -Conceituar a arqueologia histórica e a hermenêutica das fontes.
EMENTA	Introdução à arqueologia histórica, abordando o histórico deste campo de estudo, suas escolas e discussões teóricas. Relação entre as evidências materiais e as outras fontes (escritas, orais, visuais). Introdução à identificação, caracterização, classificação, tipologia e cronologia dos materiais arqueológicos mais recorrentes da Arqueologia histórica continental.

PROGRAMA	- Conceituação de arqueologia histórica; - Histórica da arqueologia histórica no mundo, América e Brasil - Escolas e discussões teóricas; - Cultura material x fontes escritas, orais e visuais; - Identificação, caracterização e classificação da cultura material e dos sítios; - Tipologia e cronologia da cultura material; - Similaridades e diferenças analíticas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FUNARI, P. P. A Cultura material e Arqueologia Histórica. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. (Coleção “Idéias”). FUNARI, P. P. A.; FOGOLARI, E. P. (Org.). Estudos de Arqueologia Histórica. Erechim: Habilis, 2005. ORSER JUNIOR, C. E. Introducción a la Arqueología Histórica. Buenos Aires: AINA, 2000.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ORSER JUNIOR, C. E. A Historical Archaeology of the modern world. New York: Plenum, 1996. FUNARI, P. P. A.; HALL, M.; JONES, S. (Org.). Historical Archaeology: back from the edge. New York: Routledge, 1999. MORAIS, D. Arqueologia da Arquitetura: Estação Ferroviária de PIRAJU: ensaio de Arqueologia da Arquitetura de Ramos de Azevedo. Erechim: Habilis, 2007. SCHÁVELZON, D. Arqueología histórica de Buenos Aires (III): excavaciones en la Imprenta Coni, San Telmo. Buenos Aires: Editorial Corregidor, 1996. ZARANKIN, A. Paredes que domesticam: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista - o caso de Buenos Aires. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 2002.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º Semestre
DISCIPLINA	Etnologia Ameríndia I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910130
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e extensionista
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Introdução à área de etnologia ameríndia; Específico: - Apresentação teórica e etnográfica dos grupos étnicos, seus sistemas de pensamentos, seus territórios; - Discussão sobre relações interétnicas, seus sistemas de dádivas, a origem e formação étnica dos estados nacionais. -Aproximação de ensino e extensão com o Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia
EMENTA	Estudos teóricos e etnográficos de temas diversos acerca dos ameríndios no Brasil e no Cone Sul. Atividades extensionistas vinculadas ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos

	da disciplina.
PROGRAMA	- Teorias Etnológicas; - Metodologia; - Jê Meridionais, Central e Setentrional; - Guaraní (<i>Mbyá-Guarani, Xiripá, Nandewa e Xetá</i>); - Guaraní-missioneiro, Patos e Arachanes; - Charrua, Minuano, <i>Chaná, Guenoa</i>; - Povos Ameríndios no Nordeste brasileiro; - Povos Ameríndios na Amazônia; - Povos Ameríndios em situação de isolamento voluntário;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BECKER, I. I. B. Os índios Charrua e Minuano na antiga Banda Oriental do Uruguai. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002. TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (Org.). Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang. Londrina: Eduel, 2004. DE CASTRO, E. V. A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CLASTRES, H. Terra Sem Mal. São Paulo: Brasiliense, 1978. CUNHA, M. C. Cultura com aspás. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. FAVRE, O. P. Sangre indígena en el Uruguay. Durazno: Libros del Autor, 1994. JOAQUIM, D. K. Kanhgás jinjén - Armadilhas kaingang. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. TEMPASS, M. C. Doce cosmologia mbyá-guarani: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º semestre
DISCIPLINA	Teoria Arqueológica I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Arqueologia
CÓDIGO	10910022
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Rafael Corteletti
OBJETIVOS	Geral: - Estudar as duas principais teorias arqueológica: arqueologia evolucionista e o modelo histórico-cultural em Arqueologia. Específicos: - Caracterizar historicamente e epistemologicamente as teorias arqueológicas apresentadas; - Apresentar o sentido e a formulação dos principais problemas, assim como os debates contemporâneos sobre as duas teorias arqueológicas estudadas.
EMENTA	Estudo de duas principais teorias arqueológicas: arqueologia evolucionista e o modelo histórico-cultural em Arqueologia.

PROGRAMA	- Evolucionismo; - Arqueologia Evolucionista; - Arqueologia Histórico-culturalista.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CHILDE, G. O que Aconteceu na História? Rio de Janeiro: Zahar, 1981. FUNARI, P. P. A. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003. TRIGGER, B. G. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DANIEL, G. História de la Arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe. Madrid: Alianza Editorial, 1986. FUNARI, P. P. A.; ORSER JÚNIOR, C. E.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. GARRETA, M.; BELLELLI, C. (Org.). La trampa cultural: textos de Antropología y Arqueología. Buenos Aires: Ediciones Caligraf, 2000. HODDER, I. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994. JOHNSON, M. Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 2º semestre
DISCIPLINA	Prática de Campo I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910037
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Corteletti, Rafael Guedes Milheira.
OBJETIVOS	Geral: - Desenvolver processos de levantamento e avaliação diagnóstica dos estudos e dos riscos ao patrimônio arqueológico de forma prática. Específico: - Introdução aos princípios e técnicas gerais da prática de campo em arqueologia.
EMENTA	Introdução aos princípios e técnicas gerais da prática de campo em arqueologia, discutindo e estudando a fundamentação teórica e os aspectos pragmáticos das diferentes fases e procedimentos da prospecção no trabalho arqueológico (diagnóstico, levantamento, acompanhamento / monitoramento), incluindo o manuseio de ferramentas e equipamentos, bem como os aspectos administrativos que envolvem a logística de campo.

PROGRAMA	- Avaliação de áreas potenciais através de estudos prévios em gabinete; - Compreensão de uso básico de equipamentos, imagens e documentos para determinação e mapeamento de sítios arqueológicos; - Realizar levantamentos em campo de áreas potenciais, tanto pré-históricas como históricas; - Demarcar com o uso de equipamentos os sítios e objetos sob a superfície, históricos e pré-históricos; - Demarcar em plantas, mapas e imagens os sítios, relacionando os processos intra-sítios e inter-sítios; - Criar programas teóricos de intervenção nos sítios arqueológicos - Elaborar procedimentos de salvaguarda e proteção aos sítios arqueológicos; - Elaborar orçamentos para trabalhos arqueológicos; - Desenvolver propostas de Educação Patrimonial para as fases de diagnóstico.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BASTOS, R. L.; SOUZA, M. C.; GALLO, H. (Org.). Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico. São Paulo: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (9ª Superintendência Regional), 2005. FUNARI, P. P. A. Arqueologia. São Paulo: Ática, 1988. RIBEIRO, P. A. M. Manual de introdução à Arqueologia. Porto Alegre: Sulina, 1977.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	AGUIAR, R. L. S. Manual de Arqueologia Rupestre: uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: Ioesc, 2002. CALDARELLI, S. B. (Org.). Atas do simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. Universidade Católica de Goiás – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia; Fórum Interdisciplinar para o Avanço da Arqueologia. Goiânia, 1997. CELORIA, F. Arqueologia. São Paulo: Melhoramentos, 1975. RAMBELLI, G. Arqueologia até debaixo d'água. São Paulo: Maranta, 2002. FUNARI, P. P. A. Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habis, 2007.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 3º semestre
DISCIPLINA	Pré-história Brasileira I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910017
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Rafael Guedes Milheira, Jorge Eremites Oliveira, Jaime Mujica Sallés, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Discussão crítica da história da arqueologia brasileira. Específicos: - Contraposição entre os distintos modelos para a ocupação pré-histórica elaborados ao longo das últimas décadas; - Valorização do patrimônio arqueológico pré-histórico.
EMENTA	Estudo e discussão do processo de ocupação pré-histórica do Brasil abordando as diversas teorias e renovação do conhecimento científico na área, relacionando os modelos explicativos para as sociedades regionais aos seus fundamentos epistemológicos na teoria arqueológica (identificação e caracterização das escolas arqueológicas e suas influências).

PROGRAMA	– História da Arqueologia Brasileira – formação e desenvolvimento; – A ocupação inicial do território e suas implicações na discussão internacional do povoamento da América; – As sociedades caçadoras coletoras e pescadoras do Holoceno antigo e médio; – Sedentarismo, agricultura, complexificação social; – O contato com os conquistadores europeus.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DIAS, A. S. 1995 Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA. Revista do CEPA, 19 (22). p. 25-39. MENDONÇA, A. de S. História da Arqueologia Brasileira. Pesquisas-Antropologia. São Leopoldo, n. 46, 1991. PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: UNB. 1991
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DE CASTRO, E. V. Perpectivismo e multinaturalismo na Amazônia indígena. In: _____. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. FUNARI, P. P. A. Os antigos habitantes do Brasil. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo, 2001. _____. Noelli, F. S. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto, 2002 NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. O Povo de Luzia. 1º ed. São Paulo: Editora Globo, 2008. SOUZA, C.R. de G.; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, A. M. dos S.; DE OLIVEIRA, P. E. Quaternário do Brasil. Ribeirão Preto, Holos Editora, 2005.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 3º semestre
DISCIPLINA	Teoria Antropológica III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Antropologia
CÓDIGO	10910021
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flávia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar as obras clássicas do pensamento antropológico francês. Específico: - Debater o sentido e a formulação dos seus principais problemas e a presença atual das perspectivas.
EMENTA	Estudo das relações entre teorias, conceitos e métodos de investigação tal como desenvolvidas no pensamento antropológico francês.

PROGRAMA	- Ritos de passagem; - Representações coletivas; - Sistemas de classificação; - Pensamento pré-lógico; - “Fato social” e “fato social total”; - Sistema de trocas; - Indivíduo e pessoa; - Natureza e cultura; - Estrutura; - Pensamento selvagem e científico; - Hierarquia e valor; - Individualismo; - Masculino e feminino; - <i>Habitus</i> – campo do poder; - Relativismo – rizoma.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DUMONT, L. Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1992. LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989. MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. São Paulo: Editora Nacional, 1989. LATOUR, B. Jamais fomos modernos. São Paulo: Editora 34, 2000. BRUMANA, F. G. Antropologia dos sentidos: introdução às ideias de Marcel Mauss. São Paulo: Brasiliense, 1983. GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978. LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 3º semestre
DISCIPLINA	Teoria Antropológica IV
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Antropologia
CÓDIGO	10910023
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia T. Magni, Flávia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar os/as autores/as vinculados/as ao pensamento antropológico brasileiro. Específicos: - Analisar a influência e o sentido das suas formulações para a construção (intelectual) do país.
EMENTA	Estudar as principais linhas de orientação e pesquisa que marcaram e ainda marcam a produção antropológica no Brasil.

PROGRAMA	-Introdução à Antropologia brasileira; - A antropologia brasileira; - A antropologia no sul do Rio Grande do Sul; - A Antropologia na primeira metade do século XX; - A teoria da miscigenação; - Os estudos folclóricos; - O regional e o nacional; - A teoria da aculturação; - Os conceitos de “estrutura” e “função” em Florestan Fernandes; - Os conceitos de “participação” e “cisão” em Roger Bastide; - Desenvolvimentos recentes; - O conceito de “fricção interétnica”; - As sociedades rurais; - A formação do estado e a diversidade cultural; - A Antropologia das e nas “sociedades complexas”; - Perspectivismo e Multiculturalismo;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DE CASTRO, E. V.. Perspectivismo e multiculturalismo na América Indígena. In: A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. FREYRE, G. Casa grande e senzala. Rio de Janeiro: Record, 1989. OLIVEIRA, R. C. Sobre o Pensamento Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPQ, 1988.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990. FERNANDES, F. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Globo, 2006. OLIVEN, R G. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992. PEIRANO, M. A teoria vivida: reflexões sobre a orientação em Antropologia. Ilha, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 3º semestre
DISCIPLINA	Metodologia da Pesquisa Qualitativa
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910004
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia T. Magni, Flávia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Informar o/a estudante sobre os procedimentos básicos de uma pesquisa científica. Específico: - Desenvolver no/a estudante a aptidão para a pesquisa antropológica através de informações teóricas sobre o método e o exercício prático do trabalho de campo.
EMENTA	Preparação para realização de trabalho de campo, interpretação e análise dos dados, através das técnicas e procedimentos que envolvem a pesquisa qualitativa.

PROGRAMA	- Fundamentos epistemológicos da pesquisa qualitativa; - Procedimentos básicos da pesquisa científica; - Problema e Problemática; - Do Problema à Hipótese; - Fundamentos epistemológicos e teoria da produção etnográfica; - Antropologia na prática; - Observação participante, pesquisa de campo na Antropologia; - O trabalho da/o antropóloga/o: problemas e possibilidades; - História oral, memória, biografia e entrevistas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CARDOSO, R. C. L. (Org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. DA MATTA, R. Trabalho de Campo. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1984. GEERTZ, C. O saber local. Petrópolis: Vozes, 1997. MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). QUEIROZ, M. I. P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 3º semestre
DISCIPLINA	Etnologia Afro-americana I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910131
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Extensionista
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar e debater sobre as diversas perspectivas teóricas que buscam explicar a incorporação dos segmentos afro-descendentes nas sociedades latino-americanas pós-coloniais, especialmente Brasil. Específico: - Discutir sobre o impacto de tais teorias na conformação das identidades nacionais, constituídas no bojo de lutas narrativas, contemplando-se na discussão uma perspectiva histórica. - Aproximação de ensino e extensão com o Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia
EMENTA	Afro-descendentes e Estado-Nação na América Latina; pós-abolição e cidadania; paradigmas teóricos sobre a diversidade étnico-racial. Prática extensionista junto ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de

	18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos da disciplina.
PROGRAMA	- Constituição dos Estados-nação e afro-descendentes na América Latina; - Teorias raciológicas e ideologia do branqueamento: Nina Rodrigues, Silvio Romero, Oliveira Vianna, Manuel Bonfim; - O paradigma culturalista: mestiçagem e hibridização/crioulização: Richard Price, Arthur Ramos, Gilberto Freyre e outros; - Os estudos da UNESCO no Brasil e a “escola paulista”; - A problemática da desigualdade racial e o retorno da “raça” como categoria social e analítica; - Nação e alteridades “raciais” na América Latina. - Prática extensionista.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FREYRE, G. Casa grande & senzala. São Paulo: Global Editora, 2006. FERNANDES, F. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global Editora, 2007. SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ANDREWS, G. R. América Afro-latina, 1800-2000. São Carlos: Edufscar, 2007. GUIMARÃES, A. S. A. Classes, raças e democracia. São Paulo: FAUSP; Editora 34, 2002. HASENBALG, C. A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. HOFBAUER, A. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. São Paulo: Editora da Unesp, 2006. RODRIGUES, R. N. O animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Editora da UFRJ, 2006.

NÚCLEO DE DISCIPLINAS ESPECÍFICAS

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Patrimônio Cultural
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910132
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Extensionista
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Claudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir como é tratado o patrimônio cultural no Brasil a partir de parâmetros internacionais. Específico: - Conceituação de patrimônio cultural e patrimonialização, seus princípios internacionais e nacionais, legislação e identificação. - Aproximação de ensino e extensão com o Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia
EMENTA	Discussão dos conceitos antropológicos e arqueológicos de patrimônio cultural. Elaboração de ações de extensão junto ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos da disciplina.

PROGRAMA	- Conceituação de patrimônio cultural e patrimonialização; - Princípios internacionais sobre patrimônio cultural; - Princípios nacionais sobre patrimônio cultural; - Legislação vigente sobre patrimônio cultural; - Processos de salvaguarda do patrimônio cultural; - Identificação e diversificação do patrimônio cultural; - Estudos de casos sobre patrimônios culturais vinculados ao Programa de extensão.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FUNARI, P. P. A. Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habilis, 2007. JORGE, V. O. Arqueologia, patrimônio e cultura. Porto: Editora Piaget, 2000. OOSTERBEEK, L. Arqueologia, patrimônio e gestão do território. Erechim: Habilis, 2007.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ALBANO, M. C. (Org.). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. Lisboa: Edições 70, 2000. FONSECA, M. C. L. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Minc/IPHAN, 2005. FUNARI, P. P. A.; JÚNIOR, C. O.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identities, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Ano 11, n. 23. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Família e Parentesco I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910018
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Flavia Maria Silva Rieth.
OBJETIVOS	Geral: - Realizar os debates teóricos sobre família e parentesco. Específicos: - Discutir a família no contexto brasileiro; - Dar subsídios para as/os estudantes desenvolverem pesquisas num enfoque antropológico sobre dinâmicas familiares na sociedade brasileira.
EMENTA	Discussão de autores/as clássicos/as e contemporâneos/as sobre as relações entre família e parentesco. Atenta-se para as relações entre cônjuges, afins e consanguíneos e formas sociais de filiação.

PROGRAMA	- Família e Parentesco: diferentes perspectivas teórico-conceituais; - Evolução; - Estrutura e afeto; - Papéis sociais e socialização; - Família e rede social; - Reprodução social; - Individualismo e holismo; - Família e memória; - Família e honra; - Família brasileira; - Família patriarcal brasileira; - Família brasileira - valor e mudanças;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982. RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Vozes, 1973.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ALMEIDA, M. W. B. Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consanguinidade e Afinidade de Família Humana (1871-2011). Cadernos de Campo, São Paulo, n.19, 2010. Disponível em: < > BOTT, Elizabeth. Família e rede social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. Disponível em: < > LÉVI-STRAUSS, C. “A família” In: SHAPIRO, Harry L. (coord.) Homem, cultura e sociedade. Editora Fundo de Cultura. 1966. MALINOWSKI, B. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Disponível em: < > MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1988.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º Semestre
DISCIPLINA	Ciência Política I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	06560021
DEPARTAMENTO	Departamento de Sociologia e Política
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Álvaro Barreto
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar alguns dos conceitos básicos da Ciência Política. Específico: - Debater conceitos a partir de um enfoque rigoroso, voltado à definição e precisão das categorias analíticas.
EMENTA	Apresentação das primeiras e basilares noções da Ciência Política: contextualização da disciplina; poder e poder político; Estado e Governo.

PROGRAMA	- Introdução: - Política; - A Política como ciência; - Precursores; - Fatores para seu advento; - Principais linhas temáticas. - Poder e poder político: - Concepções clássicas: aristotélica e jusnaturalista; - Concepção realista: soberania, força e legitimidade; - Concepção relacional: conceito e modalidades (violência, coerção, manipulação, influência e persuasão); - Formas de Governo: - A forma clássica da teoria das formas de governo: - Características fundamentais e categorias básicas; - Concepções: Platão, Aristóteles, Políbios. - A transição para a concepção moderna: a separação entre Estado e Governo: - Características fundamentais: Estado, Soberania, Governo; - Concepções: Maquiavel, Bodin, Hobbes, Locke e Rousseau. - A concepção moderna de Governo: - A Teoria dos três poderes: Montesquieu; - Sistemas de Governo: Monarquia e República; - Formas de Governo na concepção atual: Presidencialismo: elementos, origem e formas; Parlamentarismo: elementos, origem e formas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOBBIO, N. Teoria geral da Política . Rio de Janeiro: Campus, 2000. DUVERGER, M. Ciência Política . Rio de Janeiro: Zahar, 1976. SARTORI, G. A Política . Brasília: Editora da UnB, 1983.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BAUMAN, Zygmunt. Em busca da política . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. BOBBIO, N. et. al. Dicionário da Política . Brasília: Editora da UnB, 1994. BOBBIO, N.; BOVERO, M. Sociedade e Estado na Filosofia Política moderna . São Paulo: Brasiliense, 1991 BONAVIDES, Paulo. Ciência Política . São Paulo: Malheiros, 1994. WEFFORT, F. (Org.). Os clássicos da política . V.1. São Paulo: Ática, 2006.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Mitologia e Ritual
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910028
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Rogério Réus Gonçalves da Rosa
OBJETIVOS	Geral: - Subsidiar projetos, pesquisas, análises, escritura de textos produzidos pelos/as estudantes de graduação. Específicos: - Compreender as relações entre humanos e não-humanos; - Discussão teórica e metodológica sobre mito e ritual; - Possibilitar um olhar particular sobre a diversidade de sociedades humanas marcadas tanto pelo fenômeno da tradição como da globalização.
EMENTA	A partir das séries classificatórias natureza/cultura, animalidade/humanidade, corpo/espírito, simetria/assimetria, sincronia/diacronia esta disciplina aborda a articulação dos conceitos de mitologia, história, genealogia, alteridade, ritual, território, presentes entre os grupamentos ameríndios e as sociedades modernas.

PROGRAMA	- Preâmbulo; - Pensamento Mitológico; - Mitologia e Alteridade; - O Ritual.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. _____. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac Naify, 2004. VAN GENNEP, A. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BATESON, G. Naven. São Paulo: Edusp, 2008. DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. LATOUR, B. Jamais fomos modernos. São Paulo: Editora 34, 2000. LÉVI-STRAUSS, C. Do mel às cinzas. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. TURNER, V. W. Floresta de símbolos. Niterói: Editora da UFF, 2005.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Antropologia Rural
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910133
DEPARTAMENTO	História e Antropologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Extensionista
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar a apreensão de noções e conceitos fundamentais aos estudos antropológicos do rural e aproximação de ensino e extensão com o Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Específicos: - Pensar Gênero e Campesinato; -Refletir sobre trabalho, família e lógica simbólica camponesa.
EMENTA	Introdução a teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica junto a populações rurais. Ações extensionistas junto ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos da disciplina.

PROGRAMA	- Antropologia Rural, Antropologia do Rural, Antropologia no Rural; - Exorcizando fantasmas: o fim do campesinato; - O campesinato como sistema econômico; - O trabalho familiar; - Família e estratégias de reprodução social do campesinato; - Gênero e campesinato; - Os estudos de comunidade no Brasil: uma aproximação; - A comunidade rural camponesa; - A comunidade rural como comunidade moral; - A lógica e a simbólica da lavoura camponesa; - Representações sobre a identidade camponesa; - Relações campo-cidade. - Práticas extensionistas
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BRANDÃO, C. R. Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981. CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987. WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. Brasília: Editora da UnB, 1995.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ALMEIDA, M. W. B. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. Ruris, v. 1, n. 2. Campinas, 2007. BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. Revista de Sociologia e Política, n. 26. Curitiba, 2006. HEREDIA, B. M. A. de. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. Ciência Hoje, v. 5, n. 28, p.64-70, 1987. SEYFERTH, G. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.7, n.18, p.78-95, 1992.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º semestre
DISCIPLINA	Arqueologia Pública
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910034
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Jorge Eremites Oliveira, Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Desenvolver processos de interação com as sociedades no fazer arqueológico. Específicos: - Estudar conceitos e história da Arqueologia Pública no mundo e no Brasil; - Apresentar exemplos de projetos desenvolvidos no âmbito da arqueologia pública.
EMENTA	Discussão dos conceitos, objetos e objetivos da Arqueologia Pública no quadro das pesquisas arqueológicas contemporâneas.

PROGRAMA	- Conceitos de arqueologia Pública; - Histórica da arqueologia pública; - Discussões teóricas; - Processos de interação social do/a arqueólogo/a; - Estudo de exemplos de arqueologia pública; - Projetos em Arqueologia Pública.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 1. Campinas: Unicamp/NEE, 2006. ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 2. Campinas: Unicamp/NEE, 2007. ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 3. Campinas: Unicamp/NEE, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FERREIRA, L. M. Patrimônio, pós-colonialismo e repatriação arqueológica. Ponta de Lança: História, Memória e Cultura, v.1. São Cristóvão (Sergipe), 2008. FUNARI, P. P. A. et al. Arqueologia Pública no Brasil e as novas fronteiras. Praxis Archaeologica, v. 3. 2008 (Edição trilingue). FUNARI, P. P. A, Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habilis, 2007. FUNARI, P. P. A.; ORSER JÚNIOR, C.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea..São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. SIMPSON, M. G. Making Representations: Museums in the Post-Colonial Era. London: Routledge. 2001.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º semestre
DISCIPLINA	Antropologia da Saúde
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910041
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Helen Gonçalves, Cláudia Turra Magni, Flávia Maria Silva Rieth.
OBJETIVOS	Geral: - Definir o campo da Antropologia da Saúde. Específico: - Buscar reflexões antropológicas sobre o corpo através de literatura pertinente ao campo da Antropologia da Saúde.
EMENTA	Discussão das definições e teorizações culturais do corpo, da saúde e da doença, numa perspectiva comparada entre sociedades e grupos humanos distintos.
PROGRAMA	- Biologia e cultura; - A construção social do corpo; - Conceitos de saúde e doença; - Práticas de cura e manipulação simbólica; importância dos fatores culturais e sociais na consideração do binômio saúde-doença; - Sexualidade, reprodução e novas tecnologias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. MAUSS, M. Técnicas do corpo. In: _____. Sociologia e Antropologia, vol.II. São Paulo: Epu/Edusp, 1974. RABELO, M.; ALVES, P. C.; SOUZA, I. Experiência de doença e narrativa. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BIEHL, J. G. Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo. Revista de Antropologia, 51(2), p. 413-449, 2008. DUARTE, L. F. D.. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença”. Ciênc. saúde coletiva. 8(1), p. 173-183, 2003. GOFFMAN, E. Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. MONTERO, P. Da doença à desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro, Graal, 1985. RABELO, M.; ALVES, P. C. Corpo, Experiência e Cultura. In: LEIBNING, A. (Org.) Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil. Rio de Janeiro: Nau Editora.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia - 5º semestre
DISCIPLINA	Pesquisa Etnográfica I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910134
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Extensionista
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Acompanhar e fornecer apoio teórico-metodológico para o desenvolvimento de pesquisa etnográfica ou antropológica. Específico: - Elaborar uma pesquisa etnográfica e extensionista junto à comunidade.
EMENTA	Esta disciplina tem por objetivo pensar o método etnográfico, sua inserção em projetos de pesquisa e extensão e desenvolver ações junto às comunidades pelo viés extensionista propondo atividades segundo as demandas locais. Atividades extensionistas vinculadas ao Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos da disciplina.

PROGRAMA	Desenvolvimento de projeto de pesquisa e extensão; acompanhamento coletivo dos projetos, realização campo etnográfico junto às comunidades e ações de extensão.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	GEERTZ, C. Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. DINIZ, D. <i>et al.</i> (Org.). Ética em pesquisa: temas globais. Brasília: LetrasLivres, 2008. ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008. PEIRANO, Mariza G. S. O. Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo/SP: Brasiliense, 1988. SARTI, C.; DUARTE, L. F. D. (Org.). Antropologia e ética: desafios para a regulamentação. Brasília: ABA, 2013. Disponível em: THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1981.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º Semestre
DISCIPLINA	Antropologia da Religião I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910029
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar os/as autores/as e temas clássicos do pensamento antropológico e sociológico sobre a religião. Específico: -Analisar o sentido e a formulação dos seus principais problemas e a presença atual das perspectivas.
EMENTA	Estudo das teorias e temas que conformam o campo da produção sobre religião na antropologia e de sua atualização para as questões contemporâneas que envolvem o fenômeno religioso do ponto de vista antropológico.

PROGRAMA	- Marx, Durkheim e Weber; - Mauss, Leenhardt e Halbwachs; - Evans-Pritchard, Simmel e Geertz; - Bourdieu, Peter Berger e Hervieu-Léger.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DURKHEIM, É. As formas elementares de vida religiosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In: _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	SELL, C E. Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. MARIZ, C. L. Aparições da Virgem e o fim do milênio. Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 4, n. 4, p. 35-53, out 2002. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2245 AMARAL, L. O comando da felicidade. Sobre a dimensão trágica dos rituais de cura Nova Era. Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 5, n. 5, pp. 99-122, out 2003. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2256 BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. Religião & Sociedade. Vol 21, n. 1, p. 09-24, abril 2002. Disponível em: http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf CHAMPION, F. Constituição e transformação da aliança ciência e religião na nebulosa místico-esotérica. Religião & Sociedade. Vol 21, n. 2, p. 25-44, nov. 2001. Disponível em: http://www.acsrn.org/upload/newsletterantiguos/News14.pdf

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º Semestre
DISCIPLINA	Antropologia do Direito
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/AS RESPONSÁVEIS	Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Rosane Aparecida Rubert, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Evidenciar as interações entre Antropologia e Direito, por meio do estudo de problemáticas da sociedade contemporânea. Específicos: - Sensibilizar para a importância da relativização de valores sociais e concepções de justiça; - Refletir sobre a tendência à judicialização dos processos sociais; - Estudar direitos culturais e direitos humanos sob uma perspectiva antropológica; - Refletir sobre a especificidade do ordenamento jurídico moderno enquanto produto de um contexto histórico-cultural específico.
EMENTA	Análise dos mecanismos de produção, manutenção e reprodução da ordem e do controle sociais numa perspectiva comparada entre sociedades e grupos situados em contextos espaciais e ou temporais distintos. Estudo sobre direitos humanos, direitos culturais e de minorias sob a perspectiva da Antropologia.

PROGRAMA	- O campo da Antropologia Jurídica e do Direito; - Os fundamentos dos sistemas normativos em sociedades tradicionais; - Direito e sociedade moderna: individualismo e controle social; - Antropologia e direitos humanos; - O paradigma multicultural: utopias e contradições; - Arenas de conflitos e mecanismos legais de construção do consenso; - Instâncias e códigos locais de normatização do social.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOURDIEU, P. A força do direito: elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão nas sociedades arcaicas. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. SANTOS, B. S. (Org.). Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BRUM, C. K.; SÁ, G. J. S. (Org.). Entre poderes nativos e saberes ativos: antropologia e direitos humanos. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2009. KANT DE LIMA, R. (Org.) Antropologia e direitos humanos. Niterói: EDUFF, 2005. (Prêmio ABA/FORD, vol.3). MÜLLER, C. B. Direitos étnicos e territorialização: dimensões da territorialidade em uma comunidade negra gaúcha. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011. SCHUCH, P. Práticas de justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. 293 p. VIEIRA, M. S. Categorias jurídicas e violência sexual: uma negociação com múltiplos atores. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 6º semestre
DISCIPLINA	Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910042
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Cláudio Baptista Carle, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert, Jorge Eremites Oliveira.
OBJETIVOS	Geral: - Proporcionar aos/às estudantes subsídios teóricos para reflexão em torno de uma antropologia prática ou da ação. Específico: - Familiarizá-los/as nos princípios normativos que requerem, na atualidade, a mediação de profissionais de Antropologia nos processos de reconhecimento de direitos culturais e territoriais.

EMENTA	Legislação sobre reconhecimento territorial de comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, etc.), EIA/RIMA, impacto de grandes projetos, reconhecimento patrimonial, etc. O papel do/a antropólogo/a como pesquisador/a e como mediador/a nos processos de identificação étnica e territorial. O lugar da antropologia nas arenas políticas de disputas por direitos de reconhecimento. O diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento. Os termos contratuais recomendados pela Associação Brasileira de Antropologia. A ética antropológica no âmbito das perícias, pareceres e laudos.
PROGRAMA	- Antropologia prática, aplicada ou da ação: aspectos teóricos e éticos; - A atual arena das políticas de reconhecimento e direitos culturais; - Legislação e procedimentos relativos à regularização fundiária em comunidades quilombolas, indígenas e tradicionais; - Relatórios de impactos ambientais; - Procedimentos relacionados ao reconhecimento patrimonial; - Os princípios e recomendações da Associação Brasileira de Antropologia.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	LEITE, I. B. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. Territórios quilombolas e conflitos, v. 69, p. 18, 2010. DE OLIVEIRA, L. R. C. A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. 2010. MÜLLER, C. B.; JÚNIOR, E. F. M. Identidade e interlegalidade: diálogos possíveis entre o local e o judiciário. Revista Ambivalências, v. 4, n. 7, p. 42-67, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/5161

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FELDMAN-BIANCO, B. A antropologia hoje. Ciência e Cultura, v. 63, n. 2, p. 4-5, 2011. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000200002&script=sci_arttext ARRUTI, J. M. A. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131997000200001&script=sci_arttext&tlng=pt OLIVEIRA, M. R. de. O Conceito jurídico da expressão “povos e comunidades tradicionais” e as inovações do Decreto 6.040/2007. Disponível em: portalpade.mma.gov.br/publicacoes/category/70-povos-e-comunidades-tradicionais CHAVES, Ro P. R. A identificação de terras indígenas e os relatórios de identificação e delimitação da FUNAI: reflexões sobre a prática da antropologia no Brasil (1988-2003). 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/11950 SARMENTO, Daniel et al. A garantia do direito à posse dos remanescentes de quilombos antes da desapropriação. 2006. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/artigos/docs_artigos/Dr_Daniel_Sarmento.pdf
--------------------------------------	--

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 6º Semestre
DISCIPLINA	Antropologia e Meio Ambiente
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910135
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (3 teóricos e 1 extensionista)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e Extensionista
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Flávia Rieth, Renata Menasche, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Expor algumas das perspectivas teóricas por meio das quais o debate sobre a relação sociedade-natureza se apresenta para as ciências sociais. Específicos: - Refletir sobre as distintas formas de percepção e apropriação da natureza, de acordo com a multiplicidade de lógicas culturais; - Debater sobre o campo ambiental na sociedade contemporânea e seus conflitos a partir de uma perspectiva antropológica; - Discutir sobre a relação entre saberes tradicionais, biodiversidade e sociedade de risco. - Aproximação de ensino e extensão com o Programa de Extensão do Bacharelado em Antropologia
EMENTA	Relações sociedade-natureza; a diversidade de perspectivas preservacionistas; o campo ambiental, suas problemáticas e conflitos; a relação entre novas tecnologias e saberes tradicionais; problemática ambiental e sociedade de risco. Aproximação de ensino e extensão com o Programa de

	Extensão do Bacharelado em Antropologia Código 147. Esse Programa contém projetos ativos cuja essência é o desenvolvimento de atividades práticas que contemplam as diretrizes da extensão universitária constantes na Resolução CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018. O/a discente deverá participar, com aproveitamento integral, do projeto desse Programa que contemple os objetivos da disciplina.
PROGRAMA	- As múltiplas lógicas de relação sociedade-natureza: perspectivas teóricas; - As chamadas populações tradicionais e sua relação com os discursos preservacionistas, por meio das ações extensionistas; - Saberes tradicionais e novas tecnologias; - Representações sobre natureza no espaço urbano; - Campo ambiental: problemáticas e conflitos em uma sociedade de risco; - O movimento internacional por justiça ambiental.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CUNHA, M. C. da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. Estudos Avançados, v.13, n.36. São Paulo, 1999. DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 1998. THOMAS, K. O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ACSELRAD, H. (Org.). Conflitos ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. ALMEIDA, A. W. B.. Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA/UFAM, 2006. FOLADORI, G.; TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. Mana, v.10, n.2. Rio de Janeiro, 2004. RIBEIRO, G. L.. Ambientalismo e desenvolvimento sustentado: nova ideologia/utopia do desenvolvimento. In: _____. Cultura e política no mundo contemporâneo. Brasília: Editora da UnB, 2000. LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia UnB, n. 322. Brasília, 2002.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 7º semestre
DISCIPLINA	TCC I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910136
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (2 teóricos e 2 práticos)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e prática
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Compreender o processo de construção de um projeto de pesquisa, assim como, a pesquisa exploratória e revisão bibliográfica. Específicos: - Iniciar a etnografia (fase exploratória). - Realizar levantamento da bibliografia temática. - Definir o referencial teórico a ser utilizado.
EMENTA	Elaboração de projeto de pesquisa e realização das primeiras incursões etnográficas, assim como, da revisão bibliográfica específica.

PROGRAMA	- Projeto de pesquisa - Ética na pesquisa - Exercícios etnográficos exploratórios - Definição do referencial teórico - Revisão bibliográfica
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 351p. CARDOSO, Ruth (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 156p. ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 22 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 174p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 516p. BECKER, Howard Saul. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 178p. GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 107p. KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. et. al. Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 139 p. RAUBER, Jaime José; SOARES, Marcio (coord.). Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas. 3. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2005. 99p.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 8º semestre
DISCIPLINA	TCC II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910137
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 (2 teóricos e 2 práticos)
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica e prática
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Realização de pesquisa etnográfica e/ou revisão bibliográfica e proceder à escrita de uma monografia. Específicos: - Realizar a pesquisa etnográfica e/ou revisão bibliográfica apropriada. - Sistematizar dados e/ou ideias e conceitos. - Escrever uma monografia como trabalho final de conclusão do curso.
EMENTA	Elaboração de uma monografia final de trabalho de conclusão de curso, fundamentada em pesquisa etnográfica ou documental, assim como revisão teórica e bibliográfica apropriada ao tema/problema escolhido.

PROGRAMA	- Pesquisa etnográfica e/ou documental e/ou bibliográfica. - Sistematização de dados e/ou ideias e conceitos. - Escrita final do trabalho. - Submissão do trabalho escrito à banca avaliadora.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 351p. CARDOSO, Ruth (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 156p. ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 22 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 174p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 516p. BECKER, Howard Saul. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 178p. GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 107p. KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. et. al. Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 139 p. RAUBER, Jaime José; SOARES, Marcio (coord.). Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas. 3. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2005. 99p.

NÚCLEO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Teoria Arqueológica II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Introdução à Arqueologia
CÓDIGO	10910033
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4 créditos
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Lúcio Ferreira Menezes; Pedro Luis Machado Sanches; Jorge Eremites Oliveira;
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer a “New Archaeology” e o pós-processualismo. Específicos: -Abordar especificidades teóricas e metodológicas.
EMENTA	Abordagem de duas principais teorias arqueológicas: “New Archaeology” e pós-processualismo em Arqueologia.

PROGRAMA	- Contestações ao histórico-culturalismo; - Tipologias e quantificações; - <i>New Archaeology</i> e afirmação científica; - Arqueologia processual; - Arqueologia Social; - Teoria dos sistemas; - Teoria de alcance médio; - Simbolismo e arqueologia; - Pós-modernidade e fragmentação; - Pós-processualismo; - Fenomenologia.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BINFORD, L. En busca del pasado. Barcelona: Crítica, 1988. HABBER, A. (Org.). Hacia una Arqueología de las Arqueologías Sudamericanas. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2004. TRIGGER, B. G. História do pensamento Arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FUNARI, P. P. A Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003. FUNARI, P. P. A.; ORSER JUNIOR, C.; SCHIAVETTO, S. N. de O (Org.). Identities, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. GARRETA, M.; BELLELLI, C. (Org.). La trampa cultural: textos de Antropología y Arqueología. Buenos Aires: Ediciones Caligraf, 2000. HODDER, I. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994. JOHNSON, M. Teoría Arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Cartografia e Geoprocessamento
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10060117
DEPARTAMENTO	Geografia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Prática
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Erika Collischonn, Edvania Corrêa Alves.
OBJETIVOS	Geral: - Capacitar os/as futuros/as profissionais arqueólogos/as, na leitura de cartas topográficas e no uso de geotecnologias para o planejamento, análise e representação de dados de campo. Específicos: - Conhecer exemplos de aplicabilidade do geoprocessamento e do sensoriamento remoto com estudos ligados a arqueologia; - Instrumentalizar em ferramentas de geoprocessamento com aplicabilidade em projetos na área de Arqueologia.
EMENTA	Noções básicas sobre mapas, escala e projeções cartográficas, leitura e interpretação de Cartas Topográficas. Simbologia cartográfica. Introdução ao SIG e ao Geoprocessamento. Representações Computacionais do Espaço Geográfico. Operações sobre Dados Geográficos: mapeamento, interpretação e análise de imagens de satélites; Aplicação do geoprocessamento nas áreas da antropologia e arqueologia.

PROGRAMA	- O potencial da informação geográfica na atualidade; - Sistemas de Informações Geográficas para Arqueologia; - Componentes Básicos do Sistema de Informações Geográficas; - Equipamentos usados para entrada e saída de dados; - Necessidades do SIG em relação aos Sistemas de Referência de Coordenadas, Projeção, Datum. - Modelos de representação espacial e sua estrutura – vetorial e matricial. Formas de armazenamento e de obtenção desses dados; - Exercícios com dados espaciais já construídos para fixar as definições básicas dos dados para se criar um SIG eficiente: visualização, sobreposição, consulta por atributo e espacial, classificação, soma, intersecção, área de influência; - Registro espacial de dados em SIG; - Geração de arquivos vetoriais: pontos, digitação de curvas de nível, polígonos com topologia, redes; - Geração de arquivos matriciais: modelos numéricos de terreno (interpolação) de imagens de satélite. Noções de interpretação de imagens de satélite; - Saídas gráficas de Sistemas de Informações Geográficas; - Aplicações dos Sistemas de Informações Geográficas na área de Arqueologia.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DUARTE, P. A. Fundamentos de Cartografia. 1ª Ed., Série Didática, Florianópolis, Editora UFSC, 1994. LIBAULT, A. Geocartografia. Companhia Editora Nacional e EDUSP, São Paulo, 1975. FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicação. São Paulo: Oficina de textos, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DUARTE, P. A. Cartografia Temática. 2ª Ed., Série Didática, Florianópolis, Editora UFSC, 1991. IBGE. Noções básicas de Cartografia. Departamento de Cartografia – DECAR, 1998. JENSEN, J. R. Sensoriamento Remoto do Ambiente. Uma Perspectiva em Recursos Terrestres (Tradução da Segunda Edição). São José dos Campos, SP: Ed Parêntese, 2009. MOREIRA, M. A. Fundamentos do sensoriamento remoto e metodologias de aplicações. 4. ed. Viçosa: UFV, 2011. ALMEIDA, R. D. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 4º semestre
DISCIPLINA	Prática de Laboratório I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910035
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Prática
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Pedro Luis Machado Sanches; Rafael Guedes Milheira; Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Debater os princípios e técnicas gerais da prática de laboratório Específico: - Desenvolver na prática processos de consolidação, manutenção, catalogação e divisão tipológica genérica de todos os objetos que são retirados dos sítios arqueológicos.

EMENTA	Introdução aos princípios e técnicas gerais da prática de laboratório em arqueologia, apresentando a fundamentação teórica e aspectos pragmáticos das diferentes fases e procedimentos na curadoria do material arqueológico, no que se refere à parte administrativa (documentação, catalogação, inventariado, guarda, registro de sítios, etc.) e parte técnica (limpeza, numeração, consolidação, recomposição e conservação dos materiais), abordando os cuidados técnicos necessários para cada tipo de vestígio material das culturas, de sítios históricos ou pré-históricos (lítico, cerâmico, ósseo; cerâmicas históricas, vidros, metais, etc.).
PROGRAMA	- Princípios e técnicas gerais da prática de laboratório em arqueologia; - Fundamentação teórica e pragmática na curadoria do patrimônio arqueológico móvel e imóvel; - Consolidação das diversas partes do processo de tratamento do material arqueológico móvel em laboratório; - Divisão e descrição tipológica dos vestígios arqueológicos; - Caracterização dos vestígios como pólos de interpretação das questões arqueológicas passíveis de serem realizadas;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CHMYZ, I. Terminologia Arqueológica Brasileira para a cerâmica. 2 Ed. Rev. e Ampl. Cadernos de Arqueologia, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, n. 1, 1976. PROUS, A. Os Artefatos Líticos, Elementos Descritivos Classificatórios. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.11, pp.1-90, 1986/1990. TOCCHETTO, F. B.; SYMANSKI, L. C. P.; OSÓRIO, S. R.; OLIVEIRA, A. T. D.; CAPPELLETTI, A. M. A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade. Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, 2001.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CARVALHO, F. Porcelana Brasil Guia de marcas: Guia prático para identificação e datação de louça de mesa e louça decorativa fabricada no Brasil. São Paulo: All Print, 2008. LEMMONIER, P. (Ed). Technological Choices: Transformation in Material Cultures since the neolithic. London/ New York: Routledge, 1993. LIMA, T. A.. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 46-98, 1996. PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). Os Ceramistas Tupi guarani. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN de Minas Gerais, 2010, 3vls.

	SCHÁVELZON, D. Catálogo de Cerámicas Históricas de Buenos Aires (siglos XVI-XX). Con notas sobre la región del Río de la Plata. Buenos Aires, 2001.
--	---

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º semestre
DISCIPLINA	Arqueologia Pública
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910034
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Diego Lemos Ribeiro; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Lúcio Ferreira Menezes; Pedro Luis Machado Sanches; Jorge Eremites Oliveira; Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Desenvolver processos de interação com as sociedades no fazer arqueológico. Específicos: - Estudar conceitos e história da Arqueologia Pública no mundo e no Brasil; - Apresentar exemplos de projetos desenvolvidos no âmbito da arqueologia pública.
EMENTA	Discussão dos conceitos, objetos e objetivos da Arqueologia Pública no quadro das pesquisas arqueológicas contemporâneas.
PROGRAMA	- Conceitos de arqueologia pública; - História da arqueologia pública; - Discussões teóricas; - Processos de interação social do arqueólogo; - Estudo de exemplos de arqueologia pública; - Projetos em arqueologia pública;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 1. Campinas: Unicamp/NEE, 2006. ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 2. Campinas: Unicamp/NEE, 2007. ARQUEOLOGIA PÚBLICA, v. 3. Campinas: Unicamp/NEE, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FERREIRA, L. M.. Patrimônio, pós-colonialismo e repatriação arqueológica. Ponta de Lança: História, Memória e Cultura, v.1. São Cristóvão (Sergipe), 2008. FUNARI, P. P. A. Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habis, 2007. FUNARI, P. P. A.; ORSER JUNIOR, C.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identities, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. FUNARI, P. P. A. et al. Arqueologia Pública no Brasil e as novas fronteiras. Praxis Archaeologica, v. 3. 2008 (Edição trilingue). SIMPSON, M. G. Making Representations: Museums in the Post-Colonial Era. London: Routledge. 2001.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º semestre
DISCIPLINA	Pré-história brasileira II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910030
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Rafael Guedes Milheira; Jorge Eremites Oliveira; Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Discussão crítica da história da arqueologia brasileira. Específicos: - Contraposição entre os distintos modelos para a ocupação pré-histórica elaborados ao longo das últimas décadas; - Valorização do patrimônio arqueológico pré-histórico.
EMENTA	Estudo e discussão do processo de ocupação pré-histórica do Brasil meridional e região platina abordando as diversas teorias e renovação do conhecimento científico na área, relacionando os modelos explicativos para as sociedades regionais aos seus fundamentos epistemológicos na teoria arqueológica (identificação e caracterização das escolas arqueológicas e suas influências).

PROGRAMA	- História da Arqueologia Brasileira: formação e desenvolvimento; - A ocupação inicial do sul da América do Sul e suas implicações na discussão internacional do povoamento da América; - As sociedades caçadoras coletoras e pescadoras do Holoceno antigo e médio; - Sedentarismo e complexificação social; - O contato com os conquistadores europeus.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	GASPAR, M. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. KERN, A. A. (Org.). Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. (Org.). Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2014.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DEBLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHELL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C.; GASPAR, M. D. Sambaquis e Paisagem. Dinâmica Naturele Arqueologia Regional no Litoral Sul do Brasil. Arqueologia Suramericana. V. 3.nº 1. p.29-61, , jan. 2007. NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. Revista da USP. São Paulo: USP. nº 44, p. 218-269, 1999-2000. PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Ed. UNB, 1992. REIS, J. A.. Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do planalto meridional. Caxias do Sul/RS: Ed. UCS, 2002. SCHIAVETTO, S. N. de O. A arqueologia Guarani: Construção e desconstrução da identidade indígena. São Paulo: FAPESP/AnnaBlume, 2003.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º Semestre
DISCIPLINA	Etnoarqueologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910054
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Jorge Eremites Oliveira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes.
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer os processos de pesquisa etnoarqueológica e analogias etnográficas. Específico: - Debater o uso de fontes históricas e do trabalho de campo antropológico nas pesquisas arqueológicas.
EMENTA	Estudo dos fundamentos teóricos e metodológicos da Etnoarqueologia, destacando: o uso de fontes históricas e do trabalho de campo antropológico nas pesquisas arqueológicas.

PROGRAMA	- Conceitos de etnoarqueologia; - História da etnoarqueologia; - Escolas e discussões teóricas sobre etnoarqueologia e analogia etnográfica; - Cultura Material e fontes escritas, orais, visuais; - Estudos etnográficos; - Similaridades e diferenças analíticas dos dados etnográficos e da cultura material;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BINFORD, L. En busca del pasado. Barcelona: Crítica, 1988. GONZÁLEZ, A. R. La experiencia del Otro: Una introducción a la Etnoarqueología. Madrid: Akal, 2003. HODDER, I. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	EREMITES DE OLIVEIRA, J. (Re) aproximando os campos da Antropologia Social e da Arqueologia no Brasil: Etnoarqueologia em laudos antropológicos judiciais sobre terras indígenas em Mato Grosso do Sul. In: PACHECO DE OLIVEIRA, J. et al. (Org.). Laudos antropológicos em perspectiva. Brasília, ABA, p.234-261, 2015. JOHNSON, M. Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000. POLITIS, G. G. Arqueología de la infancia: una perspectiva etnoarqueológica. Trabajos de Prehistoria, Madrid, 55 (2). p. 5-19, 1998. SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. Métis: História & Cultura, Caxias do Sul, 8 (16), p. 121-139, 2009. SCHIAVETTO, S. N. de O. et al. (Org.). Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 5º semestre
DISCIPLINA	Prática de campo II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910045
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Pedro Luis Machado Sanches; Rafael Guedes Milheira; Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Introdução aos princípios e técnicas gerais da prática de campo em arqueologia. Específico: - Compreender , elaborar teórica e logisticamente e efetivamente o realizar da prática de intervenção direta sobre o sítio, desde as sondagens e até escavações em áreas amplas, com os devidos cuidados na salvaguarda do patrimônio arqueológico.
EMENTA	Introdução aos princípios e técnicas gerais da prática de campo em arqueologia, discutindo e estudando a fundamentação teórica e os aspectos pragmáticos das diferentes fases e procedimentos de intervenção do trabalho arqueológico (escavação, salvamento, acompanhamento/monitoramento), abordando as diferentes fases de preparo e execução de uma escavação arqueológica, incluindo o manuseio de ferramentas e equipamentos, bem como os aspectos administrativos que envolvem a logística de campo.

PROGRAMA	- Processo de permissão legal a intervenções em sítios arqueológicos; - Processos logísticos e documentais para realizar intervenções; - Realização de técnicas em campo de escavação para respostas diacrônicas e sincrônicas dos sítios; - Desenhos estratigráficos, situacionais e de estruturas arqueológicas; - Análise intra-sítios; - Análise inter-sítios; - Laboratório de Campo; - Conservação dos vestígios e acondicionamento; - Educação Patrimonial.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FUNARI, P. P. A. Arqueologia. São Paulo: Ed. Contexto, 2003 RAMBELLI, G. Arqueologia até debaixo d'água. São Paulo: Ed. Maranta, 2002. TRIGGER, B. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Ed. Odysseus, 2011.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DEBLASIS, P.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com <i>full-coverage survey</i> no Bairro da Serra. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. v. 5. São Paulo: USP, p.125-143, 1995. DIAS, A. S. Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2003. MILHEIRA, R. G. Arqueologia Guarani na Laguna dos Patos e Serra do Sudeste. Pelotas/RS: Ed. UFPEL, 2014. MORAIS, J. L. A. Arqueologia e o fator Geo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: USP, p. 3-22, 1999. PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Ed: UNB, 1992.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 6º semestre
DISCIPLINA	Prática de Laboratório II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910049
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Prática
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Loredana Marise Ricardo Ribeiro; Pedro Luis Machado Sanches; Rafael Guedes Milheira; Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Introdução aos princípios e técnicas específicas de análise do material arqueológico em laboratório. Específico: - Desenvolver análises e interpretações de objetos, considerando os sistemas catalográficos, tipológicos, formas de desenhos científicos e outras medidas necessárias ao domínio prático do estudo laboratorial.
EMENTA	Introdução aos princípios e técnicas específicas de análise do material arqueológico em laboratório, envolvendo procedimentos de análise técnico-tipológica e análise físico-química. Classificação e caracterização tipológica dos materiais; desenho arqueológico, manual e eletrônico; análise microscópica; aplicações de métodos e técnicas de análise quantitativa e qualitativa; aplicação de métodos de geoprocessamento baseados no SIG (GIS); métodos de datação relativa e absoluta.

PROGRAMA	- Princípios e técnicas de análise dentro de propostas interpretativas; - Análise e classificação técnico-tipológica e análise físico-química; - Classificação e caracterização tipológica dos materiais; - Desenho arqueológico, manual e eletrônico; - Análise microscópica; - Aplicações de métodos e técnicas de análise quantitativa e qualitativa; - Aplicação de métodos de geoprocessamento baseados no SIG (GIS); - Métodos de datação relativa e absoluta.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ACOSTA, A.; LOPONTE, D.; RAMOS, M. (Org.). Temas de Arqueología: análisis lítico. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2004. SCHAAN, D. P. A linguagem iconográfica de cerâmica Marajoara: um estudo da arte pré-histórica na Ilha de Marajó - Brasil (400-1300AD). Porto Alegre: Edipucrs, 1997. TIXIER, . Préhistoire de la pierre taillée I: terminologie et technologie. Antibes: CREP, 1980.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CHAPMAN, H. Landscape Archeology and GIS. Great Britain: Tempus, 2006. CARVALHO, O. A. de. Bioanthropologie des nécropoles de Justino et de São José II, Xingo, Brasil. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. LEROI-GOURHAN, A. Pré-história. São Paulo: Pioneira, 1981. PESSIS, A. Imagens da pré-história = Images de la préhistoire = Images from pre-history. São Paulo: Petrobrás, 2003. TRIGGER, B. G. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia – 6º semestre
DISCIPLINA	Arqueologia Histórica II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Obrigatória
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910050
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle; Lúcio Ferreira Menezes; Pedro Luis Machado Sanches; Loredana Marise Ricardo Ribeiro.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar o processo histórico no Brasil através da arqueologia da escravidão. Específicos: - Debater as principais correntes teóricas e metodológicas da Arqueologia da Escravidão.
EMENTA	Discussão em Arqueologia Histórica, focando-se nos estudos em Arqueologia da Escravidão.

PROGRAMA	- Histórico da arqueologia histórica no Brasil e a ênfase na escravidão; - Escolas e discussões teóricas sobre o capitalismo; - Cultura Material, fontes escritas, orais, visuais; - Identificação, caracterização e classificação da cultura material e dos sítios sobre o processo histórico brasileiro evidenciando o período da escravidão; - Tipologia e cronologia da cultura material afro e relacionada a euro-brasileira; - Similaridades e diferenças analíticas na arqueologia da escravidão.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	GUTIERREZ, E. J. B. Barro e sangue: mão-de-obra, Arquitetura e urbanismo em Pelotas. Pelotas: Editora da UFPel, 2005. JONES, S. The Archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and the present. London: Routledge, 1997. ORSER JUNIOR, C. E. A Historical Archaeology of the modern world. New York and London: Plenum Press, 1996.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FUNARI, P. P. A; ORSER JUNIOR, C. E.; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.). Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. MAESTRI, M. O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia. São Lourenço. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1984. SOUZA, M. A. T. Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás. Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v.1, n.1. Belo Horizonte, 2007. SYMANSKI, L. C. P.; SOUZA, M. A. T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33. Brasília, 2007. SYMANSKI, L. C. P. O domínio da táctica: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v.1, n.2. Belo Horizonte, 2007.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia Audiovisual e da Imagem
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910013
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Claudia Turra Magni
OBJETIVOS	Geral: - Tomar contato com produções filmicas, fotográficas, videográficas, multimídias e sonoras de diferentes contextos históricos internacionais e nacionais. Específicos: - Propiciar reflexões teórico-metodológicas em antropologia audiovisual e da imagem, que capacitem os/as estudantes teoricamente para o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa na Oficina Prática a ser oferecida posteriormente.
EMENTA	A disciplina explora a gama de variações que vão da Antropologia da imagem (estudo de fenômenos imagéticos integrantes das produções culturais humanas) à Antropologia pela imagem (implicações metodológicas e epistemológicas do emprego de recursos visuais e audiovisuais no processo de construção do conhecimento).
PROGRAMA	- Imagem e Antropologia; - Referências fundadoras;

	- Antropologia audiovisual e da imagem no contexto brasileiro;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	Ensinando antropólogos a desenhar (site): Disponível em: Imagem, Pesquisa e Antropologia. Cadernos de Arte e Antropologia. vol. 3, n. 2/2014. Disponível em: https://cadernosaa.revues.org/217 O documentário como contra-ponto. Cadernos de Arte e Antropologia. vol. 3, n. 1. Disponível em:
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	INGOLD. T. Pare, Olhe, Escute: visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe. n. 3, 2008. Disponível em: http://pontourbe.revues.org/1925 Revista Espaço Acadêmico. n. 163. Dez/2014. Disponível em: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/26003/13967 Teorias Antropológicas da cultura. Antropologia da comunicação visual. São Paulo: DP&A, 2001. CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia da Alimentação
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910027
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar a alimentação como linguagem. Específicos: - Oferecer uma introdução a perspectivas teórico-metodológicas de análise de sistemas simbólicos; - Subsidiar projetos, análises e reflexões pertinentes a temas associados aos saberes e práticas da alimentação.
EMENTA	Estudo de teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica dos fenômenos socioculturais relacionados à alimentação.

PROGRAMA	- Alimentação e cultura: situando o tema no campo das Ciências Sociais; - Natureza e cultura, cru e cozido, alimento e comida; - Um debate contemporâneo: a fome, entre a biologia e a cultura; - Comida e identidade: somos o que comemos; - Escolhas, prescrições e proscricções alimentares: o lugar da cultura; - A construção social do gosto; - A alimentação nas sociedades contemporâneas; - Comida, corpo e saúde; - Sentido simbólico das práticas alimentares.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. DOUGLAS, M. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976. FLANDRIN, J; MONTANARI, M. (Dir.). História da alimentação. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2002. DA MATTA, R. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. O Correio da Unesco, v. 15, n. 7. Rio de Janeiro, 1987. FREITAS, M. C. S. Agonia da fome. Salvador: Editora da UFBA, 2003. MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.16, n.47, p.31-41, 2001. SIMMEL, G. Sociologia da refeição. Estudos Históricos, n. 33. Rio de Janeiro, 2004.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia da Religião II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910058
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Adriane Luiza Rodolpho, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar os/as autores/as e temas clássicos do pensamento antropológico e sociológico sobre a religião. Específico: - Analisar o sentido e a formulação dos seus principais problemas e a presença atual das perspectivas.
EMENTA	Este curso visa a apresentar como a Antropologia, ciência comprometida com a compreensão da alteridade, encara a religião, esta marcada pela sua irredutibilidade às interpretações exteriores a ela. A Antropologia busca analisar a religião mais pela significação que esta produz através de sua simbologia, cosmologia e ritualização do que pelas “verdades” transcendentais que esta diz comportar. Nesse sentido, pode-se falar em uma área da Antropologia, a Antropologia da Religião. Dentro deste enfoque serão analisados temas centrais dessa disciplina, como: Mito, Rito e Magia.

PROGRAMA	- Teoria antropológica e fenômeno religioso; - Poder mágico; - Dimensão mitológica; - Simbolismo ritual.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	MALINOWSKI, B. Magia, ciência e religião. Lisboa: Edições 70, 1984. LÉVI-STRAUSS, C. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1980. SAHLINS, M. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CASTRO, C. (Org.). Evolucionismo cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. EVANS-PRITCHARD, E. E. A religião e os Antropólogos. Religião e Sociedade, v.13, n.1. Rio de Janeiro, 1986. ORO, A. P. et al. (Org.). A religião no espaço público: atores e objetos. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. LOPES, J. R. Festas e religiosidade popular: estudos antropológicos sobre agenciamentos, reflexividades e fluxos identitários. Porto Alegre: CirKula, 2014. MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia do Consumo
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910038
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar uma introdução a perspectivas teórico-metodológicas de análise de sistemas simbólicos. Específico: - Subsidiar projetos, análises e reflexões pertinentes a temas associados ao consumo.
EMENTA	Estudo de teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica dos fenômenos socioculturais relacionados ao consumo.

PROGRAMA	- O consumo nas Ciências Sociais contemporâneas; - Sociedade de consumo; - Os usos dos bens: cultura, consumo e identidade; - Globalização e consumo; - Politização e ambientalização do consumo; - Juventude e consumo; - Consumo étnico; - Um olhar antropológico sobre a publicidade; - A vida social das coisas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	APPADURAI, A. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Eduff, 2008. BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007. DE CERTEAU, Michel; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2009.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BARBOSA, L.; CAMPBELL, C.(Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. CAMPBELL, C.. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B.. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. LIMA, D. N. de O. Consumo: uma perspectiva antropológica. Petrópolis: Vozes, 2010. MILLER, D. Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores. São Paulo: Ed. Nobel, 2002.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia Política
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910025
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Fundamentar a reflexão sobre o surgimento na noção de política na modernidade, especialmente na sua configuração diante do problema da diversidade humana. Específicos: - Analisar os principais textos que motivam o aparecimento de uma sub-área da Antropologia: a Antropologia Política; - Reconhecer o campo da Antropologia Política nos estudos sobre poder, cultura e sociedade no contexto da sociedade brasileira; - Proporcionar uma reflexão fundamentada sobre diferentes fenômenos sócio-culturais, tais como o exercício do poder, a ação social, a violência, os movimentos sociais.

EMENTA	Visão geral sobre os diferentes modos de abordagem e interpretação do fenômeno político que consolidaram a política como tema de interesse da antropologia. Estudo das relações entre poder e autoridade, com ênfase na pluralidade cultural dos diferentes tipos de organização política.
PROGRAMA	- Fundamentos filosóficos da relação entre poder e diversidade humana; - Surgimento da "Antropologia Política" no seio da Antropologia Britânica; - Pierre Clastres: fundamentação de uma nova Antropologia Política; - A Antropologia Política no contexto da sociedade brasileira;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. LEACH, E. Sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1996. PALMEIRA, M. Antropologia, voto e representação política. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1986.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto (o Município e o regime representativo no Brasil). 5ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. MAUSS, M Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. Sociologia e Antropologia; vol.2. São Paulo: EPU, 1974. NOVAES, R. R.; KANT DE LIMA, R. Antropologia e direitos humanos. Niterói: EdUFF, 2001. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 38, Direitos Humanos, 3) ZALUAR, A. Cidadãos vão ao paraíso. São Paulo: Ed. Escuta; Campinas, Ed. UNICAMP, 1994.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia Urbana
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Claudia Turra Magni, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Situar as contribuições da Antropologia para os estudos da e na cidade a partir de suas discussões teóricas e pesquisas etnográficas; Específicos: - Explorar saberes transversais que dialogam com a Antropologia quanto ao meio urbano, enfatizando a necessidade de compreender a cidade a partir de suas vivências.
EMENTA	Com base em aporte teórico, estudos etnográficos e diálogo com áreas do conhecimento que dialogam com a Antropologia, a disciplina incita-nos a vivenciar a cidade “de perto e de dentro”, a partir de práticas, percepções e representações de seus habitantes, dando a ver relações assimétricas nas formas, dinâmicas e fluxos de apropriação, fruição e subversão do planejamento urbano.

PROGRAMA	- Cidade, de fora e de longe: formação e transformação; - Cidade, de perto e de dentro: fruição e narração; - Alteridades na Cidade.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C.. Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marca visual, 2013. VELHO, G. Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. FRÚGOLI JÚNIOR, H. Sociabilidade urbana. Rio de Janeiro: J. Zahar Editora, 2007.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CALDEIRA, T. P. do R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 3º. ed. São Paulo: Edusp: Ed. 34, 2011. FONSECA, C. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. MAGNANI, J. G. C. Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esoterico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999. ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. O tempo e a cidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. VELHO, G. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Arqueologia Clássica
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910077
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES RESPONSÁVEIS	Fábio Vergara Cerqueira, Pedro Luis Machado Sanches.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar as sociedades do Mediterrâneo antigo a partir da cultura material, dos sítios arqueológicos e da literatura de referência. Específico: - Apresentar a história da arqueologia clássica, suas escolas e discussões teóricas.
EMENTA	Estudo da arqueologia das sociedades do Mediterrâneo antigo (civilizações egípcias, etruscos, gregos, romanos, etc.), por meio da cultura material e dos sítios arqueológicos, enfocando a história da disciplina, as reflexões teóricas contemporâneas e o diálogo com as evidências literárias.

PROGRAMA	- Conceituação de arqueologia clássica; - História da arqueologia clássica; - Escolas e discussões teóricas; - Cultura material, fontes escritas e visuais; - Identificação e caracterização da cultura material e dos sítios; - Cronologia dos sítios e da cultura material.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BERNAL, M.; Canfora, L.; FUNARI, P. P. A Olivier, L. Repensando o mundo antigo. São Paulo: UNICAMP, 2003 CERQUEIRA, F. V.; NOBRE, C. K.; POZZER, K. M. P. (Ed.). Fronteiras e etnicidade no mundo antigo. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL; Canoas: Editora da ULBRA, 2005. FUNARI, P. P. A.; PÉRES-SANCHES, D.; SILVA, G. J. da. (Org.) Arqueología e Historia del mundo antigo: contribuciones brasileñas y españolas. BAR International Series, Oxford: Archeopress, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BOARDMAN, J. Athenian red figure vases: the classical period. Londres: Thames and Hudson, 1995. _____. Les vases athéniens à figures noires. Paris: Thames & Hudson, 1996. ROBERTSON, D. S. Arquitetura grega e romana. São Paulo: Martins Fontes, 1997. SNODGRASS, A. Homero e os artistas. São Paulo: Odysseus, 2004. SILVA, G. J. da. História antiga e usos do passado: um estudo e apropriações da antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: Annablume, 2007. CLASSICA (São Paulo): Revista Brasileira de Estudos Clássicos /Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. https://revista.classica.org.br/classica

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Arqueologia Pré-colombiana
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910079
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Rafael Guedes Milheira.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar a diversidade social e pluralidade cultural das sociedades pré-colombianas. Específico: - Apresentar processos de hominização e de ocupação pré-histórica da América
EMENTA	Caracterização da diversidade social e pluralidade cultural das sociedades pré-colombianas, enfatizando notadamente os processos de hominização e de ocupação pré-histórica da América.

PROGRAMA	- Teorias sobre a ocupação da América; - Caçadores-coletores da América do Norte; - Grupos pré-cerâmicos da América Central, Caribe e Cuba; - Caçadores-coletores da América do Norte; - Neolitização na América; - O milho e a mandioca nas sociedades ceramistas; - A organização e diversidade nas sociedades ceramistas americanas; - Grupos Proto-históricos na América; - Altas Culturas; - Contato entre europeus e ameríndios;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FERREIRA, L. M.; NOELLI, F. S. A persistência da teoria da degeneração e do colonialismo nos fundamentos da Arqueologia brasileira. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 14, n. 4. Rio de Janeiro, 2007. MEGGERS, B. G. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. NEVES, W. A.; PILÓ, L. B.. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. Rio de Janeiro: Globo, 2008. REVISTA DA USP, v. 34 (Dossiê Surgimento do Homem na América). São Paulo, 1997.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FERREIRA, L. M. (Org.). Arqueologia Amazônica: História e Identidades. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 4, n. 1. Belém, 2009. NEVES, E. G. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. PROUS, A. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. ARCURI, M. M. Tribos, Cacicados ou Estados? A dualidade e centralização da chefia na organização social da América pré-colombiana. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 17, p. 305-320, 2007. SCHAAN, D. P. São Tartarugas até lá Embaixo! Cultura, Simbolismo e espacialidade na Amazônia pré-Colombiana. Revista de Arqueología Americana, p. 99-124, 2006.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Conservação de Materiais Arqueológicos
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910093
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica/prática
PROFESSORES RESPONSÁVEIS	Diego Lemos Ribeiro, Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Esta disciplina objetiva descrever os processos de degradação dos materiais arqueológicos, as distintas metodologias de conservação preventiva e de conservação curativa a campo e no laboratório. Específico: - Reforçar a importância da conservação arqueológica dentro da gestão do patrimônio arqueológico
EMENTA	O rol da conservação na gestão do patrimônio arqueológico. Recomendações Internacionais, normativa legal. A degradação dos materiais arqueológicos. Fatores ambientais e antrópicos envolvidos no deterioro dos materiais arqueológicos <i>in situ</i> e <i>ex situ</i>. Caracterização dos materiais arqueológicos, metodologias de conservação preventiva e curativa. A logística da prospecção e escavação arqueológica desde a ótica da conservação.

PROGRAMA	- INTRODUÇÃO O rol da conservação na gestão do patrimônio arqueológico; - A DETERIORAÇÃO DOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS. Analisa os distintos fatores ambientais e antrópicos involucrados no deterioro dos materiais arqueológicos <i>in situ</i> e <i>ex situ</i>. Características do ambiente de enterramento; - CORPO NORMATIVO Recomendações Internacionais sobre a conservação do patrimônio arqueológico móvel. Normativa legal; - CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS METÁLICOS Extração, tratamento <i>in situ</i>, acondicionamento, transporte, métodos de tratamento de conservação curativa, parâmetros de conservação preventiva; - CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS CERÂMICOS. Extração, tratamento <i>in situ</i>, acondicionamento, transporte, métodos de tratamento de conservação curativa, parâmetros de conservação preventiva; - CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS VÍTREOS. Extração, tratamento <i>in situ</i>, acondicionamento, transporte, métodos de tratamento de conservação curativa, parâmetros de conservação preventiva; - CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS ÓSSEOS E MALACOLÓGICOS. Extração, tratamento <i>in situ</i>, acondicionamento, transporte, métodos de tratamento de conservação curativa, parâmetros de conservação preventiva. - CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS LIGNOCELULÓSICOS. Extração, tratamento <i>in situ</i>, acondicionamento, transporte, métodos de tratamento de conservação curativa, parâmetros de conservação preventiva. - LOGÍSTICA DA PROSPECÇÃO E ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DESDE A ÓTICA DA CONSERVAÇÃO. Fase preparatória: Trabalho de campo prévio, elaboração de protocolos, listagem de materiais, orçamentos, recursos humanos, etc.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	MENDES, M. <i>et al.</i> (Org.). Conservação: conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. CAMACHO, C. (Cord.). Plano de Conservação Preventiva – bases orientadoras, normas e procedimentos. Temas de Museologia. Instituto dos Museus e da Conservação. Ministério da Cultura: Lisboa, 2007 CASSMAN, V. Simbiosis entre la arqueología, conservación y museos. Revista Chungara [da] Universidad de Tarapacá, Arica, Chile, n°23, p 93-109, dez1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	LORÊDO, W. M. Manual de conservação em arqueologia de campo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994. FRONER, Y. A. Conservação preventiva e patrimônio arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 291-301. 1995. LACAYO, T. E. Factores de alteración in situ: conservación preventiva de material arqueológico. In: XV Simposio de Investigaciones Arqueológicas en Guatemala, 2001, p. 453-457. Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala, 2002. Museums, libraries and archives council. Conservação de Coleções – Museologia (Roteiros Práticos, 9). São Paulo, Edusp. 2005. SANZ NAJERA, M. La Conservación en Arqueología. Mubie, Antropología y Arqueología, nº 6, 1988.
--------------------------------------	--

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Educação Patrimonial
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910046
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Rafael Guedes Milheira, Jaime Mujica Sallés, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentar um histórico e abordagens teórico-conceituais da Educação Patrimonial no Brasil. Específico: - Discutir as formas de implementação de programas de Educação Patrimonial.
EMENTA	Abordagem dos aspectos históricos, teórico-conceituais e metodológicos da educação patrimonial, avaliando seus diferentes campos de atuação (arqueologia, museologia, ensino, turismo), por meio da análise e interpretação de estudos de caso. Introdução aos conceitos sobre patrimônio cultural (recomendações internacionais e legislação nacional, material/tangível e imaterial/intangível), tratando da necessária inserção destes conceitos no desenvolvimento de programas de educação patrimonial.

PROGRAMA	- Conceitos e legislação sobre patrimônio cultural; - Aspectos históricos, teórico-conceituais e metodológicos da educação patrimonial; - Programas de Educação Patrimonial e as fases de licenciamento ambiental; - Programas de Educação Patrimonial na valorização do patrimônio; - Análise e interpretação de estudos de caso.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ABREU, R. M. do R. M. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, Cornélia (Org.). Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra/ Associação Brasileira de Antropologia, 2007. Educação patrimonial [recurso eletrônico]: práticas e diálogos interdisciplinares / organização, Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF: 4,2 megabytes). – João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017. – (Caderno Temático; 6) 160 p
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CARNEIRO, C. G.. Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia. 2009. Tese. (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-28082009-100307/en.php ALFONSO, L. P.; HATTORI, M. L. Território e apropriação no Noroeste Paulista: educação e implantação do Museu Histórico e Arqueológico de Lins. Questões indígenas e museus: debates e possibilidades. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, p. 151-162, 2012. Disponível em: . HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia básico de educação patrimonial. IPHAN, 1999. Disponível em: WICHES, C. A. de M. Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-19062012-133008/en.php FLORÊNCIO, S. R. et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Estudos antropológicos de gênero e teorias feministas
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910052
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Flavia Maria Silva Rieth.
OBJETIVOS	Geral: - Adquirir uma visão histórica e conjuntural das abordagens antropológicas sobre o gênero enquanto categoria social de diferenciação. Específico: - Analisar as principais correntes teóricas, problemáticas e metodologias de investigação.
EMENTA	Esta disciplina visa a realizar um diálogo entre as abordagens antropológicas do gênero e a antropologia feminista. Introduzirá a trajetória dos estudos antropológicos de gênero e da antropologia feminista a partir dos anos 70. Abordará o gênero não apenas como um objeto da investigação antropológica, mas como um paradigma de análise. Serão estudados temas centrais como: natureza e cultura; corpo e saúde; raça, classe e geração; gênero, poder e masculinidades; sexualidade e etnicidade.

PROGRAMA	- Diferentes abordagens das teorias feministas em diálogo com a antropologia; - Origens da discussão a respeito da antropologia da mulher e dos papéis sexuais; - O debate natureza/cultura como paradigma da diferença; - O desenvolvimento dos estudos sobre gênero: sociedade civil, movimentos feministas e antropologia; - Sexualidade nos estudos antropológicos; - Desnaturalização das diferenças corporais; - O gênero como categoria de diferenciação social; - Gênero, trabalho e educação; - Gênero, etnia e poder; - Gênero, violências e emoção; - Gênero nas concepções de corpo e de saúde.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas 8(2), p.9-42, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917 SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35, jan. 2004. Disponível em:

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BUTLER, J. Deshacer el género. Barcelona/ Buenos Aires/México: Ediciones Paidós Ibérica, 2006. HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, p.7-41, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773 HOOKS, B.; BRAH, A.; SANDOVAL, C.; ANZALDÚA, G. (Org.). Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras, Madrid, Traficantes de Sueños, 2004. MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, p. 249-281, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a12.pdf MAYORGA, C.; COURA, A.; MIRALLES, N.; CUNHA, V. M. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. Rev. Estud. Fem. [online]. vol.21, n.2 [citado 2014-08-12], p. 463-484, 2013. Disponível em:
--------------------------------------	---

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Estudos Rurais I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910024
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar a apreensão de noções e conceitos fundamentais aos estudos antropológicos do rural, especialmente os relacionados à organização econômica, aos padrões de relações sociais e à moralidade de grupos camponeses. Específico: - Analisar questões de gênero, família, e simbolismo do campesinato.
EMENTA	Introdução a teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica junto a populações rurais, com ênfase às relacionadas à organização econômica, aos padrões de relações sociais e à moralidade de grupos camponeses.

PROGRAMA	- Antropologia Rural, Antropologia do Rural, Antropologia no Rural; - Exorcizando fantasmas: o fim do campesinato; - O campesinato como sistema econômico; - O trabalho familiar; - Família e estratégias de reprodução social do campesinato; - A lógica e a simbólica da lavoura camponesa; - A comunidade rural camponesa; - Relações campo-cidade.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BRANDÃO, C. R. Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981. CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987. WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. Brasília: Editora da UnB, 1995.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ALMEIDA, M. W. B. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. Ruris, v. 1, n. 2. Campinas, 2007. BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. Revista de Sociologia e Política, n. 26. Curitiba, 2006. HEREDIA, B. M. A. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. SCOTT, J. C. Formas cotidianas da resistência camponesa. Raízes, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 10-31, 2002. WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Estudos Rurais II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910061
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar, a partir da análise de trabalhos etnográficos, a apreensão de noções e conceitos fundamentais aos estudos antropológicos do rural. Específico: -Estudos de teorias relacionadas à investigação antropológica junto a populações rurais.
EMENTA	Estudo de teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica junto a populações rurais a partir da leitura de trabalhos etnográficos referentes a sociedades rurais
PROGRAMA	- Leituras etnográficas do rural

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001. COMERFORD, J. C. Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. WOORTMANN, E; W, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BRANDÃO, C. R. O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. GODOI, E. P. O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. MOURA, M. M. Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural. São Paulo: Hucitec, 1978. MUSUMECI, L. O mito da terra liberta. São Paulo: ANPOCS, 1988. NOVAES, R. R. De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Estudos Rurais III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910062
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar uma reflexão a respeito das relações entre campo e cidade. Específico: - Estudar de teorias e abordagens pertinentes às representações do rural.
EMENTA	Estudo de teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica das relações entre campo e cidade, com ênfase na análise das representações do rural
PROGRAMA	- O natural e as representações do rural; - Campo, cidade e imaginário; - O rural como mercadoria ofertada ao consumo; - O rural como patrimônio;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BARCELLOS, D. M. de et al. Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. MELO, A. L. A. et al. 'Palmas' para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: UFSM, 2011. SILVA, G. F. da.; SANTOS, J. A.; CARNEIRO, L. C. C. (Org.). RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ARRUTI, J. M. A. Direitos étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridação, segmentação e mobilização política de índios e negros. Horizontes Antropológicos, ano 6, n. 4. Porto Alegre, 2000. Disponível em: LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica, v. IV, n. 02. Lisboa, 2000. MARQUES, C. E.; GOMES, L. A constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. RBSC, v.28, n.81. São Paulo, 2015. Disponível em: Os calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835). São Leopoldo: Oikos, 2013. O'DWYER, E. C. Os quilombos e as fronteiras da Antropologia. Antropolítica, v. 19. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia	
DISCIPLINA	Estudos Rurais IV	
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa	
PRÉ-REQUISITO	Nenhum	
CÓDIGO	10910063	
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia	
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h	
CRÉDITOS	4	
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica	
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Menasche	
OBJETIVOS	Geral: - Oportunizar a apreensão de noções e conceitos que, a partir da análise antropológica, estão presentes em estudos referentes a movimentos e organizações sociais e políticas do mundo rural. Específico: - Pensar movimentos sociais do campo, sociabilidade, conflito e relações de poder.	
EMENTA	Estudo de teorias e abordagens pertinentes à prática da investigação antropológica dos movimentos e organizações sociais e políticas do mundo rural.	
PROGRAMA	- Movimentos sociais no campo; - Campesinato, mediadores e política; - Sociabilidade e conflito na comunidade rural camponesa; - Relações de poder, costumes e mudanças em sociedades camponesas.	

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	APPADURAI, A. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008. DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002. DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P.. A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2002.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012. MILLER, D. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. VELTHEM, L. H. V. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). Revista de Antropologia, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 605-631, 2007. WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnologia Afro-americana II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910032
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Rosane Aparecida Rubert
OBJETIVOS	Geral: - Abordar a constituição dos territórios negros na passagem do regime escravocrata para o trabalho livre, em uma perspectiva de diálogo entre antropologia e história. Específicos: - Discutir a relação entre parentesco escravo, direitos costumeiros e estratégias de territorialização no pré-pós abolição; - Debater sobre os significados do conceito de “quilombo” e suas interfaces com os direitos culturais; - Abordar o estado da arte do reconhecimento das comunidades negras como “remanescentes de quilombos”, no horizonte dos atuais impasses na legislação e nas políticas governamentais.

EMENTA	Acamponesamento e aquilombamento; parentesco, direitos costumeiros e constituição de territórios negros; significados de “quilombo”; etnogênese das comunidades remanescentes de quilombos; legislações e políticas para quilombolas.
PROGRAMA	- O período pré/pós-abolição: projetos de liberdade x imperativos tutelares; - Nova historiografia da escravidão: novos olhares sobre a resistência escrava; - Sobre o conceito de “remanescentes de quilombos”[1]: modelo palmarino x resistência plural; - Sobre o conceito de “remanescentes de quilombos”[2]: aprofundando a perspectiva antropológica; - A arena política “quilombola”: legislação e disputas político – semânticas; - Brecha camponesa, direitos costumeiros e terras tradicionalmente ocupadas; - Parentesco escravo: dependência x brechas de autonomia; - Outras formas de codificação do espaço; - Desvelando a memória coletiva; - Quilombos e comunidades quilombolas sob o prisma do patrimônio cultural; - O aquilombar-se no Brasil meridional; - Territórios negros urbanos; - Experiências de resistência escrava na América Latina.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BARCELLOS, D. M. de et al. Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. MELO, A. L. A. et al. 'Palmas' para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: UFSM, 2011. SILVA, G. F. da.; SANTOS, J. A.; CARNEIRO, L. C. C. (Org.). RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ARRUTI, J. M. A. Direitos étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridação, segmentação e mobilização política de índios e negros. Horizontes Antropológicos, ano 6, n. 4. Porto Alegre, 2000. Disponível em: LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica, v. IV, n. 02. Lisboa, 2000. MARQUES, C. E.; GOMES, L.. A constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. RBSC, v.28, n.81. São Paulo, 2015. Disponível em: MOREIRA, P. R. S.; AL-ALAM, C. C.; PINTO, N. G. Os calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835). São Leopoldo: Oikos, 2013. O'DWYER, E. C. Os quilombos e as fronteiras da Antropologia. Antropolítica, v. 19. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
--------------------------------------	--

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnologia Afro-americana III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910064
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Adriane Luiza Rodolpho, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Fornecer um panorama da multiplicidade das religiões de matriz africana e outras formas manifestações rituais na América Latina. Específicos: - Discutir sobre o processo de gênese dessas religiões e performances, pautado no sincretismo, assim como as atuais tendências de reafricanização; - Refletir sobre a cosmologia e a construção social da pessoa, intrínsecas a tais modalidades religiosas e performáticas; - Analisar as religiões de matriz africana no cenário contemporâneo de disputas e guerra religiosa; - Refletir sobre as interfaces entre religiosidade e política.

EMENTA	Religiões de matriz africana na América Latina; sincretismo e reafricanização; mitologia, performance e construção social da pessoa; intolerância religiosa; ancestralidade e identidade afro-descendente; religiões e performances afro-descendentes, política e globalização.
PROGRAMA	- Gênese e multiplicidade das religiões de matriz africana; - Sincretismo e regionalismos; - Cosmologia e estrutura ritual; - Iniciação, possessão e construção social da pessoa; - Performances afro-brasileiras e resistência política (congadas, capoeira, etc.); - Intolerâncias religiosas; - Os fluxos transnacionais das religiões afro-latinas; - Religiosidades afros e memória da ancestralidade; - A atual tendência de reafricanização; - Religião, auto-afirmação identitária e mobilização política.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BRAGA, R. G. Tamboreiros de Nação: música e modernidade religiosa no extremo sul do Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. TRINDADE - SERRA, O. J. Dois estudos afro-brasileiros. Salvador: Centro Editorial e Didática da UFBA, 1988. 63 p. PRANDI, R. Um sopro do espírito. São Paulo: EDUSP, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	GOLDMAN, M. Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetrização antropológica. Análise Social, v. XLIV, n. 190. Lisboa, 2009. Disponível em: MORAIS, M. R. de. Nas teias do sagrado: registros da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte . Belo Horizonte: Espaço Ampliar, 2010. ORO, A. P. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n. 2. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: SILVA, V. G. da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. Mana, v.13, n.1. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: VERGER, P. Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
--------------------------------------	--

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnologia Afro-americana IV
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910065
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Rosane Aparecida Rubert
OBJETIVOS	Geral: - Discutir a constituição das identidades negras afro-americanas sob a luz dos estudos culturais e pós-coloniais. Específicos: - Abordar os movimentos negros e as políticas afirmativas sob a perspectiva das teorias do reconhecimento; - Analisar as diversas estratégias discursivas e organizativas do movimento negro enquanto sujeito político.
EMENTA	Estudos culturais pós-coloniais; redistribuição e reconhecimento; políticas de ação afirmativa e de identidade; cidadania, direitos e movimentos sociais de afro-descendentes; identidade negra e ativismo político; militância e lógicas de engajamento.

PROGRAMA	- Identidade, diáspora e racismo na perspectiva pós-colonial; - O embate reconhecimento x redistribuição; - Políticas de ação afirmativa e cidadania; - Movimentos sociais negros na América Latina; - Identidade afro-descendente.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FRY, P. A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. MAGGIE, Y.; REZENDE, C. B. (Org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. SANSONE, L. Negritude sem etnicidade. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CARVALHO, J. J. de. Racismo Fenotípico e Estéticas da Segunda Pele. Cinética, v. 1, p. 1, 2008. Disponível em: Sociedade e Cultura, v. 12, p. 223-234, 2010. Disponível em: Mana, vol.7, n.2. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. MUNANGA, K. Negritude: usos e sentidos. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1988.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnologia Ameríndia II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910066
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentação dos grupos étnicos, seus sistemas de pensamentos, seus territórios vinculados às bacias hidrográficas do rio Negro, rio Amazonas, rio Araguaia, rio Tocantins, rio Xingu, Oceano Atlântico. Específicos: -Debater sua origem, relações interétnicas, hibridismo, formação do estado nacional.
EMENTA	Estudos teóricos e etnográficos de diversos temas acerca dos ameríndios amazônicos, xinguanos, Tupi-Guarani, Jê.
PROGRAMA	- Ameríndios Amazônicos; - Ameríndios do Xingu; - Povos indígenas Guarani; - Povos Indígenas Jê.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. CUNHA, M. C. da. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Fapesp/SMC; Companhia das Letras, 2006.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. NIMUENDAJÚ, C. MAPA etno-histórico de Curt Nimuendaju. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. OLIVEIRA FILHO, J. P. O nosso governo: os ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero, 1988. SCHADEN, E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. 3. ed. São Paulo: E.P.U. :EDUSP, 1974. PISSOLATO, Elizabeth. Mobilidade, multilocalidade, organização social e cosmologia: a experiência de grupos Mbya- Guarani no sudeste brasileiro <i>In Tellus</i>, ano 4, n. 6, p. 65-78, abr. 2004, Campo Grande, MS. Disponível em:

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnologia Ameríndia III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910067
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Apresentação dos grupos étnicos, seus sistemas de pensamentos, seus territórios vinculados ao Caribe, florestas amazônicas, Andes, Oceano Pacífico, Chaco, Terra do Fogo. Específico: - Discutir sobre origem, relações interétnicas, hibridismo, formação dos estados nacionais.
EMENTA	Estudo teórico e etnográfico de diversos temas referentes aos ameríndios que habitam na América do Sul.

PROGRAMA	- Apresentação dos grupos étnicos, seus sistemas de pensamentos e seus territórios; - Discussão sobre origem, relações interétnicas, hibridismo e formação dos estados nacionais nas seguintes regiões: - Caribe e florestas amazônicas; - Andes e Oceano Pacífico; - Chaco e Terra do Fogo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	LÉVI-STRAUSS, C. Do mel às cinzas. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. RIBEIRO, D. As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. SAHLINS, M. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BASTOS, S. Na rota dos arqueólogos da Amazônia: 13 mil anos de selva habitada. Teresópolis: Família Bastos Editora, 2015. CUNHA, M. C. da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. MELIÀ, B.; NAGEL, L. M. Guaranies y jesuitas en tiempo de las misiones: una bibliografía didáctica. Santo Ângelo: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Erechim, 1995. NOVAES, S. C. Habitações indígenas. São Paulo: Edusp, 1983. DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015. Disponível em:

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Etnomusicologia: introdução e métodos
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	05000541
DEPARTAMENTO	Canto e Instrumentos
CARGA HORÁRIA TOTAL	45h
CRÉDITOS	3
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Luis Fernando Hering Coelho, Rafael da Silva Noletto
OBJETIVOS	Geral: - A partir do histórico da Etnomusicologia, compreender a formação do campo de estudo etnomusicológico como disciplina acadêmica. Específico: - Analisar e discutir as primeiras pesquisas etnomusicológicas e seus mentores; conhecer os principais métodos de pesquisa utilizados pela disciplina.
EMENTA	Estudo do histórico e da constituição da Etnomusicologia como disciplina acadêmica na Europa, Estados Unidos e Brasil, juntamente com os pioneiros e suas pesquisas seminais, abordando também os principais métodos de pesquisa.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia Social
DISCIPLINA	Etnomusicologia brasileira
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	05000546
DEPARTAMENTO	Canto e Instrumentos
CARGA HORÁRIA TOTAL	45h
CRÉDITOS	3
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Luis Fernando Hering Coelho, Rafael da Silva Noletto
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer as diferentes escolas e pesquisas etnomusicológicas desenvolvidas no Brasil. Específico: - Analisar e discutir as diferentes pesquisas etnomusicológicas empreendidas no território brasileiro, compreendendo assim as diversas culturas tradicionais e urbanas que compõem o panorama musical da região, juntamente com seus aspectos étnicos constitutivos.
EMENTA	Estudo analítico das principais pesquisas e etnografias etnomusicológicas brasileiras, compondo um panorama da disciplina no Brasil.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia Social
DISCIPLINA	Etnomusicologia Latinoamericana
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	05000544
DEPARTAMENTO	Canto e Instrumentos
CARGA HORÁRIA TOTAL	45h
CRÉDITOS	3
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Luis Fernando Hering Coelho, Rafael da Silva Noleto
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer as diferentes escolas e pesquisas etnomusicológicas desenvolvidas na América Latina. Específico: - Analisar e discutir as diferentes pesquisas etnomusicológicas empreendidas no território latinoamericano, compreendendo assim as diversas culturas tradicionais e urbanas que compõem o panorama musical da região, a partir de processos de construção identitária relacionados a etnia, gênero, classe social e ou idade.
EMENTA	Estudo analítico das principais pesquisas e etnografias etnomusicológicas latinoamericanas, compondo um panorama da disciplina na América Latina.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia Social
DISCIPLINA	Etnomusicologia – Culturas musicais do mundo
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	05000549
DEPARTAMENTO	Canto e Instrumentos
CARGA HORÁRIA TOTAL	45h
CRÉDITOS	3
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA	Teórica
PROFESSOR RESPONSÁVEL	Luis Fernando Hering Coelho, Rafael da Silva Noletto
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer as diferentes escolas e pesquisas etnomusicológicas desenvolvidas na América do Norte e dos continentes europeu, africano e asiático. Específicos: - Analisar e discutir as diferentes pesquisas etnomusicológicas empreendidas na América do Norte e dos continentes europeu, africano e asiático, compreendendo assim as diversas culturas tradicionais e urbanas que compõem o panorama musical da chamada World Music.
EMENTA	Estudo analítico das principais pesquisas e etnografias etnomusicológicas da América do Norte e dos continentes europeu, africano e asiático, compondo um panorama da disciplina no mundo.

PROGRAMA	- Etnografias musicais na América do Norte; - Etnografias musicais na África; - Etnografias musicais na Europa e Ásia; - Panorama da world music.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	NETTL, B. et. al. Excursions in World Music. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2004. REYNOSO, C. Kechak y legong en ubud y peliatan, Bali. Disponível em: <http://carlosreynoso.com.ar/ubudpeliatan-bali-1996/>. TITON, J. T. (Org.) Worlds of music: an introduction to the music of the world's people. New York: Shirmer, 1992.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FELD, S. Doing anthropology in sound. American Ethnologist, Santa Cruz, v. 31, n. 4, p. 461-474, 2004. MCCOLLUM, J.; HERBERT, D. Theory and method in historical ethnomusicology. New York and London: Lexinton Books, 2014. NETTL, B. (Org.). The study of ethnomusicology: thirty-one issues and concepts. Champaign: University of Illinois Press Urban and Chicago, 2005. PETTANM S.; TITON, J. The Oxford handbook of applied ethnomusicology. Oxford, New York: Oxford University Press, 2015. TURINO, T. Nationalists, cosmopolitans, and popular music in Zimbabwe. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Família e Parentesco II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910055
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS RESPONSÁVEIS	Flavia Maria Silva Rieth.
OBJETIVOS	Geral: - Dar subsídios para os/as estudantes desenvolverem pesquisas num enfoque antropológico sobre dinâmicas familiares na sociedade contemporânea. Específicos: - Realizar a discussão de etnografias recentes em diferentes contextos etnográficos; - Discutir as contribuições da História Social para o estudo da família e do parentesco.
EMENTA	Discussão de autores contemporâneos sobre as relações entre família e parentesco. Atenta-se para as relações entre cônjuges, entre afins e consanguíneos e formas sociais de filiação.
PROGRAMA	- Família e Parentesco na contemporaneidade; - Política e vida privada; - Novos arranjos familiares e tecnologias reprodutivas; - Sexualidades e afetos;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ALLEBRANDT, D. Fabricando a Vida: implicações éticas, culturais e sociais sobre o uso de novas tecnologias reprodutivas. Porto Alegre: Metrópole, 2007. FOUCAULT, M. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. SEGALEN, M. Qual é a Antropologia do parentesco e da família no século XXI? Um diálogo franco e brasileiro com Martine Segalen. Horizontes Antropológicos. V.7 n.16, Porto Alegre, dez. 2001.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ARIES, P.; DUBY, G. História da vida privada 5: da primeira guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. COHN, C. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. FONSECA, C. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. Cadernos Pagu (26), janeiro- p.11-43, junho de 2006. Disponível em: . STRATHERN, M. Necessidade de pais, necessidade de mães. Estudos Feministas. Florianópolis. N2, ano 1995. Disponível em: _____. _____. Parentesco, direito e o inesperado. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Imaginário e Memória
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910068
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Claudia Turra Magni, Cláudio Baptista Carle, Rogério Réus Gonçalves da Rosa
OBJETIVOS	Geral: - Estudo das noções de pessoa, indivíduo, memória, duração, narrativa, imaginário, pensamento simbólico. Específico: - Debater acerca das representações das apropriações simbólicas realizadas pelos coletivos contemporâneos.
EMENTA	Interpretação acerca das representações das apropriações simbólicas realizadas pelos coletivos contemporâneos, através das noções de imaginário, memória, duração, sociabilidade, narrativa.
PROGRAMA	- A Configuração do Humano; - O Imaginário; - Dialética da Duração e Narrativa; - A Memória Coletiva.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BACHELARD, G. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988. CASSIRER, E. Ensaio sobre o homem. São Paulo: Martins Fontes, 2005. DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988. _____. O imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 1998. LÉVI-STRAUSS, C. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1979. MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. RICOEUR, P. Tempo e narrativa (Tomo I, II, III). Campinas: Papirus, 1994.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Geologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910044
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Erika Collischonn
OBJETIVOS	Geral: - Conhecer as rochas básicas existentes no Brasil, os processos de formação, clivagens e quebras antrópicas que possibilitam reconhecer o uso humano destas. Específico: - Estudar impactos ambientais e legislação ambiental.
EMENTA	Estudos sobre a Terra: origem, estrutura e composição. Discussão sobre tectônica de placas, o ciclo geológico e a dinâmica dos processos naturais da Terra, Minerais e rochas. Estudos dos conceitos e princípios do Tempo Geológico, Ciclo hidrogeológico, Geologia e o meio ambiente, Geologia e atividade antrópica. Noções de ecologia, Ciclos Biogeoquímicos, ambientes geológicos e ecossistemas. Análises sobre Impactos ambientais, Legislação mineral e ambiental.

PROGRAMA	- Formação das Rochas; - Periodização geológica; - Formações geomorfológicas; - Processos naturais de formação de blocos e seixos; - Quebras naturais das rochas existentes no Brasil; - Efeitos das quebras antrópicas nas rochas existentes no Brasil; - Análises microscópicas de reconhecimento de rochas antropomorfizadas; - Estudos de impactos ambientais; - Legislação mineral e ambiental.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	MONROE, J. S.; WICANDER, R. Fundamentos de Geologia. São Paulo: Cengage, 2009. PRESS, F.; SIEVER, R.; GROTZINGER, J.; JORDAN, T. H. Para entender a terra. Porto Alegre: Artmed, 2006. TEIXEIRA, W. et. al. (Org.). Decifrando a terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BRITO, I. A. M. Geologia Histórica. Uberlândia: Editora da EDUFU, 2001. LUNINE, J. I. Earth, evolution of a habitable world. Ed. Cambridge, 1999. MENEGAT, R. (Coord.). Atlas ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. STANLEY, S. M. Earth System History. USA: W. H. Freeman, 2008. SUGUIO, K. Geologia Sedimentar. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Gestão de Acervos Arqueológicos
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910080
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica/prática
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Diego Lemos Ribeiro, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Jaime Mujica Sallés, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Aprender a realizar a gestão de acervos arqueológicos em espaços científicos, culturais e leigos. Específico: - Estudar procedimentos e técnicas concernentes à gestão do acervo arqueológico
EMENTA	Estudo aplicado dos procedimentos e técnicas concernentes à gestão do acervo arqueológico nos laboratórios, museus e sítios arqueológicos.

PROGRAMA	- Definições sobre acervos arqueológicos e cultura material; - Identificação de catálogos e sistemas indexados de objetos e documentos; - Formas usuais e técnicas de deposição de acervos arqueológicos; - Criação de planos de gestão de acervos; - Pareceres e Legislação sobre o patrimônio móvel.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	COX, D. Más allá de la escayola: aportaciones principales del conservador en un proyecto arqueológico interdisciplinar, con especial referencia a las fases de planificación y excavación. Mayurqa 30: 945-960, 2005 Disponível em: http://www.raco.cat/index.php/Mayurqa/article/view/122767/169998 LADKIN, N. Gestão do Acervo In: BOYLAN, P. J. (Coord). Como Gerir um Museu: Manual Prático. ICOM/ UNESCO. p. 17-32. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf FRONER, Y. A. Reserva Técnica. Belo Horizonte: EBA-UFGM, IPHAN, 2008 (Cadernos Técnicos - Tópicos em Conservação Preventiva) 8. Disponível em: http://www.lacicor.org/demu/pdf/caderno8.pdf TIMÁR-BALÁZSY, A.; EASTOP, D. Materiais de armazenamento e exposição. In MENDES, M. p. 141-184. TÉTREAULT, J. Materiais de exposição: os bons, os maus e os feios. In: MENDES, et alli. (Org.). Conservação: Conceitos e Práticas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	Centro de Estudos Euclides da Cunha. Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos. Salvador: Universidade Estadual da Bahia, 2002. SOARES, I. V. P. Proteção jurídica do patrimônio arqueológico no Brasil: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes. Erechim: Habilis, 2007. ALADINO, A.; POLO, M.. Acervo Arqueológico. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Org.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/65/acervo-arqueologico IPHAN, PORTARIA Nº 196, DE 18 DE MAIO DE 2016: Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel. p. 84-87

CURSO/ SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Introdução à Linguística
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	20000165
DEPARTAMENTO	Departamento de Letras Vernáculas
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Renata Requião
OBJETIVOS	Geral: -Oferecer aos/às estudantes condições que lhes permitam: Específicos: -Conhecer e refletir sobre os conceitos de linguagem, língua e comunicação humana; -Estudar o funcionamento da língua como um fenômeno da cultura.
EMENTA	Principais conceitos da linguística estrutural, funcionalista, enunciativa e da sociolingüística.

PROGRAMA	- Panorama geral da História dos estudos linguísticos; - Da Antigüidade ao século XVIII; - A Lingüística Comparativa e Histórica do século XIX; - A Lingüística do século XX; - O Estruturalismo de Saussure; - O Funcionalismo de Jakobson; - O Culturalismo de Sapir; - A Teoria da Enunciação por Benveniste; - A linguagem no contexto social por Labov.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BENVENISTE, É. Problemas de Lingüística Geral I. Campinas: Pontes, 1995. CRYSTAL, D. Que é Lingüística? Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981. FERGUSON, C A. Diglossia. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, Moema F. (Org). Sociolingüística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. FERREIRA, C. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro: Helvécia-Bahia. In: FERREIRA, C. et al. Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros. Salvador: Editora da UFBA, 1994. JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	LABOV, W. Language structure and social structure. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983. _____. The social stratification of English in New York city. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966. _____. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. LE PAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. Acts of identity: creole-based approaches to language and ethnicity. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. RODRIGUES, A. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. DELTA, v. 5, n. 1. São Paulo, 1993. SAPIR, E. Language. New York: Harcourt, Brace & World, 1949. SAUSSURE, F. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1977. SEARLE, J. Os actos de fala. Coimbra: Almedina, 1984.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Leituras Etnográficas I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910069
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flávia Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: -Ampliar a gama de leituras etnográficas, tanto clássicas quanto contemporâneas. Específico: - Debater diversas áreas da Antropologia (urbana, indígena, visual, da saúde, do esporte, da religião, etc.).
EMENTA	Leitura de trabalhos etnográficos clássicos e reflexão sobre sua contribuição para a Antropologia.
PROGRAMA	- Etnografias clássicas; - Etnografias contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FREYRE, G. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1977. GEERTZ, C. Negara: o Estado teatro no século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Difel, 1980. LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1966.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BENEDICT, R. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva, 2006. MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato de empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1984. DA MATTA, R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro : Rocco, 1997. CASCUDO, L. da C. Antologia da Alimentação no Brasil. Rio de Janeiro: LTC, 1977. DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Leituras Etnográficas II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910070
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flávia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Dar a conhecer diferentes estratégias do método etnográfico, assim como de estilos discursivos. Específico: - Evidenciar as formas de articulação entre dados empíricos e teoria a partir de diversas pesquisas etnográficas; - Estimular um olhar crítico da antropologia através das leituras selecionadas.
EMENTA	Leitura de pesquisas etnográficas contemporâneas e reflexão sobre sua contribuição para a Antropologia.

PROGRAMA	- Etnografias contemporâneas diversas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. [s.l.] : [s.n.], 2002. DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. FONSECA, C. Família, Fofoca e Honra. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Disponível em:
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013. MAGNI, C. T. Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. VIEIRA, M. S. Categorias jurídicas e violência sexual: uma negociação com múltiplos atores. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011. PEIRANO, Mariza. A Favor da etnografia. Série Antropologia. Brasília, 1992. Disponível em: http://nauui.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf Seminário Temático Antropologia e seus espelhos, 1994, São Paulo. In Antropologia e seus espelhos: a etnografia vista pelos observados. São Paulo: FFLCH / USP, 1994.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Língua Brasileira de Sinais I (LIBRAS I)
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	20000084
DEPARTAMENTO	Letras
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Fabiano Souto Rosa, Ivana Gomes da Silva.
OBJETIVOS	Geral: - Desenvolver e introduzir elementos de LIBRAS que possibilitem dar continuidade à construção de habilidade e desempenho na comunicação em Língua Brasileira de Sinais. Específicos: - Propiciar diálogos com estruturas afirmativas, negativas e interrogativas.
EMENTA	Uma introdução à língua de Sinais, uma comunicação visual, com sua gramática. Alfabeto manual. Diálogos com estruturas afirmativas, negativas e interrogativas. Expressões de quantificação e intensidade – adjetivação. Descrição. Narrativa básica.

PROGRAMA	- Alfabeto manual: saudação, apresentação, profissões, família, dias da semana, calendário, números; - Tempos: presente, passado e futuro; - Ação – verbos; Afirmativo, negativo e interrogativo; - Advérbios de lugar e preposições; - Pronomes pessoais, pronomes com verbos, pronomes demonstrativos; - Cores, animais, frutas, bebidas, dinheiro – moedas, relógio – horas, figuras geométricas, singular e plural, casa, condições climáticas.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	AMORIM, S. L. Comunicando a liberdade: a língua das mãos. Florianópolis: 2000. CAPOVILLA, F. C. Diccionario trilingue de LIBRAS. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado, 2001. FELIPE, T. A. Integração social e educação dos surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	LOPES, M. C. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. FERNANDES, E. Linguagem e surdez. Porto Alegre: ArTmed, 2003. KARNOPP, L. Literatura surda. In: Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun. 2006. PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por alunos surdos. In: LODI, A C. B. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002. LACERDA, C. B. F. Um pouco de história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cadernos Cedes, ano XIX, Campinas, nº 46, setembro de 1998.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Musealização da Arqueologia e Antropologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910048
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR/A RESPONSÁVEIS	Jaime Mujica Sallés, Louise Prado Alfonso.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir os princípios e as potencialidades dos processos de musealização aplicados ao patrimônio arqueológico e antropológico. Específicos: - Discutir as problemáticas inerentes à exposição de materiais arqueológicos e antropológicos no que se refere à degradação dos mesmos por agentes ambientais e pela ação humana; - Apresentar os procedimentos museológicos de salvaguarda e comunicação das coleções arqueológicas e antropológicas.

EMENTA	Estudo dos processos de curadoria, gestão e políticas de representação de coleções arqueológicas e antropológicas em museus. Discussão dos princípios e potencialidades dos processos de musealização aplicados à Arqueologia e à Antropologia, seus limites e reciprocidades com a Arqueologia Pública e a Antropologia Aplicada.
PROGRAMA	- Princípios basilares da Museologia – museu, museologia e musealização; - A cadeia operatória da Museologia; - Noções gerais de Preservação e Conservação; - História dos Museus de Arqueologia e Antropologia; - Formação das coleções e o colecionismo; - Aquisição contemporânea nos museus de antropologia e arqueologia; - Musealização <i>in situ</i>.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	MILDER, S.E.S. (Org.). As várias faces do Patrimônio Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006. BRUNO, M.C.O. Museologia: algumas idéias para a sua Organização disciplinar. Cadernos de Sociomuseologia (9). Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1996. _____. Arqueologia e Antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n.31,2005. _____. Museus de arqueologia: uma história de conquistadores, de abandono, de mudança. In Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.6, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	BRUNO, M.C.O. Definição de Curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In Cadernos de Diretrizes 2 – Mediação em Museus: Curadorias, Exposições e Ação Educativa, Belo Horizonte: SUM, 2008. COSTA, E. P. Princípios básicos da museologia. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus /Secretaria de Estado da Cultura, 2006. DESVALLÉS, A.; MAIRESSE, F. (Ed.) Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM, 2014. SALADINO, A.; COSTA, C.A.S.; MENDONÇA, E. C. A César o que é de César: o patrimônio arqueológico nas organizações formais do Brasil. LAP Revista de Arqueologia Pública, n.8, dezembro 2013. LIMA, T. A. (Org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 33, 2007.
--------------------------------------	--

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Oficina de Imagem e Som em Antropologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Antropologia Audiovisual e da Imagem
CÓDIGO	10910053
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Prática
PROFESSORES RESPONSÁVEIS	Cláudia Turra Magni
OBJETIVOS	Geral: -Capacitar técnica e teoricamente para utilização básica de recursos imagéticos no desenvolvimento de pesquisas antropológicas. Específica: - Incentivar o desenvolvimento de pesquisas antropológicas sobre ou através da imagem, do som e/ou do audiovisual.
EMENTA	Iniciação à instrumentalização para o desenvolvimento de pesquisas antropológicas sobre ou através da imagem, do som e/ou do audiovisual.

PROGRAMA	- Realidade e ficção: desconstrução da dicotomia; - Registrar para explorar e registrar para expor; - Registro fotográfico, sonoro e videográfico em pesquisas sociais; - Imagem e texto: uma articulação necessária; - Possibilidades multimídia.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	GURAN, M. Documentação fotográfica e pesquisa científica. Notas e Reflexões. s/l; s/e; 2012. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf <i>Conversas com MacDougall</i> (2007), de C. Pompeia e L. Cezar. Série Trajetórias. LISA/USP. Disponível em: http://www.lisa.usp.br/producao/paginasvideos/macdougall.html CAFFÉ, C.; HIKIJI, R. S. G. Lá do Leste: uma etnografia audiovisual compartilhada. São Paulo: Humanitas, 2013.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	O cinema documentário, por Bill Nichols (VIDEO-AULA). Disponível em: <i>Revista GIS/ USP - Gesto Imagem e Som</i>. Disponível em: <i>Conversas com Catarina Alves Costa</i> (2007) (vídeo). Direção de Nadja Marin e Rose Satiko. Série Trajetórias. LISA/USP Disponível em: ROCHA, E. “Deus me livre de cantar essas coisas”. Iluminuras. Vol. 11, n. 25. Jean Rouch: subvertendo fronteiras (2000). (vídeo). Direção de Ana Lúcia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha, Paula Morgado e Renato Sztuttmann. Disponível em: https://vimeo.com/26333579

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Pré-história do Rio Grande do Sul
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910083
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Rafael Guedes Milheira, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVO	Geral: - Estudar o processo de ocupação do Rio Grande do Sul. Específico: - Aprofundar os estudos de pré-história regional sobre a ocupação do Rio Grande do Sul de forma a enfatizar a diversidade cultural nos diversos períodos da pré-história.
EMENTA	Estudos aprofundados sobre a pré-história regional, por meio da discussão da literatura arqueológica, clássica e recente, sobre o tema.

PROGRAMA	- Estudos tecnológicos e formas de ocupação do território; - Paleoíndios; - Caçadores-coletores do pampa; - Caçadores-coletores da floresta; - Sambaquieiros; - Construtores de Aterros; - Engenheiros do Planalto; - Horticultores das florestas; - Relações entre os grupos; - Contatos com os europeus.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	KERN, A. (org.). Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. MILDER, S. E. S. (Org.). Casas subterrâneas. Anais do I Colóquio Sobre Sítios Construídos. Santa Maria: Palotti, 2005. PROUS, A. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FUNARI, P. P. A.; NOELLI, F. S. Pré-História do Brasil. As origens do homem brasileiro. O Brasil antes de Cabral. Descobertas arqueológicas recentes. São Paulo: Contexto, 2002. KERN, A. A. Antecedentes indígenas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. PROUS, A. Arqueologia brasileira. Brasília: Editora da UnB, 1992. REIS, J. A.. Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do planalto meridional. Coletânea Cultura e Saber, v. 3, n. 2. Caxias do Sul, 1999. SCHMITZ, P. I. (ed.). Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documento 5. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Pré-história Geral I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910012
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Rafael Guedes Milheira, Jaime Mujica Sallés.
OBJETIVOS	Geral: - Estudar a história da Arqueologia pré-histórica: surgimento e desenvolvimento da problemática; Específico - Estudo da evolução biológica humana e do desenvolvimento cultural: biologia e tecnologia no Pleistoceno, ocupação humana do Velho Mundo; o Holoceno, condições climáticas, sedentarismo e ocupação da América
EMENTA	Investigação do processo de formação das sociedades humanas, do processo de hominização ao urbanismo.

PROGRAMA	- Bases conceituais da pesquisa pré-histórica; - Evolução humana: dos primatas primitivos aos humanos modernos; - Biologia e tecnologia no Pleistoceno; - Holoceno: sedentarismo, domesticação e sociedades hierárquicas;
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	BINFORD, L. R. En busca del pasado. Barcelona: Ed. Crítica, 1994. LEAKEY, R. A origem da espécie humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. LEWIN, R. Evolução humana. São Paulo: Atheneu, 1999.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CHAMPION, T.; GAMBLE, C.; SHENNAN, S.; WHITTLE, A. Prehistoria de Europa. Barcelona: Crítica, 1996. CAVALLI-SFORZA, L. L. Genes, povos e línguas. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. FIEDEL, S. Prehistoria de América. Barcelona: Editorial Crítica, 1996. FOLEY, R. Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista. São Paulo: Editora da Unesp, 1998. GAMBLE, C. Las sociedades paleolíticas de Europa. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910071
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Cláudio Baptista Carle, Flávia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Analisar os recursos conceituais e metodológicos utilizados em relatórios técnicos e pareceres antropológicos já constituídos e e/ou publicados. Específicos: - Analisar relatórios de comunidades remanescentes de quilombos, relatórios de demarcação de áreas indígenas e relatórios para inventariar referências culturais.
EMENTA	Análise de relatórios, textos analíticos e pareceres produzidos por pesquisadores e juristas acerca de identificações étnicas, reconhecimento de territórios e de patrimônio. A especificidade do conhecimento produzido por meio de relatórios e pareceres.

PROGRAMA	- Relatórios de comunidades remanescentes de quilombos; - Relatórios de demarcação de áreas indígenas; - Relatórios para inventariar referências culturais; - Outros relatórios e pareceres.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	LEITE, I. B. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. Territórios quilombolas e conflitos, v. 69, p. 18, 2010. DE OLIVEIRA, L. R. C. A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In: FLEISCHER, S.; SCHUCH, P. (Org.) Ética e regulamentação na pesquisa antropológica. Brasília: Ed. UnB, 2010. MÜLLER, C. B.; JÚNIOR, E. F. M. Identidade e interlegalidade: diálogos possíveis entre o local e o judiciário. Revista Ambivalências, v. 4, n. 7, p. 42-67, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/5161
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	FELDMAN-BIANCO, B. A antropologia hoje. Ciência e Cultura, v. 63, n. 2, p. 4-5, 2011. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000200002&script=sci_arttext ARRUTI, J. M. A. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131997000200001&script=sci_arttext&tlng=pt OLIVEIRA, M. R. O Conceito jurídico da expressão “povos e comunidades tradicionais” e as inovações do Decreto 6.040/2007. http://scholar.google.com.br> Acesso em, v. 7. CHAVES, R. P. R. A identificação de terras indígenas e os relatórios de identificação e delimitação da FUNAI: reflexões sobre a prática da antropologia no Brasil (1988-2003). 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília: Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/11950 SARMENTO, D. et al. A garantia do direito à posse dos remanescentes de quilombos antes da desapropriação. 2006. http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/artigos/docs_artigos/Dr_Daniel_Sarmento.pdf

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Antropologia em Contextos de Conflito
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910138
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA RESPONSÁVEL	Louise Prado Alfonso
OBJETIVOS	Geral: - Propor uma reflexão crítica sobre o papel da/o antropóloga/o em contextos de conflito e de violência. Específicos: - Refletir teoricamente sobre estes conceitos a partir de uma perspectiva multidisciplinar, como foco na Antropologia; - Trazer para a discussão temas como: a relação entre Estado e violência, direitos humanos, escravidão em diferentes temporalidades, relações interétnicas na formação do Estado; - Pensar na prática as relações raciais no Rio Grande do Sul a partir de um estudo de caso interventivo na periferia de Pelotas, por meio de uma abordagem diacrônica e sincrônica; - Compreender na localidade escolhida a diversidade de interesses locais e globais que configuram a particularidade do conflito e formas de violência.
EMENTA	Refletir a partir do ponto de vista da Antropologia abordagens teóricas e práticas a respeito de contextos de conflito.

PROGRAMA	- Conceituação de Conflito e Violência; - Abordagens antropológicas de contextos de conflitos; - Aproximações etnográficas com o estudo de caso; - Planejamento e execução de proposta interventiva.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	ARENDT, H. Da violência. Brasília: Ed. da UNB, 1985. . (FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. RIFIOTIS, T. Violência, Justiça e Direitos Humanos: reflexões sobre a judicialização das relações sociais no campo da “violência de gênero”. Cadernos Pagu, n. 45, p. 261-295, 2015. Disponível em:
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cadernos Pagu, Campinas, v. 37, p. 9-41, 2011. Disponível em: . SILVA, M. C. de A. A transformação da política na favela: desconstruindo a “ausência do Estado”. Antropolítica, Niterói, n. 38, p. 299-319, 2015. Disponível em: . BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2012. SANTOS, J. V. T dos. Violências e conflitualidades. Porto Alegre: Tomo editorial, 2009. PEIRANO, M. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: .

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Antropologia I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910074
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Aprofundamento dos estudos epistemológicos e metodológicos clássicos e contemporâneos da Antropologia.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Antropologia II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910075
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Aprofundamento dos estudos epistemológicos e metodológicos clássicos e contemporâneos da Antropologia.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Antropologia III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910076
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teóricos
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados ao eixo etnológico, rural e tradicional selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Aprofundamento dos estudos epistemológicos e metodológicos clássicos e contemporâneos da Antropologia concernentes à etnologia rural e tradicional

PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Antropologia IV
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados ao eixo étnico, rural e tradicional selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com o eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Aprofundamento dos estudos epistemológicos e metodológicos clássicos e contemporâneos da Antropologia.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a

	bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Antropologia V
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórico
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Adriane Luisa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Flavia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Louise Prado Alfonso, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados ao eixo etnológico, rural e tradicional selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Aprofundamento dos estudos epistemológicos e metodológicos clássicos e contemporâneos da Antropologia, considerando o viés étnico, rural e tradicional.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a

	bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Arqueologia I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910084
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORAS/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira; Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Diego Lemos Ribeiro.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas de arqueologia pré-histórica; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a.
EMENTA	Aprofundamento de estudos temáticos na área de Arqueologia Pré-Histórica.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Arqueologia II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910085
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas de arqueologia histórica; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a.
EMENTA	Aprofundamento de estudos temáticos na área de Arqueologia Histórica.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Arqueologia III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910086
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas relacionados à Teoria Arqueológica; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a.
EMENTA	Aprofundamento de estudos temáticos em Teoria Arqueológica
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Arqueologia IV
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Jaime Mujica Sallés, Rafael Corteletti, Jorge Eremites Oliveira.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas relacionados à Arqueologia; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a.
EMENTA	Aprofundamento de estudos temáticos em Arqueologia
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a

	bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo professor encarregado pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Arqueologia V
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA/ES RESPONSÁVEIS	Cláudio Baptista Carle, Loredana Marise Ricardo Ribeiro, Lúcio Ferreira Menezes, Pedro Luis Machado Sanches, Rafael Guedes Milheira, Jaime Mujica Sallés, Jorge Eremites Oliveira, Rafael Corteletti.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas relacionados à Arqueologia. Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a.
EMENTA	Aprofundamento de estudos temáticos em Arqueológica
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	A bibliografia será informada oportunamente pelo/a professor/a encarregado/a pelo seminário, de acordo com os estudos temáticos a serem desenvolvidos.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Etnologia Ameríndia I
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910072
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORES/AS RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados à etnologia ameríndia selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Estudo teórico e metodológico de temas clássicos vinculados aos ameríndios.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA	A bibliografia será informada pelo/a professor/a encarregado/a pela disciplina.
--------------	---

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Etnologia Ameríndia II
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910073
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR E PROFESSORA RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados à etnologia ameríndia selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; .
EMENTA	Estudo teórico e metodológico de temas contemporâneos vinculados aos ameríndios.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA	A bibliografia será informada pelo/a professor/a encarregado/a pela disciplina.

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Seminário de Etnologia Ameríndia III
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	A ser designado pelo CRA
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSOR E PROFESSORA RESPONSÁVEIS	Rogério Réus Gonçalves da Rosa.
OBJETIVOS	Geral: - Discutir temas vinculados à etnologia ameríndia selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a; Específico: - A construção dos objetivos específicos da disciplina dar-se-á de acordo com ao eixo teórico e metodológico selecionados <i>ad hoc</i> pelo/a professor/a encarregado/a;
EMENTA	Estudo teórico e metodológico de temas contemporâneos vinculados aos ameríndios.
PROGRAMA	Por tratar-se de uma disciplina que poderá ser ministrada por diferentes professores do Departamento, em diferentes semestres, o programa e a bibliografia serão definidos <i>ad hoc</i> , de acordo com a especialidade e os interesses do ministrante e dos alunos.

BIBLIOGRAFIA	A bibliografia será informada pelo/a professor/a encarregado/a pela disciplina.
--------------	---

CURSO/SEMESTRE	Bacharelado em Antropologia
DISCIPLINA	Zooarqueologia
CARÁTER DA DISCIPLINA	Optativa
PRÉ-REQUISITO	Nenhum
CÓDIGO	10910047
DEPARTAMENTO	Antropologia e Arqueologia
CARGA HORÁRIA TOTAL	60h
CRÉDITOS	4
NATUREZA DA CARGA HORÁRIA ANO/SEMESTRE	Teórica
PROFESSORA E PROFESSOR RESPONSÁVEIS	Rafael Guedes Milheira.
OBJETIVOS	Geral: -Introdução à zooarqueologia em ambiente acadêmico e seu papel fundamental na reconstrução do modo de vida de grupos humanos, fortalecendo assim a compreensão crítica da disciplina e seus principais fundamentos. Específicos: - Sensibilizar quanto aos processos de amostragem, conservação, identificação, classificação, análise e interpretação dos restos faunísticos dos sítios arqueológicos, relacionando estes à análise geral do registro arqueológico e as discussões teóricas atuais; - Introduzir aos princípios, fundamentos e a importância da zooarqueologia; - Sensibilizar sobre práticas de campo, laboratório e interpretação do registro; - Compreender as múltiplas relações entre grupos humanos e animais em contexto arqueológico e as inúmeras possibilidades de seu estudo e interpretação.

EMENTA	O estudo de restos animais encontrados em contextos arqueológicos é parte fundamental da pesquisa de qualquer sítio arqueológico. Assim, este curso é destinado aos/as estudantes de graduação que desejem obter uma iniciação na disciplina para posterior pesquisa acadêmica como para aqueles que se destinem a outras atividades no campo da arqueologia. O curso trará uma visão global da zooarqueologia atual com a abordagem dos seus fundamentos teóricos e metodológicos essenciais. O curso também inclui uma forte carga de prática laboratorial e discussões, a partir de textos escolhidos, sobre diferentes aspectos da relação entre grupos humanos e animais no tempo e no espaço. Serão abordadas, entre outras, questões relativas às boas práticas de coleta em campo e análise laboratorial, interpretação de sítios arqueológicos e reconstrução paleoambiental a partir dos dados de análise da fauna, determinação de economias de subsistência e práticas alimentares, identificação de contextos rituais, domesticação animal, entre outros
PROGRAMA	- Grupo 1 (5 aulas): - Introdução à zooarqueologia; - História, teoria e relações interdisciplinares; - Grupo 2 (5 aulas): - Práticas e métodos de análise: do macro ao micro, do visível ao invisível a olho nu, de campo ao laboratório, tafonomia e modificações naturais e antrópicas; - Grupo 3 (5 aulas): - Gestão de recursos animais e a multiplicidade de possibilidades de exploração da fauna e de sua interpretação; - Humanos e outros animais: uma longa história de interações.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	FIGUTI L. Sambaquis Cosipa (4.200 a 1.200 AP) Estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pré-históricos da Baixada Santista. Revista de Arqueologia da SAB, 8 (2), 267-283, 1995. JACOBUS A. L. Uma proposta para a práxis em zooarqueologia do Neotrópico: o estudo de arqueofaunas do Abrigo Dalpiaz (um sítio de caçadores-coletores na Mata Atlântica). Revista do CEPA, 28 (39), p. 49-110, 2004 LIMA, T. A. Zooarqueologia: considerações teórico-metodológicas. Dédalo, Publicação Avulsa 1, p. 175-189, 1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	MONDINI M. A., MUÑOZ S., FERNANDEZ P. M. Zooarchaeology in the Neotropics: Environmental diversity and human-animal interactions. Springer, 2017. PERES T. M. Methodological issues in zooarchaeology. In: VANDERWARKER A., PERES T. M. (eds.), Integrating zooarchaeology and paleoethnobotany: a consideration of issuer methods and cases. Springer, p. 15-36, 2010. REITZ E. J., WING, E. S. Zooarchaeology. Cambridge University Press, 1999. SCHEEL-YBERT R., KLOKLER D. M., GASPAR M. D., FIGUTI L., 2005, Proposta de amostragem padronizada para macrovestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, p. 15-16, p. 139-163. SUBÍAS S. M. Cooking in zooarchaeology: is this issue still raw. In: PRESTON M., MILNER N. (Ed.), Consuming Passions and Patterns of Consumption. McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge, p. 7-15, 2002 STEELE T. E. The contributions of animal bones from archaeological sites: the past and future of zooarchaeology. Journal of Archaeological Science, 56, p. 168-176, 2015.
--------------------------------------	--

4. SISTEMA DE AVALIAÇÃO E GESTÃO DO CURSO

O Bacharelado em Antropologia será avaliado, tanto externamente — através do atendimento aos padrões de qualidade conforme disposto no art.3º, inciso VIII, da Lei nº10.861, de 14/04/2004 — quanto internamente — através de mecanismos do Colegiado do curso para acompanhamento profissional do/a egresso/a e da ampliação do mundo do trabalho na área de Antropologia.

O Colegiado promoverá e incentivará pesquisas de avaliação junto a instituições públicas—secretarias municipais (por exemplo, Saúde, Fazenda, Cultura, Assistência Social, Educação), conselhos, autarquias, secretarias estaduais (Conselho Estadual dos Povos Indígenas, Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem), fundações, ministérios (Fundação Nacional do Índio, Fundação Nacional de Saúde, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Petrobras, Ministério Público Federal, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) — e junto a instituições privadas (Organizações não Governamentais, associações, empresas) que venham absorver os/as egressos/as do Bacharelado em Antropologia.

A realização de pesquisas junto aos/as egressos/as possibilitará um mapeamento das instituições públicas e privadas que prestam serviços à sociedade nas áreas de abrangência do Bacharelado em Antropologia da UFPEL, bem como das atividades que desenvolvem, visando a obter um desenho do mercado de trabalho e de suas exigências. Por sua vez, a secretaria executiva do curso elaborará um banco de dados sobre as trajetórias acadêmicas e profissionais dos/as egressos/as, com isso subsidiando, inclusive, a memória e a história da Antropologia no sul do Brasil.

Da mesma forma, o Colegiado do Bacharelado em Antropologia analisará os resultados obtidos pelos/as discentes e egressos/as, no exame Nacional de Cursos, além dos pareceres de outras comissões avaliadoras externas. O relatório final

correspondente a essas etapas será encaminhado à apreciação da Pró-Reitoria de Ensino (PRE).

Prevendo uma formação continuada, o Bacharelado em Antropologia tem realizado ações, propondo a participação dos/as egressos/as, como organizadores/as, palestrantes, ouvintes. Esse trabalho enfatiza o grau de satisfação dos/as mesmos/as em relação às condições que o Curso lhes ofereceu e vem lhes proporcionando para o atendimento das exigências de sua prática profissional. O ingresso de ex-alunos/as nos mestrados, tanto da UFPEL como de outras universidades, também será empregado como instrumento de avaliação do curso.

Tendo em vista a vinculação do corpo docente com instâncias associativas — seja a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), seja a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) — as mesmas tornar-se-ão parceiras no processo de acompanhamento da produção acadêmica e profissional dos/as egressos/as do Bacharelado em Antropologia através do intercâmbio de dados, tendo como parâmetro a criação e a consolidação de novos cursos de Antropologia e Arqueologia no Brasil.

Outro elemento importante relacionado à avaliação trata-se do Portal do/a Egresso/a da Universidade Federal de Pelotas. Este tem por objetivo o acompanhamento dos/as profissionais formados/as de modo a identificar o índice de sucesso da instituição com base na inserção dos egressos no mercado de trabalho. A “pesquisa do/a egresso/a” visa a um diagnóstico para favorecer melhorias nos cursos de graduação e pós-graduação. O portal pode ser acessado no endereço eletrônico <https://wp.ufpel.edu.br/egresso/>

Por fim, esse Projeto Pedagógico disporá de uma Comissão Permanente de Acompanhamento, intitulada como Sistema Interno de Avaliação integralmente composta pelo Núcleo Docente Estruturante.

Eis os objetivos dessa Comissão:

- 1) Avaliar o processo de ensino e aprendizagem dos/as discentes;
- 2) Acompanhar os encaminhamentos burocráticos do Projeto Pedagógico;
- 3) Coordenar a documentação de avaliação do Curso pelo MEC;
- 4) Receber a Comissão de avaliação do Curso pelo MEC.

É importante destacar que o Núcleo Docente Estruturante (NDE) tem caráter consultivo, propositivo e de assessoria sobre a matéria acadêmica, para acompanhamento do curso e sua co-responsabilidade pela elaboração, implementação, atualização e consolidação do PPC, conforme Resolução nº 22, de 19 de julho de 2018, que dispõe sobre as diretrizes de funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas.

A Comissão Permanente de Acompanhamento compõe na íntegra o Núcleo Docente Estruturante (NDE).

Por fim, cabe destacarmos que a continuidade de vínculo dos egressos com o Curso e com a instituição tem se mostrado efetiva já que muitos/as discentes tem retornado à universidade, não apenas para participar de atividades de extensão, palestras, Cursos, e outras ações, mas também a continuidade da formação na Pós-Graduação em Antropologia na UFPEL, sendo esta composta pela maioria dos/as docentes do Bacharelado.

4.1 Sistema de avaliação do processo de ensino aprendizagem e apoio ao/à estudante

A avaliação é uma etapa importante do processo de formação discente, devendo garantir o desenvolvimento de suas competências profissionais. Ela é fundamental para diagnosticar questões relevantes, aferir resultados e identificar mudanças necessárias relacionadas a problemas teórico-metodológicos.

No processo de formação tendo em vista a diversidade tanto de educandos/as, técnicos/as e educadores/as torna-se necessária a implementação de políticas de reconhecimento destas como de ações para a inclusão. A UFPel possui um setor para apoio neste sentido, a Coordenação de Inclusão e Diversidade, que estabelece políticas e diretrizes na consolidação de ações na comunidade universitária em relação às cotas no ingresso e permanência no ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação e às cotas no ingresso nos cargos de servidores da UFPel, conforme a legislação vigente. As estratégias do curso se desenvolvem no sentido do acompanhamento dos grupos de estudantes cotistas efetivados pelas políticas de ação afirmativa, sendo que a Coordenação e o NDE apoiam os processos de levantamento de dados diversos e o incentivo de oferta de políticas institucionais e da sociedade em geral. A Coordenação e o NDE desenvolvem articuladamente com a CID ações para sensibilização e mobilização da comunidade universitária para a convivência com as diversas realidades presentes na diversidade social (correlacionadas à gênero e sexualidade, à etnia, à tradição das culturas, e à vulnerabilidade socioeconômica) e consolida o cuidado e atuação no campo da acessibilidade física e psicológica das pessoas da Universidade, propiciando sua convivência integrada na comunidade universitária. A CID é composta pelo Núcleo de Gênero que desenvolve atividades relacionadas ao gerenciamento das questões relacionadas aos conflitos e integração entre multigêneros na universidade. E em apoio a isso a Coordenação, o Colegiado e o NDE, atuam na divulgação da cultura de grupos multigêneros compartilhando saberes e incentivando a discussão sobre as temáticas da sexualidade e identidade de gênero e discute e busca o cumprimento das políticas de gênero através do intercâmbio universitário das comunidades historicamente discriminadas por sua identidade de gênero. A diversidade de raça e etnia é foco integral do curso, e nesta linha de reconhecimento e inclusão da diversidade.

O curso identifica no NAI, Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, um parceiro junto com os setores da PRAE (ligados a inclusão) a capacidade de colaborar, elaborar, acompanhar e implementar, as políticas de Acessibilidade e Inclusão dos

discentes que apresentam Deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Altas Habilidades ou Superdotação, colaborando para eliminar as barreiras pedagógicas, arquitetônicas, atitudinais, estruturais, de informação e comunicação, a fim de cumprir os requisitos legais nacionais e institucionais de acessibilidade e inclusão, efetivando a inclusão destes grupos ao Curso de Antropologia.

Nas avaliações de ensino-aprendizagem deverão ser coibidos os usos de plágio, devendo o/a docente deixar claro ao/a discente o quanto é grave este procedimento. Nenhuma forma de plágio ou transcrição indevida, isto é, cópia de frases de outros/as autores/as, sem a devida e correta citação de cada obra e publicação utilizada, deve ser permitida. A utilização de textos de outros/as autores/as sem a indicação de referência configura plágio. No desenvolvimento das atividades os/as professores/as devem lembrar e exigir que todas as referências dos trabalhos devam ser obrigatoriamente indicadas conforme estabelece as normas para realização de trabalhos acadêmicos da UFPEL.

Com o objetivo de construção do conhecimento intelectual e cognitivo, mais do que assimilação de conteúdos tradicionais, o Bacharelado em Antropologia buscará no/a estudante as seguintes habilidades:

- Capacidade de ouvir, olhar e expor suas ideias em sala de aula e espaços outros, a partir de parâmetros epistemológicos;
- Aptidão para compor mapas culturais;
- Habilidade de estruturar um projeto acadêmico com objetivo de realizar intervenções contextualizadas;
- Capacidade de realizar uma pesquisa etnográfica e/ou prática de campo arqueológica de modo a poder interpretar e estabelecer teorizações a partir dos dados coletados;
- Elaboração de texto escrito sobre aspectos estudados;

- Realização de uma reflexão imagética sobre aspectos estudados;
- Realização de catálogos, inventários e exposições museológicas, procedendo à análise de acervo antropológico.

Em cada uma dessas atribuições, os/as professores/as devem seguir minimamente o que está estabelecido no Regimento Geral da UFPel, conforme os artigos 183, 184, 185, 186, 187 e 188 abaixo referidos:

“Art.183- A verificação do aproveitamento do aluno será realizada por disciplina, abrangendo aspectos de assiduidade e avaliação de conhecimentos.

Art.184- A aprovação em cada disciplina é apurada semestralmente e fica condicionada a frequência do aluno pelo menos 75% (setenta e cinco por cento) das aulas teóricas e 75% (setenta e cinco por cento) das aulas práticas.

Art.185- O aproveitamento será aferido em cada disciplina mediante a realização de pelo menos 2 (duas) verificações com o mesmo peso, distribuídas ao longo do período, sem prejuízo de outras verificações de aula e trabalhos previstos no plano de ensino da disciplina.

Art.186-A média aritmética das verificações constituía nota semestral, considerando-se aprovado o aluno que obtiver nota semestral igual ou superior a 7 (sete).

Parágrafo Único - Os graus atribuídos aos trabalhos escolares serão em número de O (zero) a 10 (dez), admitida a primeira decimal.

Art.187- Considerar-se-á definitivamente reprovado o aluno que obtiver, média semestral inferior a 3 (três).

Art.188-O aluno que obtiver média semestral inferior a 7,0 (sete) e igual ou superior a 3,0 (três), submeter-se-á a um exame, versando sobre toda a matéria lecionada no período.

§1º- Considerar-se-á aprovado o aluno que, feito o referido exame, obtiver média igual ou superior a 5 (cinco), resultante da divisão por 2 (dois) da somada nota semestral com a do exame.

§2º- O não comparecimento ao exame importará em atribuição ao aluno, de nota O (zero).”

5. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A UFPel apresenta uma política institucional que integra pesquisa, ensino e extensão, resguardadas as características e a autonomia de cada um de seus Cursos. A articulação entre pesquisa, atividades de ensino e extensão, possibilita a relação entre os campos curriculares está sintonia com os princípios institucionais, sociais, pessoais, afetivos, cognitivos e com a legislação vigente. As/os docentes do Bacharelado em Antropologia coordenam aproximadamente uma dezena de projetos de extensão que estão vinculados ao Programa do Bacharelado em Antropologia. Os projetos de extensão abrangem temáticas diversas trabalhando em parceria com diferentes comunidades como: comunidades indígenas, comunidades quilombolas, grupos LGBTQI+, comunidades em vulnerabilidade social, debatem questões ambientais e de direitos humanos conforme previsto em legislação específica.

6. INTEGRAÇÃO COM OUTROS CURSOS E COM A PÓS-GRADUAÇÃO

A continuidade de vínculo dos egressos com o Curso e com a instituição tem se mostrado efetiva já que muitos/as discentes tem retornado à universidade, não

apenas para participar de atividades de extensão, palestras, Cursos, e outras ações, mas também a continuidade da formação na Pós-Graduação em Antropologia na UFPEL, sendo esta composta pela maioria dos/as docentes do Bacharelado. Outra ação inovadora que destacamos é a aproximação entre graduação e pós graduação em disciplinas optativas que envolvem graduando e pós-graduando. Após anos de experiência com esta proposta temos avaliado esta aproximação de maneira positiva.

7. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Esta perspectiva de ensino-aprendizagem depende efetivamente das possibilidades de efetivação das Tecnologias Educacionais, ligadas aos avanços tecnológicos e desafios emergentes. O ensino assim tratado evoca as relações com as demandas da sociedade da informação e um novo público de estudantes envolvidos em processos digitais. Os modelos educacionais dinâmicos, flexíveis, cooperativos, personalizados e interativos capacitam os/as educandos/as a desenvolverem-se como seres políticos, sociais e intelectuais, de uma forma livre e autônoma. O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) força a inovações nos processos de ensinar e aprender. A integração de novas tecnologias no ensino permite aos/as docentes criar e recriar materiais de aprendizagem a partir de uma combinação de material multimídia interativo. A integração da aprendizagem digital com as TICs reduz a barreira do tempo e do espaço nas restrições dos modelos tradicionais de ensino, onde os/as educandos/as atuam em abordagens de aprendizagem mais ativas.

A Universidade Federal de Pelotas utiliza como ambiente virtual de aprendizagem a plataforma de código aberto Moodle, em sua versão institucional que permite que seja feita uma modulação das necessidades do curso. O ambiente

favorece além de atividades a distância, atividades presenciais com interações e possibilidades de exploração distintas que não poderiam ser obtidas na sala de aula expositiva tradicional. A instalação da rede de fibra ótica nos campi da UFPEL tem possibilitado a eficácia de atividades de streaming ao vivo, tais como videoconferências e palestras virtuais, com participação de professores de diferentes instituições do Brasil, como no caso da disciplina de Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícia I que vem sendo organizada de modo a possibilitar a participação de pesquisadores/as diversos ao longo do semestre.

O Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som tem oferecido apoio às dinâmicas a distância com o agendamento do local e equipamentos. Destaca-se que é objetivo deste laboratório, vinculado ao Bacharelado em Antropologia, Seu principal objetivo é a capacitação técnica e reflexiva na exploração das linguagens visuais e audiovisuais aplicadas às pesquisas sociais, o que se justifica pela importância desses registros estarem associados ao embasamento teórico desta opção metodológica, assim como à relevância desse tipo de linguagem na divulgação e restituição de produtos acadêmicos junto a amplos segmentos da sociedade.

A CPED da UFPel possui uma equipe responsável pelo Moodle Institucional, que oferece suporte aos/as docentes e discentes.. Quanto à acessibilidade, o Moodle Institucional oferece suporte para estudantes com baixa visão e/ou cegueira. O NAI se propõe auxiliar nos demais casos, e, inclusive, oferecendo tradutores e intérpretes de LIBRAS para materiais comerciais que, eventualmente, venham sem legenda.

8. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

As tecnologias ao ensino constituem novos ambientes de ensino e incorporam as TIC, destacam-se os Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVA) e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), amplamente vislumbrados enquanto potenciais ferramentas de apoio ao processo de ensino/aprendizagem. Ferramentas

incorporadoras modelos de análise conceitual virtual. Estes permitem que o/a educando/a identifique os conceitos (definições) de interesse; selecione o campo para a coleta de dados ligados a estes/as; divida os atributos do conceito (ou definição) e as bases contextuais (antecedentes e consequentes); analise as características do conceito/definição (termos substitutos e conceitos/definições relacionados); busque exemplos de aplicação de conceito; e determine as implicações do conceito/definição; tudo no universo virtual de aprendizagem.

II - QUADRO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Nome	Formação	Função
Adriane Luisa Rodolpho	Licenciatura (1987) e Bacharelado em Historia (1989) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Aperfeiçoamento em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), Especialização (Diplôme d'Études Approfondies) (1998) e Doutorado em Anthropologie Sociale et Ethnologie pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (2002).	Professora DE

Cláudia Turra Magni	Graduação em História (1983-1987) e mestrado em Antropologia Social (1983-1994), ambos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Antropologia Social e Etnologia na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 1997-2002) .	Professora DE
Flávia Maria Silva Rieth	Possui graduação em Licenciatura Em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), graduação em Bacharelado Em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000).	Professora DE
Francisco Luiz Pereira da Silva Neto	Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001).	Professor DE

Louise Prado Alfonso	Bacharelado em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1999), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.	Professora DE
Renata Menasche	Graduação em Engenharia Agrônoma, Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Brasil. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS, 2003)	Professora DE
Rogério Reus Gonçalves da Rosa	Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais e Mestrado em Antropologia Social, ambos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).	Professor DE
Rosane Aparecida Rubert	Graduação em Ciências Sociais Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997), graduação em Ciências Sociais Licenciatura pela Universidade Federal do Rio	Professora DE

	Grande do Sul (1995) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007).	
Thaise Thurow Schaun	Graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (2009) e Especialização em Ciências e Tecnologias na Educação pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil (2012).	Servidora Auxiliar em Administração 40h

O Bacharelado em Antropologia é atendido ainda por vários/as técnicos/as administrativos/as vinculados/as aos laboratórios, porém estes são vinculados ao ICH.

III - INFRAESTRUTURA

Em relação à infraestrutura física, atualmente o Bacharelado em Antropologia da UFPel dispõe de salas de aula, laboratórios, salas de professores/as e salas destinadas às atividades administrativas.

As salas de aula para os semestres iniciais estão lotadas no ICH em seu terceiro piso, os semestres seguintes são distribuídos na instituição conforme disponibilidade da IES. Vale ressaltar que o terceiro piso do prédio do ICH dispõe de ar-condicionado central, banheiros e acesso via escadas e elevador. Há um aparelho de data show e notebooks disponíveis para o Departamento de Antropologia e Arqueologia. Também acesso à rede wi-fi da Universidade em todo o prédio do ICH.

Os/as docentes estão lotados/as em salas dos laboratórios e núcleos, sendo estes:

Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) – equipado;

Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA) – equipado;

Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA) – equipado

Grupo de Estudos Urbanos (GEEUR) – equipado

Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA) - equipado

Laboratório de Pesquisa e Ensino em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) - equipado

O Bacharelado possui uma sala coletiva de docentes, com duas mesas redondas, dez cadeiras e um computador para uso docente. A sala de docentes é amplamente utilizada para reuniões de diversos grupos de pesquisa durante o semestre. As Secretarias do Colegiado de Antropologia, de História e dos

Departamentos de Antropologia e Arqueologia e História dividem uma ampla sala no piso térreo do ICH. A aproximação entre as secretarias possibilitou um melhor atendimento às/aos discentes dos cursos.

Os/as discentes do Bacharelado em Antropologia têm acesso a uma sala de estudos (sala 337) equipada com computador, além da disponibilidade da rede wi-fi da Universidade. Cada um dos laboratórios e núcleos de pesquisa e extensão do curso dispõe de computadores, alguns dos quais estão vinculados às atividades de ensino de disciplinas do curso, outros às atividades de pesquisa e extensão. O Bacharelado ainda conta com as novas instalações da Biblioteca de Ciências Sociais (BCS) que oferece salas de estudos para discentes e docentes. A inauguração da Biblioteca trouxe uma grande melhoria de infraestrutura para o Bacharelado em Antropologia.

Entre as tecnologias de informação e comunicação utilizadas no desenvolvimento das atividades do curso destaca-se o Sistema Integrado de Gestão – Cobalto. A efetivação do Projeto Pedagógico do Curso é também facilitada pelo compartilhamento online da bibliografia entre docentes e discentes. Nesse sentido, as redes sociais são também utilizadas como facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem.

Ressalta-se ainda que o programa “Minha Biblioteca” é utilizado para suprir as deficiências das vias físicas. Outro elemento importante é participação do curso nos editais visando a compra de livros a fim de suprir as deficiências do acervo da biblioteca para a área. Outro elemento positivo trata-se das plataformas digitais, o acervo pode ser consultado online através da plataforma Pergamun, na qual é possível acessar o Sistema de Gerenciamento do Acervo das Bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas (SISBI/UFPel).

Os Laboratórios didáticos de formação básica do curso de Bacharelado em Antropologia são aqueles cujas atividades vinculam-se às disciplinas do curso.

O LEAA/GEPAC – Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais é vinculado aos Departamentos de Geografia e de Antropologia e Arqueologia, compreende as disciplinas de Antropologia Rural e Antropologia do Consumo, estando instalado em sala de 35 m² com mobiliário (armários, mesas, cadeiras, estantes). O Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais/Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura dispõe de equipamentos de informática e outros equipamentos, conforme segue: 1 GPS, 4 câmeras fotográficas digitais, 1 filmadora, 4 gravadores de voz, 1 projetor, 1 escâner portátil, 1 tripé, 10 suportes para banners. O LEAA também abriga uma pequena biblioteca que, na área de Antropologia, contém acervo em temas relacionados aos estudos rurais, da alimentação e do consumo, é composta por cerca de 200 livros.

O NETA - Núcleo de Etnologia Ameríndia – compreende as disciplinas de Etnologia Ameríndia I, II, III e Seminário de Etnologia Ameríndia I, II e III, estando instalado em sala de 29 m² com mobiliário (armário, estantes, mesas, cadeiras), 1 Televisor colorido 29”, data show e equipamentos de informática.

O LEPPAIS – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som – compreende as disciplinas de Antropologia Audiovisual e da Imagem e Oficina de Imagem e Som em Antropologia, estando instalado em sala de 42 m² com mobiliário (armários, estantes, bancadas, mesas, cadeiras), equipamentos de informática e outros equipamentos conforme segue: 2 filmadoras digitais MiniDV HDV Sony HVR-HD1000N, 2 filmadoras, 2 Filmadoras Digital Handycam Sony DCR-SX45, 1 projetor multimídia Sanyo, 1 tela de projeção 98” c/tripé embutido, 1 ar condicionado, 3 tripés Profissional Fotográfico em alumínio, 1 Conversor de áudio FastTrack Pro-M-Audio, 1 Gravador Audio Zoom H1, 1 Microfone Direcional Yoga HT-81, 1 Microfone Condensador Yoga EM-280, 1 Gravador e Leitor Blu-ray externo, 2 Kits Câmera Digital DSLR Canon EOS T5i c/ lente Canon EF-S 18-55mm *f*3.5-5.6 IS STM (397751 /397752), 2 Lentes Yongnuo EF 50mm *f*1.8, 1 Lente

Canon EF-S zoom 55-250mm *f*4-5.6 IS STM, 1 Gravador de Áudio Digital TASCAM DR-40 (398483), 1 Projetor Multimídia NEC VE281 (398482).

O Lâmina - Laboratório Multidisciplinar de Investigação em Arqueologia – compreende as disciplinas de Conservação de Materiais Arqueológicos Musealização da Arqueologia e da Antropologia, estando em sala de 35 m², possui 4 TVs de LED 24", 2 desumidificadores, 1 balança eletrônica de precisão, 2 luxímetros digitais, 1 condutivímetro, 3 contentores de 1000 litros com rodas, 1 clavulário em aço, 6 quadros de cortiça, 10 fones de ouvido com microfone.

O LEICMA – Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material – abrange as disciplinas de Arqueologia Pública e Arqueologia Histórica – estando instalado em área de 200 m² com mobiliário (armários, mesas, cadeiras, estantes). Possui equipamentos de informática e outros equipamentos, conforme segue: 5 GPS de navegação, 3 câmaras fotográficas profissionais, uma estação total marca LEIKA, 1 escâner de mesa, 1 lupa trinocular.

O LEPAARQ – Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – compreende as disciplinas de Prática de Campo I e II, e Prática de Laboratório I e II, estando instalado em área de 170 m² com mobiliário (armários, mesas, cadeiras, estantes, bancadas, mapotecas), materiais diversos de escavação e laboratório, equipamentos de informática e outros equipamentos conforme segue: 1 filmadora digital portátil, 2 projetores multimídia, 2 telas de projeção 98" c/tripé embutido, 1 câmera fotográfica digital, 1 microscópio biológico binocular com ótica, 1 Lupa Binocular 40x, 3 aparelhos de ar condicionado, 1 lupa microscópica portátil, 1 drone Phantom III Advanced, 4 GPS de navegação Garmin etrex Legend, 15 suportes para cartazes, além de acervo de livros, periódicos e cópias de teses e dissertações. O LEPAARQ abriga uma Reserva Técnica de coleções arqueológicas com mais de 120 acervos. O espaço da Reserva Técnica vem sendo equipado com a aquisição de centenas de caixas de polipropileno de diversos tamanhos para melhor adequação das coleções. Foi adquirido também um Datalogger AKSO- AK172 para

controle de Temperatura e Umidade do espaço da RT. Por último, o GEEUR – Grupo de Estudos Antropológicos Urbanos – abrange as disciplinas de Patrimônio Cultural e Antropologia Urbana, está instalado em sala de 23 m² com mobiliário (armário, estante, mesas, cadeiras) e equipamentos de informática.

Cabe ao/a Coordenador/a do Curso conforme Regimento Interno da Universidade: integrar o Conselho Universitário, quando for o caso; presidir os trabalhos do Colegiado de Cursos; responder, perante o Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão, pela eficiência do planejamento e coordenação das atividades de ensino do curso correspondente; fiscalizar o cumprimento da legislação federal de ensino relativa ao curso; coordenar a atividade de orientação discente no âmbito do respectivo curso; designar os/as professores/as-orientadores/as; receber e encaminhar os processos dirigidos ao Colegiado de Curso; solicitar aos/as chefes de Departamentos as providências necessárias ao regular funcionamento do curso; cumprir e fazer cumprir as decisões do Colegiado de Curso; assegurar o regular funcionamento do colegiado de curso, dentro das normas do Estatuto e do Regimento da Universidade e Resolução do Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão. Considerando estas atribuições cabe ao/a coordenador/a atuar amplamente junto ao curso, mas incentivar as ações dos/as alunos/as e docentes quanto ao seu processo de formação.

Conforme Regimento Interno da UFPel

Art.126 – As atribuições dos Colegiados de Cursos:

I coordenar e supervisionar o curso;

II receber reclamações e recursos na área do ensino;

III apreciar os pedidos de transferência e estudar os casos de equivalência de disciplinas de outras Universidades ou Unidades de Ensino para efeitos de transferência;

IV elaborar ou rever o currículo, submetendo-o ao Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão;

V propor ao Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão, a organização curricular dos cursos correspondentes;

VI emitir parecer sobre os processos relativos a aproveitamento de estudos e adaptação, mediante requerimento dos interessados;

VII assegurar a articulação entre o ciclo básico e o ciclo profissional do curso correspondente;

VIII estabelecer normas para o desempenho dos professores orientadores;

IX emitir parecer sobre recursos ou representações de alunos sobre matéria didática;

X aprovar o Plano de Ensino das disciplinas do curso correspondente;

XI aprovar a lista de ofertas das disciplinas do curso correspondente para cada período letivo;

XII propor aos Departamentos correspondentes os horários mais convenientes para as disciplinas de seu interesse;

XIII elaborar seu Regimento, para aprovação pelo Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Dante. La Arqueología en Bolivia: reflexiones sobre la disciplina a inicios del siglo XXI. **Arqueología Suramericana**, v.1, n. 2. Popayan (Colômbia): Universidad del Cauca, p.185-211, 2005.

BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.21, n. 2. Juiz de Fora (SP), p.139-154, 2008.

BRASIL. CN. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº.10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

BRASIL. CNE, Resolução Nº 1 de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 1 de 23 de janeiro 2012. Dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação.

BRASIL. CNE. Resolução Nº 2 de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

BRASIL. CNE. Resolução. CP nº 2 de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

BRASIL. Congresso Federal. Lei n 9.795 – de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental. Institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Constituição 1988. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 2003.

BRASIL. Decreto nº 49.529 de 12 de Dezembro de 1960. Cria Universidade Rural do Sul e dá outras providências.

BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Versa sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais.

BRASIL. Decreto Nº 6.944 de 21 de agosto de 2009. Estabelece medidas organizacionais para o aprimoramento da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, dispõe sobre normas gerais relativas a concursos públicos, organiza sob a forma de sistema as atividades de organização e inovação institucional do Governo Federal, e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 60.731, de 19 de Maio de 1967. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 7.824 de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 750 de 8 de agosto de 1969. Provê sobre a transformação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e dá outras providências.

BRASIL. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008. 6 p.

BRASIL. Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria nº 1.134 de 10 de outubro de 2016. Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Normativa nº 18 de 11 de outubro de 2012. Dispõe sobre a implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino de que tratam a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012.

BRASIL. Orientação Normativa Nº 2, de 24 de junho de 2016. Estabelece orientação sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional.

CONVENÇÃO, N. 169 sobre povos indígenas e tribais. Resolução referente à ação da OIT/Organização Internacional do Trabalho. Brasília: OIT, 2011.

DÍAZ-ANDREU, M. **A world history of nineteenth Archaeology: nationalism, colonialism, and the past.** Oxford: Oxford U.P, 2007.

GNECCO, C. La indigenización de las Arqueologías nacionales. In: POLITIS, G.; PERETTI, R. (Org.). **Teoría arqueológica en América del Sur.** Olvarria: INCUAPA/UNICEN, 2004 p.115-129.

GOSDEN, C. **Anthropology and Archaeology: a changing relationship.** London: Routledge, 1999.

GRAN-AYMERICH, È. **Naissance de l'Archeologie moderne (1798-1945).** Paris: CNRS Éditions, 1998.

HABER, A. Supuestos teórico-metodológicos de la etapa formativa de la Arqueología de Catamarca (1875-1900). **Publicaciones Arqueología**, v. 47. Córdoba, p. 31-54, 1994.

HELM, C. M. V.; SANTOS, Silvio Coelho dos (org.). TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Memória da Antropologia no Sul do Brasil.** Florianópolis: Editora da UFSC; ABA, 2006.

INSTITUTO TÉCNICO DE PESQUISA E ASSESSORIA. Banco de Dados Zona Sul. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2014.

Prefeitura Municipal de Pelotas. 2008. III Plano Diretor de Pelotas. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/arquivos/lei_5502.pdf>. Acesso em: 10/10/2017.

Projeto Pedagógico do Curso de Antropologia da Universidade Católica de Goiás. 2006.

Projeto Pedagógico do Curso de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História da UFPEL. Pelotas, 2006.

Projeto Pedagógico do Curso de Museologia da UFPEL. Pelotas, 2006.

RIETH, F. M. S. História da Antropologia na UFPEL: entre os campos da Antropologia Física, Cultural e Filosófica. In: **Relatório de Pesquisa**. UFPEL, 2007–2008.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2007 (Coleção Memória da Educação)

TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge U.P., 1990.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 22 de 19 de julho de 2018. Dispõe sobre as diretrizes de funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas.

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 29 de 13 de setembro de 2018. Dispõe sobre o Regulamento do Ensino de Graduação na UFPel.

UFPel. COCEPE. Resolução nº 42 de 16 de novembro de 2017. Dispõe sobre a abertura de vagas específicas em curso de graduação da UFPel (Estudantes indígenas e quilombolas).

UFPEL. COCEPE. Resolução nº 27 de 14 de setembro de 2017. Aprova indicadores de qualidade para os projetos, programas e atividades de ensino a distância.

UFPEL. ESTATUTO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. 1969.

UNESCO. Convenção de 14 de dezembro de 1960. Convenção relativa à Luta contra a Discriminação no campo do Ensino.